



Universidade Federal Da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social

Kalina Fernandes Gonçalves

**POR UMA UTOPIA REALIZÁVEL:
O FEMINISMO ENGAJADO E O SOCIALISMO UTOPICO NAS OBRAS DE
FLORA TRISTAN NO SÉCULO XIX**

Salvador/Bahia

2017

Kalina Fernandes Gonçalves

**POR UMA UTOPIA REALIZÁVEL:
O FEMINISMO ENGAJADO E O SOCIALISMO UTOPICO NAS OBRAS DE
FLORA TRISTAN NO SÉCULO XIX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima.

Salvador/Bahia

2017

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gonçalves, Kalina Fernandes

POR UMA UTOPIA REALIZÁVEL: O FEMINISMO ENGAJADO E O
SOCIALISMO UTÓPICO NAS OBRAS DE FLORA TRISTAN NO SÉCULO XIX.
Kalina Fernandes Gonçalves -- Salvador, 2018.
115 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
História Social) -- Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

1. Flora Tristan. 2. Feminismo. 3. Socialismo. 4. mulheres
5. Século XIX. I. Lima, Marcelo Pereira. II. Título.



PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO		MATRICULA	NIVEL DO CURSO
Kalina Fernandes Gonçalves		214121673	Mestrado
TÍTULO DO TRABALHO			
Por uma utopia realizável: o feminismo e o socialismo utópico nas obras de Flora Tristan no século XIX			
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF	
Profª Drª Lina Maria Brandão de Aras (PPGH-UFBA)		254.145.425-20	
Profª Drª Iole Macedo Vanin (PPGNEIM-UFBA)		60893885568	
Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima (UFBA, Orientador)		037.327.6571	

ATA

Aos trinta e um dias do mês de março do ano de 2017 nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Kalina Fernandes Gonçalves do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em História. Após a abertura da sessão, o professor doutor Marcelo Pereira Lima, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra a autora, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do(a) examinando(a). Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu aprovar a aluna. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

A dissertação atende as exigências para o trabalho acadêmico. Destaque a estrutura e a narrativa na discussão do objeto, realizada com maestria pela mestranda.

SSA, 31/03/2017: Assinatura do aluno:

SSA, 31/03/2017: Assinatura do professor orientador:

“Por muito tempo na História ‘anônimo’ era uma mulher.”

Virginia Wolf

“Nada causa mais horror a ordem do que mulheres que lutam e sonham.”

José Martí

Agradecimentos:

A conclusão de um trabalho é sempre um passo importante e desejado. É a finalização de um projeto e o recomeço de novas propostas e reflexões intelectuais a que nos dispomos a pensar.

Gostaria de agradecer à Universidade Federal da Bahia e ao Programa de Pós-Graduação em História Social, ao Departamento de História pela oportunidade acadêmica, as aulas e discussões, pela utilização dos espaços físicos e a contribuição em todos os aspectos na consolidação do Mestrado em História Social.

Agradeço ao financiamento e apoio da Capes, com a bolsa de pesquisa para os estudos durante o Mestrado.

Agradeço a todos os professores, pelo aprendizado dentro e fora da sala de aula, pelos diálogos e pela troca, já que muitos nos inspiram não apenas como profissionais e mestres, mas também como seres humanos de grande admiração.

Agradeço imensamente a meu orientador, a professor Doutor Marcelo Pereira Lima, pela orientação indispensável para a conclusão desse trabalho. Além da amizade, do carinho e do respeito com que sempre me tratou em todas as etapas desse trabalho de pesquisa. Com quem tive a felicidade de conviver e trabalhar, deixo aqui minha gratidão e admiração.

Agradeço a banca de defesa desse trabalho, que além de avaliação necessária, só tem a enriquecer a defesa desse trabalho. Nas pessoas das professoras Lina Maria Brandão de Aras e Iole Macedo Vanin, com que tive a honra de contar para essa defesa.

Agradeço a família sempre presente com o apoio incondicional e que nos sustenta. A minha mãe Graça e meu pai Wantuelfer pelo amor e compreensão. Aos meus irmãos Ana Carolina e Wantuelfer, pela nossa ligação única, pelas horas de alegria e pelas longas conversas, e por todo apoio intelectual e afetivo. Aos meus sobrinhos Daniel e Elidio, meus amores, e que enriquecem as nossas vidas.

Aos colegas de turma, pelas conversas, pelos momentos dentro e sala de aula, pela troca de conhecimentos e experiências necessárias à vida acadêmica.

Em especial, Ailton Carneiro e Tatiane Souza, duas almas generosas e mentes brilhantes que tive o prazer de dividir as dores e as delícias da vida acadêmica. Nossa ligação ultrapassou em muito os muros de São Lazaro e hoje tenho confiança de chamá-los de amigos.

Agradeço a experiência que foi Salvador, pelos caminhos que me levaram até essa cidade encantadora. Pela energia e pelos amigos encontrados. Em especial: Tati Matos, Emídio Tavares e Tiago Fersan.

Aos amigos, são muitos, os amigos de infância; da minha cidade, Viçosa; de minha nova cidade Belo Horizonte; amigos antigos e recém-chegados, amigos de infância, da graduação, pessoas que dividimos nossos sorrisos e choros, nossas expectativas e frustrações. Tenho a alegria de dizer que muitos nomes me vêm à mente, tantos que fica difícil nomeá-los. Para citar aqueles

mais presentes: Mônica Freitas, Juliana Deolinda, Arianne Barbara, Hanah Aridi, Elaine Leal, Juliana Ferreira, Carol Fabbri, Pollyana Gouveia, Barbara Souto, Eduardo Rezende, Daniele Moreira, Léo Neto, Rafaella Duarte, Roberto Cambraia, Leandro Oliveira, Tatiane Oliveira, Neycir de Paula, Jussileide Ferreira, Fabiana Valente, Weszllen Rodrigues entre outros tantos nomes que tenho o prazer de ter como amigos.

A João Paulo Lustoza Ferreira que nesses anos foi meu amigo, meu namorado e companheiro. E hoje continua presente, agradeço pelas longas conversas, pelas palavras nos momentos de aflição, pelo incentivo e por nossa ligação indelével. Agradeço também o carinho e o acolhimento de sua família, sua mãe e irmãs, Maria da Conceição; Luciana e Úrsula, que me foram de uma gentileza acalentadora.

Não existe trabalho que seja feito e idealizado sozinho, por isso, agradeço a todas essas pessoas calorosamente através dessas pequenas palavras.

Agradeço ainda, pela inspiração, a todas as mulheres que lutaram pelo direito para que outras mulheres pudessem estar em um lugar de reconhecimento acadêmico, todas as mulheres que ousassem sonhar, e que em nome delas possamos progredir através do conhecimento e de reflexões pertinentes para uma sociedade mais igualitária e justa.

Muito obrigada a todos (as).

GONÇALVES, Kalina Fernandes. POR UMA UTOPIA REALIZAVEL: O FEMINISMO ENGAJADO E O SOCIALISMO UTOPICO NAS OBRAS DE FLORA TRISTAN NO SÉCULO XIX 2017. fl. Dissertação parcial (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social (UFBA), 2017.

Esse trabalho tem como objetivo analisar o discurso feminista e socialista nas obras da autora francesa Flora Tristan (1803-1844), considerada uma das precursoras do feminismo e do socialismo utópico. Para a pesquisa, foram analisadas três obras da autora, dois relatos de viagem *Peregrinações de uma Pária* (1835), *Passeios em Londres* (1840) e um livro político *União Obreira* (1843). Parto da hipótese de que Flora Tristan concebeu um texto original ao unir duas concepções políticas e dois movimentos em voga no século XIX. A autora criou assim assimilações singulares com a junção da perspectiva feminista e da crítica e os ideais socialistas. A leitura dessas fontes é direcionada, portanto, a compreender a construção do discurso político da autora. Para além disso, Flora Tristan narrou sobre as sociedades (peruana e inglesa) e sobre os contextos político e sociais vivenciados por ela nesses locais (pós-independência do Peru e efervescência econômica da Inglaterra). A autora também apresentou o contexto social das mulheres na sociedade oitocentista, principalmente da mulher separada, traduzindo sua experiência pessoal em uma metáfora social, as mulheres como Párias da sociedade. Muitas outras identidades femininas são possíveis enxergar através dos escritos de Flora Tristan, a estrangeira, a mãe, a autora, a viajante etc, assim, como suas observações acerca da classe operária em suas condições e suas reivindicações. Essa pesquisa tem como norte teórico os estudos feministas e as discussões de gênero. O trabalho insere-se na linha de pesquisa da História Social, História das Mulheres e História Contemporânea.

Palavras-chave: Flora Tristan, Feminismo, Socialismo, mulheres, Século XIX.

ABSTRACT

This work aims to analyze the feminist and socialist discourse in the works of the French author Flora Tristan (1803-1844). The author is considered one of the forerunners of feminism and a utopian socialist. For the research were analyzed three works of the author, two travel reports *Peregrinations of a Pariah* (1835), *Tours in London* (1840) and a political book *Workers Union* (1843). I start from the central hypothesis that Flora Tristan conceived an original text by uniting two political conceptions and two movements in vogue in the nineteenth century. The author has thus created singular assimilations with the junction of feminist and critical perspective and socialist ideals. The reading of these sources is directed, therefore, to understand the construction of the author's political discourse. In addition to this, Flora Tristan narrated in her important travels reports on Peru and English societies, and on the political and social contexts she lived in these places (post-independence of Peru and economic effervescence of England). The author also presented through her narratives the social context of women in the nineteenth-century society, especially the separated woman, translating her personal experience into a social metaphor, women as society pariahs. Many other feminine identities are possible to see through the writings of Flora Tristan, the foreigner, the mother, the author, the traveler. Thus, how his observations about the class would operate on its conditions and its claims. This research has as theoretical the theoretical feminist studies and the discussions of gender. The work is part of the research line of Social History, Women's History and Contemporary History.

Keywords: Flora Tristan, Feminism, Socialism, women, 19th century.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO _____	08
CAPÍTULO 1 - OS FEMINISMOS: OS PENSAMENTOS, AS TEORIAS, AS PRÁTICAS _____	14
1.1 Breve historiografia acerca do pensamento Feminista _____	15
1.2 O movimento feminista dos oitocentos _____	21
1.3 Os movimentos feministas dos anos 60/70 e as teorias de gênero _____	25
1.4 Entre os Estudos Feministas, a História das Mulheres e os Estudos de Gênero _____	27
CAPÍTULO 2 - A MULHER, A ESCRITORA: FLORA TRISTAN E O PROBLEMA DA AUTORIA _____	33
2.1 A leitora _____	33
2.2 Escrever _____	40
CAPÍTULO 3 - EM OUTRO LUGAR: A VIAJANTE NARRADORA E AS QUESTÕES DA IDENTIDADE. _____	58
3.1 A observadora narradora _____	59
3.2 A estrangeira: o olhar sobre a sociedade Peruana e Inglesa _____	70
3.3 Considerações acerca da identidade (s) _____	80
CAPÍTULO 4 - O DISCURSO POLÍTICO: FEMINISMO E SOCIALISMO _____	87
4.1 As mulheres e a Classe Operária _____	89
4.2 Para além do utópico _____	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	110
FONTES _____	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a análise das obras da autora francesa Flora Tristán (1803-1844), particularmente em seus aspectos políticos – as concepções do socialismo utópico presentes nas obras – e aspectos sociais – a construção das suas concepções feministas - reunidos em suas obras e que foram determinantes na sua vida. Suas obras são relatos sobre diferentes lugares que conheceu no século XIX, como o Peru pós-independência, narrado em *Peregrinações de uma Paria* (1838), e a capital inglesa em plena efervescência da Revolução Industrial, experiência narrada em *Passeios em Londres* (1839). Estas obras apresentam a construção do seu pensamento feminista e sua assimilação às teorias socialistas e refletem a experiência da autora em seu próprio país, principalmente sua exclusão social como mulher, que desemboca no discurso utópico de *Union Obrera* (1842), livro no qual ela desenvolve suas ideias políticas.¹

As obras citadas constituirão as fontes da pesquisa. As fontes são produtos da vivência da autora, que relatam suas experiências pessoais, mostrando especialmente a condição social que passavam as mulheres do século XIX, além de sua reflexão intelectual, estimulada pelas ideias em voga no período, como o socialismo utópico e o feminismo. Dados biográficos sugerem que suas desastrosas experiências pessoais a impulsionaram a buscar nas ideologias o suporte para reflexão de sua realidade e se tornar escritora.

Em *Peregrinações de uma Pária*, Tristan tem uma narrativa mais íntima, questões mais pessoais são expostas. Isso ocorreu tanto pelo caráter de sua viagem, como pelo seu tipo de observação, em meio a sua família paterna. Nessa obra, Flora Tristan traça uma narrativa partindo de sua perspectiva individual para o discurso totalizante de gênero, trazendo, assim, o cerne da construção do seu discurso feminista, que a acompanhou em suas próximas obras.

Em *Passeios em Londres*, Flora assume uma forma mais “jornalística” em sua viagem e em sua escrita. Buscando descrever lugares que traduzissem todos os espaços sociais que conheceu e circulou naquele país e a exploração social fruto do desenrolar da Revolução Industrial. É nesse contexto que ela aproxima os dois pontos de seu engajamento, o feminismo e o socialismo em seus relatos. Tanto pelo lugar de sua visita,

¹ Farei as referências das fontes nas notas através de siglas para cada obra: *Peregrinações de uma Pária* (PP); *Passeios em Londres* (PL) e para *União Obreira* (UO).

com um alto grau de desenvolvimento da economia Industrial e seus visíveis conflitos entre as classes sociais, como pelo seu discurso mais exteriorizado e denunciativo.

O livro mais político intitulado a *União Obreira* é a assimilação das duas correntes políticas de Flora Tristan, em uma tentativa de transformar o mundo a sua volta através da ação. Ela se dirigiu diretamente aos trabalhadores e a mulheres, propondo uma união geral e fraternal entre os proletários, considerando o papel das mulheres no sentido de mudança e abarcando a supressão da igualdade política entre os sexos. Tristan propôs uma tentativa de organização social e trabalhista, visando a ajuda mútua entre as classes operárias.

Tendo como foco principal da discussão o feminismo e o socialismo, ambos os movimentos políticos nascidos no século XIX, o trabalho almeja o entendimento de questões da contemporaneidade. Dessa forma, o projeto insere-se na linha de História Social. São inegáveis as concepções culturais implícitas para a pesquisa que se desdobram dos mecanismos políticos da época.

Ainda é possível acrescentar que os movimentos vislumbrados pelas fontes (feminismo e socialismo) nasceram de transformações políticas de profunda importância para o entendimento da contemporaneidade. Portanto, o trabalho pretendido tem como foco importantes acontecimentos que modificaram profundamente a sociedade ao longo do século XIX, inserindo-se, dessa forma, nas pesquisas contempladas pela chamada História Contemporânea.

Articulado a isso, esse trabalho insere-se também nos Estudos Feministas e na chamada História das Mulheres. Para tanto, é necessário considerar as questões de gênero, tendo em vista a supressão das mulheres da história. É certo que esse “silêncio” é uma “tradução redobrada de outra exclusão: a das mulheres em relação à vida e ao espaço público na Europa Ocidental no século XIX”.² Este projeto, assim como os trabalhos de gênero de forma geral, visa dar voz a essas mulheres, colocadas há muito tempo em segundo plano e hoje analisadas como agentes históricos. Portanto, essa pesquisa tende a participar da discussão de gênero.

Parto da hipótese preliminar de que Tristan, ao unir duas concepções idealistas de mundo, como o feminismo e o socialismo, construiu e exerceu sua originalidade enquanto autora, combinando essas dimensões de crítica social e política. As duas concepções

² PERROT, Michelet. *Os Excluídos da História*. Trad. De Denise Bottmann. 4ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2006. p. 186.

políticas exerceram uma influência mútua, fundamentando e complementando os questionamentos de Flora.

O feminismo de Tristan critica a diluição do componente feminino dentro da categoria “classe” pelos socialistas, e o socialismo amplia a luta contra exploração em prol de uma igualdade entre as parcelas exploradas da sociedade, fazendo com que a autora exerça um feminismo socialista ou um socialismo feminista. Trata-se de um discurso de características únicas. Esse é o eixo norteador dessa pesquisa.

Com o desdobramento desse problema de pesquisa, outras questões surgem pela leitura das fontes, contemplando aspectos específicos. As inspirações de autores feministas e socialistas dentro do trabalho de Flora Tristan; a influência de suas viagens em seu olhar e na sua escrita; as múltiplas identidades contidas em suas obras; como a autora fala de si através de sua narrativa; a relevância de seu discurso dentro das duas correntes políticas; seu engajamento feminista ao longo da vida; seu posicionamento político que culminou em uma ideologia socialista.

Ambicionei contribuir para a História das Mulheres ao trazer uma fonte histórica que possibilitou desenvolver (limitadamente) os usos textuais e as práticas discursivas femininas, além do contexto de crescimento da escrita feminina e do pensamento contraventor dos espaços e limitações associados às mulheres.

Me associo, ao menos em parte, à vertente pretendia por Louise Tilly,³ que creditava ao uso da História Social e à contribuição das biografias como interessantes recursos para os estudos das mulheres.

Aliás, o debate entre as autoras Joan Scott, Louise Tilly e Eleni Varikas,⁴ a respeito das análises de gênero e estudos da mulher, serviu de base teórica para essa pesquisa. As três autoras têm importância indiscutível dentro dessas assimilações das pesquisas desse âmbito e foi leitura indispensável para qualquer trabalho que pretenda se inserir nesse contexto.

Trabalhei também com as concepções teóricas da análise do discurso, principalmente os textos de Eni P. Orlandi, que trabalha com a análise da discursividade

³ TILLY, Louise. Gênero, História das mulheres e história social *Cadernos Pagu*. Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: Unicamp, 1994.

⁴ SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99; VARIKAS, Eleni. GÊNERO, EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu* 1994: pp. 63-84

(efeito de sentido entre os locutores) somada aos dispositivos teóricos de interpretação (no caso, a História).

Neste estudo, com a análise de discurso, pretende-se compreender melhor os sujeitos, os sentidos e suas relações sociais. Para tentar resumir esse estudo complexo, corroboro com a perspectiva de Orlandi, quando diz que:

(...)a análise de discurso se institui como uma escuta particular que tem como característica ouvir no que é dito o que é dito ali e em outro lugar, o que não é dito e o que deve ser ouvido por sua ausência necessária. Isto resulta no que chamamos compreensão em análise de discurso que é o movimento pelo qual apreendemos o processo de produção dos sentidos e dos sujeitos.⁵

Para melhor compreensão dos tópicos trabalhados, dividir-se-á a dissertação em quatro capítulos e subtítulos complementares. Um capítulo introdutório para as questões propriamente teóricas de gênero e os estudos feministas dentro da historiografia e seus aspectos filosóficos. Intitulado *Os Feminismos, o pensamento, as teorias e as práticas*, ele tem como objetivo introduzir o pensamento feminista no mundo contemporâneo, tentando abarcar do surgimento do pensamento feminista, advindo das contradições das revoluções burguesas e do pensamento liberal, aos primeiros movimentos organizados, a chamada primeira onda, ao pensamento de escritoras precursoras do século XIX, bem como discorrer sobre a ligação e distanciamento com as teorias socialistas. O desígnio desse capítulo é tratar sobre os estudos de gênero como teoria e metodologias de pesquisa, abarcando principalmente as autoras que serviram de embase teórico para essa pesquisa. Em parte, ele também tem um papel de contextualização histórica e historiográfica mais geral

O segundo capítulo constituiu-se em uma introdução aos aspectos biográficos de Flora Tristan e suas inspirações intelectuais. Portanto, o texto *A mulher, a escritora: Flora Tristan e a questão da autoria* teve como direção introduzir a biografia de Flora Tristan dos primeiros anos de vida, a história de seus pais, sua separação e o início de suas viagens. Além disso, pretendeu-se explorar os anos de sua iniciação como leitora de obras feministas e políticas, bem como discutir sua biografia, não como um trabalho puramente biográfico-individualista, mas, de forma mais histórica, como fonte de análise para sua formação como autora e suas escolhas como viajante. O foco recairá sobre as suas próprias palavras sobre o ato de escrever, sobre suas expectativas e motivações autorais.

⁵ ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E; e LAGAZZI-RODRIGUEZ, S. (Org). *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes. 2006. P. 28

O terceiro ficou concentrado nas suas viagens e na sua visão sobre o outro e sobre as sociedades. Chamei de *Em outro lugar: A viajante narradora e as questões de identidade*. Este capítulo concentra a atenção nas duas primeiras viagens de Flora Tristan ao Peru e a Inglaterra. Ele tem como objetivo principal traçar os motivos que a levaram a viajar e como essas viagens influenciaram o seu discurso. Pretende-se, portanto, discutir a imagem de Tristan como uma observadora da sociedade, o seu reconhecimento como uma mulher estrangeira, o seu olhar sobre a cultura e a política. A ideia é problematizar como as viagens influenciaram/modificaram seu olhar a respeito do mundo e de suas concepções políticas, especialmente as (des) conexões estabelecidas entre o feminismo e o socialismo. Tudo isso será feito tendo em mente leituras sobre a narrativa de viagem como fonte histórica e o uso da escrita feminina. Tento perceber analiticamente a construção das múltiplas configurações identitárias enquanto mulher, separada, estrangeira, etc.

O quarto e último capítulo dedica algumas linhas ao seu engajamento político (feminismo e socialismo) e à sua construção idealista de uma organização social para suprir o que Flora considerava as ânsias ou expectativas sociais das mulheres e dos proletários. Com o título *O discurso político: feminismo e socialismo*, esse capítulo está destinado a tratar do discurso político dentro da narrativa de viagem e da obra “política” de Flora Tristan, concentrando a atenção sobre sua perspectiva sobre o feminismo e o socialismo. Visa buscar a identificação da autora e sua originalidade. Neste caso, parto do princípio de que o feminismo de Flora Tristan influenciou/modificou seu socialismo e vice-versa.

Outro aspecto que concentrarei a atenção será as suas observações sobre classe operária, sobre o desenvolvimento do trabalho proletário e suas observações a respeito das mulheres no espaço social de uma sociedade em processo de industrialização. Pretendo, ainda, trabalhar a contribuição de Flora Tristan no que está para além da ideologia utópica de seu discurso. Ou seja, estou interessada em saber o que a autora eventualmente traz de novo ou tradicional para uma possível construção de uma “nova sociedade”, levando em consideração as dimensões indenitárias de uma feminista engajada.

Esse trabalho pretende, portanto, ser uma singela contribuição aos estudos da escrita feminina e da História das Mulheres, relativos às teorias de gênero e suas imbricações para a História. O estudo das narrativas e biografias feministas, assim como a análise do discurso, que visa reconhecer os meandros entre os textos, as práticas e os

sujeitos, é algo que se perseguiu na tessitura da dissertação. Além de pertencer a vertente da História Social e se colocar dentre as questões de relevância para a História Contemporânea, procurei enfatizar os surgimentos de dois grandes movimentos sociais e políticos: o feminismo e o socialismo.

CAPÍTULO 1

OS FEMINISMOS: OS PENSAMENTOS, AS TEORIAS, AS PRÁTICAS

Este capítulo tem o objetivo de introduzir algumas questões acerca do pensamento feminista, da história dos movimentos sociais, dos usos e das considerações filosóficas e do pensamento de gênero dentro das pesquisas científicas em geral e da História em particular.

A fim de facilitar a compreensão, o capítulo foi dividido em partes por subtítulos. A primeira parte trata de um breve balanço historiográfico a respeito do contexto histórico, no qual surge o que chamamos de pensamento feminista, ou seja, o questionamento da desigualdade política e social entre os sexos.

Utilizo para esse período, final do século XVIII e início do século XIX, o termo feminismo no singular, sobretudo em virtude da concepção de um sistema de pensamento unificado, para o qual as questões são semelhantes para as mulheres desse período. As discussões e incorporações, originadas das concepções e ideias nascidas no século XX e que fizeram do movimento algo mais amplo e fragmentado, é que denominaríamos movimentos (no plural).

As autoras desse primeiro momento corroboram, de certa forma, com a concepção de que as contradições do discurso liberal e as mudanças trazidas com as Revoluções (Inglesa e Francesa) transportaram para o seio da sociedade questões até então diluídas. A desigualdade política entre os sexos foi entendida e incorporada criticamente com a construção de um nova configuração política e social. Essas características não fazem do movimento do século XIX menos rico, nem menos complexo. Muitos dos pensamentos que até hoje o feminismo busca, foram introduzidos nessa época por mulheres através de diferentes concepções. Esse período do discurso feminista está descrito na segunda parte desse capítulo. A terceira parte apresentará brevemente o auge do movimento feminista, considerado radical, suas críticas e seu processo de formação filosófica. A quarta parte tem o objetivo de traçar a relação entre a introdução dos estudos feministas e dos estudos de gênero em meio às pesquisas, identificando algumas mudanças dessas concepções.

Esse capítulo foi concebido como uma espécie de introdução da História das Mulheres, tal como a entendo historiograficamente ao longo da dissertação, buscando trazer esses agentes históricos até então invisibilizados pelos estudos históricos e as questões que irão nortear a pesquisa e a escrita, cujo eixo principal, portanto, é pensar o

feminismo no discurso de Flora Tristan. Ele tem como escopo combinar, não somente aspectos historiográficos e histórico-contextuais, como também vislumbrar algumas questões norteadoras em termos teóricos e metodológicos.

1.1 Breve historiografia acerca do pensamento feminista

Os movimentos de ordem política e sociais são bastante complexos e procurar entender a construção e o desencadear dos pensamentos que deram condições a certas práticas e questionamentos não é uma tarefa fácil nem simples. É necessário tentar abarcar os anseios e conflitos de uma sociedade que desenvolve uma insatisfação até o ponto de se tornar um movimento direcionado e militante.

Almejo entender o processo de formação do pensamento feminista, pois diversas circunstâncias históricas e sujeitos determinaram suas práticas e experiências, sejam elas teóricas, filosóficas ou de ação social e política. É a essência dos pensamentos que elaboraram os anseios, os questionamentos e as reivindicações de uma classe ou grupo, colocados em algum ponto a margem de um fator social.

De acordo com Eric J. Hobsbawm, em seu aclamado livro *A Era das Revoluções*, as transformações advindas com a “dupla revolução” foram irreversíveis. A configuração do mundo no século XIX foi decomposta diretamente pela decorrência dos acontecimentos políticos e dos vários elementos que foram criados e/ou reinterpretados em função desses acontecimentos históricos (Revoluções inglesa e francesa).

Nas palavras de Hobsbawm: “Se a economia do mundo no século XIX foi formada principalmente sob a influência da Revolução Industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa”.⁶ O autor compreende que a Revolução Francesa, como “a” revolução mais importante da história, introduziu o “vocabulário e os temas da política liberal radical democrática para a maior parte do mundo”.⁷ Feminismo enquanto movimento tem como ponto de partida um marco político e econômico que seriam a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. As Revoluções Liberais são um marco temporal, pois se verifica, entre as análises de gênero, certo consenso de que o feminismo, enquanto movimento, é mencionado apenas a partir da sociedade “liberal” e tem a Revolução Francesa, como seu marco inicial.

Élizabeth G. Siedziewski, em texto intitulado “Revolução Francesa: A viragem”, é um capítulo da obra *História das Mulheres no Ocidente: século XIX*, da coleção sobre

⁶ HOBBSAWM, Eric J. *A era das Revoluções*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1982, p. 83.

⁷. *Ibidem*. p. 84

história das mulheres organizadas por Georges Duby e Michelle Perrot. Organizada em quatro volumes em marcos da História tradicional, tais como Antiguidade, Idade Média, Século XIX e Século XX, essa coleção foi criticada por Silvio Dias, pois, segundo o autor, essa forma de divisão linear e evolutiva, não corresponde àquilo em que a crítica feminina pretende neutralizar e a historiografia contemporânea teria abandonado.⁸

De acordo com Siedziewski, a Revolução Francesa é uma “mutação decisiva na história das mulheres”,⁹ apesar de muitas vezes ter-se colocado que a Revolução em nada teria mudado as condições das mulheres. Para essa autora, a Revolução é um marco por dois motivos: por ter sido ela uma mutação na história dos “humanos em seu conjunto”¹⁰ e por ter, essa mutação, possibilitado o questionamento “sem precedentes”¹¹ das relações entre os sexos.

Segundo a autora, a Revolução Francesa “levantou a questão das mulheres e inscreveu-a no próprio coração do seu questionamento *político* da sociedade”¹² e foi isso que permitiu que as condições das mulheres mudassem. A autora não desconsidera os argumentos que desqualificam a Revolução Francesa como transformadora da condição feminina, mas para ela se, por um lado, a Revolução Francesa não encarou as questões como a relação dos sexos; por outro, foi ela que colocou as questões em pauta.

A autora utiliza pensadores da época, muitos deles de homens que argumentam sobre as diversas dimensões da Revolução Francesa. De acordo com a autora, os antifeministas do século XIX afirmavam que a Revolução, ao desestabilizar o casamento e a ordem doméstica, trouxe “maus hábitos às mulheres”.¹³ Para ela, eles não estavam errados ao ligar os questionamentos da Revolução com o crescimento do feminismo, pois “quem pode escolher seu marido e dele se divorciar, pode sem dúvida, pretender também, dentro da mesma lógica, escolher o governo”.¹⁴

Para Siedziewski, a Revolução reconheceu às mulheres a personalidade civil negada pelo Antigo Regime, pois transformou-as em “indivíduos”. A Constituição de 1789 reconhecia a “todos os indivíduos o direito imprescritível a liberdade, à propriedade,

⁸ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro e VAIFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. (Org.). 1997. p. 280.

⁹ SLEDZIEWSKI, Élisabeth G. Revolução Francesa. A viragem. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges. *Historia das Mulheres no Ocidente: século XIX*. Afrontamento. 1991, p. 42.

¹⁰ *Ibidem*. p. 41.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*. p. 46.

¹⁴ *Ibidem*.

à segurança e à resistência à opressão”,¹⁵ dando margem às mulheres de lutarem por igualdades de direitos civis. Essas mudanças proporcionadas pela Revolução Francesa contribuíram de forma decisiva para a luta pelos direitos das mulheres e possibilitaram que muitas escrevessem a respeito das lutas femininas e questionassem a própria dimensão e alcance masculinos da Revolução.

Como escreveu Olympe de Gouges: “(...) Mas só a vigilância política das mulheres pode impedir os homens de confiscar a Revolução. Compete às mulheres desvendar o sentido libertador dessa Revolução”.¹⁶

Para Joan Scott, no seu livro *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*, em que analisa as campanhas pelo direito político na França entre 1789 a 1944, a autora procura uma “alternativa ao enfoque consensual da história do feminismo”¹⁷. Para ela, herdamos do século XIX uma história progressiva, teleológica, uma história na qual “as mulheres, inevitavelmente, encontraram dentro de si próprias os meios para lutar contra sua exclusão das políticas democráticas”.¹⁸ Para Scott, fazia falta um distanciamento analítico, por isso, seria necessário entender as contradições dentro do próprio movimento feminista e de seus discursos.

Na “era das revoluções democráticas”,¹⁹ as mulheres eram excluídas do poder por um discurso baseado na diferenciação sexual e o feminismo, enquanto protesto da exclusão política, procurava eliminar as diferenças sexuais, porém as reivindicações tinham de ser feitas em nome das mulheres que, segundo a autora, eram um produto do próprio discurso da diferença sexual, já que isso criaria no centro do movimento feminista um paradoxo:²⁰ “Esse paradoxo – a necessidade de, a um só tempo, aceitar e recusar a “diferença sexual” – permeou o feminismo como movimento político por toda a sua longa história”.²¹

A autora também considera a introdução da noção de indivíduo, formulada pelos teóricos da Revolução Francesa, como propulsor de uma paridade de direitos civis. Foi através da abstração do indivíduo universal e racional que se tornou possível estabelecer uma identidade humana fundamental, que “abriu caminho para que se pensasse na

¹⁵ SEDZIEWSKI. *Op. Cit.*, p. 44.

¹⁶ Olympe de Gouges *apud*. SEDZIEWSKI, *Op. Cit.* p. 54.

¹⁷ SCOTT, Joan w. *A cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem*. Editora Mulheres. 2002. p. 23.

¹⁸ *Ibidem*. p. 23.

¹⁹ *Ibidem*. p. 26.

²⁰ Scott argumenta que o feminismo acaba ressaltando as características femininas e ao mesmo tempo nega a discriminação pelas diferenças, para autora o feminismo se apoia em um paradoxo.

²¹ *Ibidem*. p. 27.

igualdade política, social e até econômica”.²² No entanto, movimento feminista não pode ser entendido apenas como fruto do discurso do individualismo liberal. Apesar de não o desconsiderar dessa forma, para Scott:

O feminismo não é produto das operações benignas e progressistas do individualismo liberal, mas um sintoma de suas contradições. Reformas, como a do direito ao voto para as mulheres, podem ter transferido para outros domínios as contradições. Estas, porém, não desapareceram, e é por isso que o feminismo ainda existe.²³

A autora não chega a demarcar expressamente a Revolução Liberal como um marco do feminismo, como o fez Siedziwski, mas esse é o primeiro ponto de inflexão quando se analisa os movimentos feministas. Mesmo sendo o primeiro, a autora não demarca isso como origem do feminismo, ainda que as contradições do liberalismo tenham trazido diversos questionamentos ao feminismo. De qualquer maneira, essas contradições apareceram apenas na formação dessa sociedade liberal no Ocidente, ou seja, após a Revolução Burguesa.

Outros conceitos que particularmente interessam a este trabalho são os expostos no texto “Mulher e Nação”, no qual a autora Sylvia Wally utiliza os conceitos de Jayawardena de seu livro *Feminism and Nationalism*, para argumentar a ideia de que a cidadania, o nacionalismo e o sexo estão estreitamente ligados.

Para Jayawardena, o feminismo não pode ser reduzido à ocidentalização, uma vez que o Ocidente não impôs ao Terceiro Mundo o feminismo, porém não desconsidera que o “impacto do imperialismo e do pensamento ocidental”²⁴ foram significativos para as importantes mudanças materiais e ideológicas que afetaram as mulheres.

Os movimentos de emancipação das mulheres, contudo, foram conduzidos em meio ao contexto dos movimentos de lutas nacionalistas. Esses movimentos ambicionavam a independência política, afirmavam uma identidade nacional e procuravam modernizar a sociedade. Para a referida autora, “as lutas de emancipação das mulheres foram uma parte essencial e integrante dos movimentos de resistência nacionais”.²⁵

Para Jayawardena, portanto, a expansão do capitalismo criou as condições materiais para o movimento das mulheres na esfera pública e para o feminismo, pois a

²² *Ibidem*. p. 31.

²³ *Ibidem*. p. 48.

²⁴ WALBY, Sylvia. A mulher e a Nação. In: (Org.) BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Contraponto: Rio de Janeiro. 2000, p. 253.

²⁵ JAYAWARDENA. Apud. WALBY, Sylvia. *Op. Cit.*, p. 253.

expansão criou condições nas quais essas demandas feministas se tornaram possíveis, uma vez que as mulheres "saíram de casa" para trabalhar de acordo com a lógica capitalista.

Assim, os movimentos feministas e nacionalistas estiveram interligados intimamente, porém não podem ser "entendidos de uma compreensão fora do imperialismo e do capitalismo local e internacional".²⁶ Ou melhor, a autora, apesar de não considerar o movimento feminista como algo criado pelo Ocidente, utiliza como fundamento as concepções liberais para argumentar sobre o impacto na história dos movimentos feministas.

Para analisar as ideias de Branca Moreira Alves, utilizo dois textos: *O que é feminismo*, da coleção Primeiros Passos, na qual a autora é co-autora juntamente com Jacqueline Pitanguy, e o livro *Ideologia e feminismo A luta da mulher pelo voto no Brasil*. A autora utiliza uma perspectiva marxista de análise dos movimentos das mulheres e da formação do feminismo.

Na obra *O que é o feminismo*, as autoras afirmam que na França do século XVIII diversas mulheres que participaram dos processos revolucionários questionaram as conquistas da Revolução que não se estenderam ao sexo feminino. Neste momento da história, o "movimento feminista adquiriu características de uma prática política organizada".²⁷ Segundo elas, o movimento feminista na França assumiu um discurso próprio, afirmando a especificidade da luta da mulher.

As mulheres começaram a participar de Assembleias no parlamento, reivindicando, principalmente, mudanças a respeito da legislação do casamento e do fim do domínio masculino sobre a mulher em contraponto com os princípios da Revolução Francesa. Foi dessa forma que a mulher teria percebido os limites do discurso liberal. Porém ao citarem a feminista Olympe Gouges, as autoras afirmam que seu discurso não é uma crítica a perspectiva liberal. Muito pelo contrário, é um discurso totalmente imbuído dos princípios liberais, na qual propõe a inserção da mulher na vida política e civil pela igualdade com os homens, discurso esse repetido durante todo o século XIX, na luta pelo voto.

Os movimentos reivindicatórios e revolucionários do século XIX, que estruturam as bases da teoria socialista, colocam - a partir da análise do sistema capitalista - a

²⁶ *Ibidem*. p. 254.

²⁷ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985, p. 32.

condição da mulher como parte da exploração da sociedade de classes, citando líderes operárias, como Jeanne Deroin e Flora Tristán.

Em sua obra *Ideologia e feminismo_ A luta da mulher pelo voto no Brasil*, contudo, Branca Moreira Alves é mais pontual sobre o despertar do feminismo. De acordo com ela, o “movimento feminista surgiu em meados do século XIX em países que haviam passado por um acelerado processo de industrialização: E.U.A e Inglaterra”.²⁸ Para a autora, as transformações ocorridas com a inserção da mulher no mercado de trabalho pelas relações capitalistas, fizeram dela uma mão de obra ainda mais explorada do que o homem, porém esse mesmo contato com o exterior, através do trabalho, serviu de “mola propulsora”²⁹ para uma conscientização feminista.

Alves é enfática ao afirmar que “o movimento pode, portanto, ser considerado como um dos produtos da Revolução Industrial”,³⁰ já que, argumenta ela, é o desenvolvimento do capitalismo monopolista que marca os limites da ideologia liberal, os movimentos de libertação, entre eles o feminista, o qual viria a desmistificar as premissas, questionando as contradições dessa época.

Dessa forma, Alves não apenas coloca a formação histórica do feminismo na Revolução Industrial, e não na Revolução Francesa como a maioria das autoras parecem acreditar, como também muda o foco geográfico do local de origem do feminismo, destacando não mais a França e, sim, a Inglaterra e os Estados Unidos, diferentemente do que fora feito na obra já citada, *O que é o feminismo*.

O livro tem como base a teoria marxista de análise da História, na qual visa à exploração de uma classe dominante em relação a uma classe dominada (oprimida) e na mudança de foco da sociedade através das mudanças do meio de produção. Segundo a autora,

A recusa em se reconhecer a força de transformação contida no movimento feminista é um reflexo da própria desvalorização da mulher na sociedade patriarcal, é um produto sutil da ideologia de sexo dominante.³¹

De acordo com a leitura das autoras, é possível traçar algumas considerações. Apesar de discordarem quanto aos marcos do movimento feminista, ou não mencionarem

²⁸ ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Editora Vozes: Rio de Janeiro. 1980. p. 182.

²⁹ *Ibidem*. p. 183.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*. p. 191.

qual seria esse marco especificamente, todas elas, com diferentes metodologias e concepções, submetem o afloramento do feminismo a introdução do pensamento e do discurso liberal.

Para Siedziewski, foi a Revolução Francesa que teria contribuído para isso, porque colocou, no centro das discussões, as contradições advindas pelo liberalismo, entre elas a relação entre os sexos e os direitos individuais. Para Scott, teria sido as contradições do discurso liberal, já que elas também permeariam o centro do discurso feminista, fizesse movimento paradoxal. Para Jayawardena, apesar do feminismo não ter sido criado unicamente pelo Ocidente, foram os movimentos nacionalistas que impulsionaram a sua ampliação. E, para Alves, o feminismo é produto da Revolução Industrial, que incorpora a mulher no sistema capitalista de trabalho e consiste em um embate com a ideologia do sexo dominante.

Para todas essas autoras, as transformações trazidas nas sociedades com o impacto do discurso liberal, que teve seu auge na chamada dupla revolução, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, marcaram de forma definitiva a configuração da mulher na sociedade e expuseram os conflitos da relação entre os sexos no âmbito político e social.

Entre o final do século XVIII e o século XIX, é possível compreender porque é que muitas mulheres letradas começam a definir-se enquanto categoria ou classe social. É nesse período que emergem as primeiras definições da mulher enquanto gênero, enquanto construção social. Assim como muitas outras escritoras analisaram e teorizaram a exploração feminina, reivindicando direitos e denunciando as contradições. Muitos são os nomes que se podem ser citados dessas mulheres que, em meio às repercussões das Revoluções, escreveram sobre o que poderia vir a ser, ou já o era, o movimento feminista: Mary Wollstonecraft, Jeanne Derain, Olympe de Gouges, Flora Tristán, George Sand, entre outras.

1.2.O movimento feminista dos oitocentos

Embora nosso imaginário remeta mais rapidamente às reivindicações feitas por mulheres nos anos 60/70 como movimento feminista, não se pode desconsiderar o contexto da formação de seu pensamento e a configuração de um movimento vigente. O movimento sufragista é, muitas vezes, lembrado como a primeira forma organizada do feminismo. Movimento inscrito pela história, principalmente em países como Estados Unidos e Inglaterra, mas que rendeu proporções mundiais e características de uma

organização, embora com todas as contradições e críticas que seriam lançadas pelos movimentos feministas posteriores.

As contradições e paradoxos do sistema liberal, implementado em um período pós-Revoluções, atingiram as estruturas estratificadas da sociedade, em que apenas uma parcela tinha de fato uma nova configuração social e uma função política, enquanto uma grande parcela permanecia à margem da nova configuração política, mantendo um *status* puramente simbólico dentro de uma nova configuração política.

A filosofia liberal deixou de lado suas cidadãs mulheres e a resistência a essa limitação da ordem veio à tona na forma de resistência e desobediência civis. Enquanto, os filósofos e as mentes políticas do século XIX passaram boa parte desse século tentando justificar essa limitação.

É provável que as primeiras feministas do século não se ativeram a essas questões: o alcance do discurso liberal e a importância ao voto. Esse pensamento alcançou em maior escala as mulheres do meio do século em diante. Talvez, as primeiras autoras nem tivessem tempo para aterem-se efetivamente a essas questões, pois levava-se um bom tempo até a nova configuração política verdadeiramente ser colocada em prática e questionada.

Além disso, cada uma estava engajada em uma luta particular. Olympia de Gouges foi uma participante da Revolução Francesa e morta pelos próprios Revolucionários. Mary Wollstonecraft direcionou suas intenções para a instrução da mulher como forma de libertação. George Sand ficou famosa pelas atitudes que escandalizaram a sociedade da época (vestes masculinas e amantes famosos), embora em suas obras literárias não tenha explorado tão fortemente o feminismo. Flora Tristan chegou a criticar as limitações da República Peruana, recém independente, criticou fortemente a Revolução Industrial, e chegou a sofrer diretamente as reviravoltas dadas pela Revolução Francesa, mas o voto ainda não era a sua pauta central.

As precursoras desse século tiveram uma importância fundamental para o pensamento feminista e para a introdução do pensamento feminino na primeira metade do século, pois elas impuseram um discurso crítico a sua época e desbravaram o espaço das letras majoritariamente masculino. Muitas outras mulheres escritoras poderiam ser citadas, embora o caráter de movimento tenha sido dado pelas suas sucessoras. O feminismo do século XIX é lembrado com expressividade pelo movimento sufragista, tanto pela dimensão, enquanto movimento organizado, quanto pela mobilização de um

numeroso contingente de mulheres (e alguns homens), como também pela expressividade. O sufrágio foi a pauta feminista em grande parte do século XIX.

O movimento ganhou força filosófica com autores como Sturt Mill e Harriet Taylor. Embora de vertentes filosóficas distintas, ambos acreditavam na ampliação do sufrágio como um meio legítimo para o alcance de garantias de direito e de maior justiça social. Era função dos cidadãos a participação e apoio na garantia de direitos e deveres e, para tanto, seria imprescindível o voto. Segundo Andrea Nye,

De 1790 a 1850, a excitação, confusão e entusiasmo da Revolução encaminhou-se a novas estruturas políticas e sociais, ensejando uma consciência mais sensata e específica de exclusão das mulheres. A primeira defesa sistemática e pormenorizada dos direitos das mulheres veio da parte de John Stuart Mill e Harriet Taylor. Ambos estavam ideológica e pragmaticamente situados em meio às correntes de reforma democrática da Inglaterra do século XIX.³²

Stuart Mill pertencia ao rol de intelectuais adidos das teorias reformistas e na teoria democrática aos chamados utilitaristas. Já Taylor se aproximava dos radicais unitaristas que pensavam de forma mais libertária em relação aos primeiros. O feminismo liberal encontrou muita dificuldade de ultrapassar as discussões sobre família e sexualidade, tanto por não se pretender liberal, quanto pelas questões da própria sociedade da época. Em sua perspectiva, muitos teóricos liberais mantinham o lar e o casamento como o lugar adequado para as mulheres.

Mill compartilhava da opinião de outros teóricos da época sobre os benefícios da posição da mulher dentro de uma esfera particular, utilizando argumentos como segurança, instrução masculina e a degradação do trabalho nas fábricas na Inglaterra oitocentista.

Dominique Godineau acrescenta sobre o papel essencializado, dicotômico das esferas público *versus* privado e direcionado à “mulher” no período pós-Revoluções:

O modelo republicano de mulher é o de uma mãe. As suas competências e a força que ela tira do respeito pela sua própria pessoa são colocadas ao serviço da sua família, não se estendem às decisões públicas. Mas nem por isso a mãe republicana deixa de ter um papel a representar na cidade. Educando os filhos como bons cidadãos, reforça a cena cívica que ela

³² NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995, p. 27

vive. Ausente da cena política, tem nela, no entanto, uma responsabilidade, mesmo que esse não ultrapasse o círculo doméstico.³³

Ainda assim, para a autora, a política penetrou o ambiente doméstico concedendo alguma função cívica. Godineau fala mais especificamente da América do Norte, mas mesmo na Europa as teorias liberais não dão conta da complexidade da divisão das esferas, do casamento e do papel das mulheres dentro das novas relações políticas. O feminismo reconheceu de certa forma essa limitação.

Outro dilema das teorias liberais para o feminismo, é o papel da “mulher” na economia, especialmente dentro de uma sociedade cada vez mais capitalista e que almejava o livre mercado. A própria Harriet Taylor reconhecia a importância de a mulher contribuir economicamente dentro de casa e estar dentro da competição no mercado de trabalho. Invocava a teoria utilitarista do saldo de prazeres e sofrimentos para justificar a participação da mulher na competição do mercado de trabalho. Toda essa limitação do discurso liberal esbarrava fortemente nos interesses do feminismo, mesmo que no começo do século este não almejasse uma mudança tão radical do ponto de vista da família e ordem política. Ele poderia ser facilmente aceito pelas feministas burguesas e conservadoras do século XIX, mas várias questões teriam implicações na vida das mulheres proletárias ou daquelas que não vivessem dentro das regras das instituições do casamento.

A sociedade capitalista e a família burguesa foram alvo das filosofias socialista e, mais adiante, marxista. As aproximações do feminismo a essas teorias vieram ocasionalmente das críticas ao discurso liberal, assim como toda a teoria marxista, da mesma forma. O feminismo acreditou encontrar respostas mais amplas em uma teoria que almejaria um novo tipo de sociedade e não apenas uma transformação do modelo político. Alguns socialistas fizeram colocações mais radicais e profundas contra a instituição do casamento e o modelo de vida burguês. Outros não se atreveram a se manifestar ou discutir de fato essas questões. Charles Fourier, por exemplo, foi, talvez, o mais radical ao se tratar das relações interpessoais entre os sexos e sua proposta de abolir o casamento como forma de libertação da “mulher”.

O marxismo se posicionou totalmente contra a família burguesa e a instituição familiar como era reconhecida, embora não tenha dado conta de assimilar dentro de sua

³³ GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 4. O século XIX. Edições Afrontamento. 1991, p. 36

teoria, o trabalho doméstico e a posição da mulher dentro da Revolução. As teorias socialistas, com seu enfoque de classe, não enxergavam ou não se faziam enxergar as condições similares da posição das mulheres dentro da possível revolução, nem tanto a posição das mulheres dentro da própria classe trabalhadora.

São essas questões que as feministas do século XIX tiveram que enfrentar e assumir como desafio. Nenhuma teoria filosófica da época se preocuparia em demasia com a singularidade das mulheres e os interesses feministas. Eles foram apreendidos, repassados e ressignificados ao longo do tempo. Tanto as feministas liberais como as socialistas aprenderam a lição através da atração, encanto e decepção, em relação às teorias em que elas confiaram, quase sempre na mesma proporção.

As teorias liberais, socialistas e marxistas não deram conta dos entraves sociais que cercam os espaços femininos: a esfera doméstica, o matrimônio, a maternidade, os trabalhos sem remuneração e a sexualidade. Questões tocadas, mas sem solução aparente para ambas as filosofias e, muitas vezes, deixadas de lado por debates aparentemente mais importantes. Porém, se não houve soluções por parte dos teóricos da época, ao menos existiu a introdução à discussão. Coube às mulheres se fazerem vistas e faladas em meio às transições políticas da época. Se nenhuma feminista não ousou dizer que a Revolução não seria a introdução à democracia, coube a elas reconhecer e apontar as falhas das limitações democráticas e, mais do que isso, se fazerem ser ouvidas. Esse foi o Feminismo, ou os Feminismos, do século XIX.

1.3. Os movimentos feministas dos anos 1960/70 e as teorias de gênero

Ao falar de movimento feminista, normalmente, nossa memória estabelece uma conexão direta com os movimentos chamados radicais das décadas dos anos de 1960 e 1970. Grande parte do imaginário coletivo acerca do Feminismo é datado dessa época, das performances e reivindicações da época. A limitação do discurso liberal e suas implicações políticas insatisfatórias do ponto de vista feminista, na Europa e nas repúblicas americanas; a desilusão das feministas socialistas no período pós Revolução Russa, e reformas socialistas pelo mundo; a introdução das teorias de Freud e o existencialismo de Simone de Beauvoir; somados ao avanço da ciência nos métodos contraceptivos e a revolução sexual, deram ao Feminismo dos anos 60 novas desilusões e novo folego em suas reivindicações e nas suas teorias.

Mesmo que filosoficamente o Feminismo tenha assimilado as contribuições do existencialismo e da psicanálise, por exemplo, mesmo que muito se tenha discutido as

implicações sexuais e afetivas sobre as mulheres, a filosofia não deu conta de modificar verdadeiramente a posição delas na sociedade, embora tenha contribuído para a discussão. Provavelmente, era isso que pensavam as feministas da época. O movimento agora se voltava para uma teoria mais ampla, uma crítica generalizante e um “inimigo” comum: o patriarcado.

A sociedade patriarcal em sua essência não produziria meios para que as mulheres pudessem se tornar livres. O patriarcalismo seria para muitas delas algo inato e indissolúvel, e não haveria espaço para direitos iguais enquanto a sociedade estivesse sobre esse tipo de dominação.

A vertente do movimento Feminista considerada mais radical, em que, para muitas feministas, não existiria justiça social em nenhuma relação homem-mulher, nem na esfera doméstica, nem na esfera pública. A oposição contra o patriarcado era a principal pauta feminista e dela dependeria todas as outras reivindicações, que como era de se esperar, se tornaram maiores e mais amplas. As conquistas econômicas e políticas, o direito ao aborto, uma mudança de paradigmas sobre família e sexualidade, o empoderamento feminino em todos os sentidos socioculturais.

Por um lado, a filosofia existencialista não solucionou problemas do movimento feminista, Beauvoir desenvolveu um aspecto muito caro ao movimento. Até então voz dissonante nos anos 40, Simone de Beauvoir, com sua obra *O Segundo Sexo*, desnaturalizou o gênero, transferindo-o do inatismo biológico para a construção sexual do gênero. E, com isso, contribuiu para modificar o Feminismo, as ciências e o pensamento acerca do ser mulher. Como afirma Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*:

Não se nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a figura que tem no seio da sociedade a fêmea humana; é a totalidade da civilização que elabora este produto intermediário entre o macho e o eunuco que se qualifica como feminino.³⁴

A desnaturalização do gênero deu às ciências humanas novo fôlego para entender a divisão tão brutal entre as relações feminino e masculino ao longo da História pela sociedade. Além de conferir o aspecto social e colocar a cultura no centro da discussão, somados, com as teorias políticas e econômicas. Acrescenta-se a esses fatores a

³⁴ BEAUVOIR, Simone. *Op Cit.*, p. 147.

introdução mais intensa de mulheres, e de Feministas, no âmbito acadêmico/científico, modificando o pensamento e o modo de se construir o pensamento e a da aprendizagem.

As introduções das teorias de gênero repaginaram não apenas o Movimento Feminista, mas a construção do conhecimento como um todo. E se o feminismo contemporâneo ainda luta por uma pauta, esse tema está a partir desse momento no centro da discussão feminista. A divisão não é apenas por uma divisão de “esferas” (público e privado), nem por características sociais, ela diz respeito a um conjunto de fatores que devem ser levados em conta, analisados e combatidos. O Feminismo passa a lutar ou a reivindicar um status amplo de luta e de memória.

1.4. Entre os Estudos Feministas, a História das Mulheres e os Estudos de Gênero

Influenciada pelo modelo cartesiano de metodologia científica, a historiografia positivista do século XIX procurou conduzir a pesquisa histórica para uma busca de uma “verdade científica”. Para isso, a História deveria ser analisada através, e somente, de fontes consideradas confiáveis, porque eram vistas como “oficiais”. Essas documentações oficiais, basicamente, eram entendidas como portadoras do mínimo de subjetividade. Fontes que seguiam um modelo formal, de funções determinadas e de uso público. Em sua maioria, eram documentos de ofício político, tais como processos, leis, ofícios, constituições, comunicados.³⁵

Ao nominar tão exclusivamente quais documentos deveriam ser analisados pelos historiadores em busca de uma suposta veracidade, a vertente positivista do século XIX deixou grande parte dos personagens à margem. A História tradicional se preocupou por muito tempo com a chamada História vista de cima, os grandes nomes masculinos, os heróis, a história política, a história dos vencedores. Grandes foram os silêncios reafirmados pela História. Às margens da História tradicional, estavam os operários, os prisioneiros, os escravos, os índios, e também, as mulheres. Mesmo após a revolução metodológica e documental dos *Annales*,³⁶ os historiadores, que se aventuraram a dedicar seus esforços para estudar os excluídos, tiveram muitas vezes que interpretar os silêncios.

³⁵ Esse texto já foi apresentado e publicado como artigo com o título: “Em busca das palavras: Flora Tristan uma escritora do século XIX”. Aqui está apenas uma parte das ideias desenvolvidas nele.

³⁶ Utilizo aqui o chamado por Peter Burke como movimento dos *Annales* pela contribuição da mudança de uma história meritariamente política para uma história de “atividades humanas” e da mudança da forma narrativa para uma história problema, o que ocasionou uma ampliação significativa do uso de outras fontes e de metodologias que abarcassem outros sujeitos históricos.

Parte considerável das fontes disponíveis desses personagens estava sobre as “mãos e vozes” de outras pessoas, ou seja, em segundo plano ou como coadjuvante, não como um narrador (a) ativo (a) da própria história. Portanto, era necessário buscar, interpretar e ressignificar também os silêncios.

A História das Mulheres enfrentou o dilema do silêncio das fontes. Quando as mulheres eram encontradas nas fontes oficiais, muitas vezes, eram pelas vozes de outras pessoas, na grande maioria dos casos sobre as vozes masculinas. Isso porque o ambiente no qual a mulher esteve destinada, o ambiente privado, a mantinha na maioria das vezes muda nas fontes oficiais.

As mulheres, em grande parte, foram silenciadas do meio público e, dessa forma, também o foram das fontes analisadas, mantendo o silêncio da História. Para Michelle Perrot, "Essa exclusão, aliás, não é senão a tradução redobrada de outra exclusão: a das mulheres em relação à vida e ao espaço público na Europa Ocidental no século XIX".³⁷ Essa mesma autora complementa, “Pois esse silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual e escrituraria”.³⁸

A ampliação documental possibilitou o uso de fontes mais variáveis pelos historiadores, já que isso abria a possibilidade do encontro de personagens até então “invisíveis”. Material de conteúdo mais pessoal e íntimo, como as cartas e diários, entre outras formas da expressão de escrita feminina vieram à tona. Isso trouxe, a possibilidade do encontro ou identificação das mulheres por suas próprias palavras. Essa forma de análise também está sujeita a limitações e problematizações metodológicas, e ela também é limitada e sujeita ao questionamento do discurso.

O século XIX, no entanto, assistiu-se a um progressivo aumento de mulheres escritoras. Entre elas havia romancistas, viajantes e periodistas. A possibilidade do estudo da escrita feminina preenche um enorme parágrafo em linhas e linhas de silêncio das palavras das mulheres. As novas teorias e metodologias históricas não apenas têm o comprometimento de amenizar algumas lacunas ao longo dos séculos.

Considero que a História das Mulheres tenha ainda muito a contribuir nesses espaços vagos e calados da historiografia. Para os estudos do feminino, encontrar essas palavras é primordial. Nas palavras de Michelle Perrot: “(...) o que importa reencontrar

³⁷ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Trad. De Denise Bottmann. 4ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006, p. 186.

³⁸ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005, p. 10.

são mulheres em ação, inovando suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história”.³⁹ Para Andréa Lisly Gonçalves, a História das Mulheres serviu para “revelar a potencialidade das fontes”⁴⁰ que eram consideradas não oficiais. Além disso, as mudanças que foram sendo introduzidas pela História Social, a História Cultural e a Nova História, tais como o uso de fontes do espaço privado, foram sendo incorporadas pela pesquisa da História das Mulheres.

Os estudos históricos assistem a uma retomada de alguns métodos já utilizados anteriormente com expressividade. Não sei se é possível indicar uma volta expressiva às biografias, mas elas parecem tomar novamente espaços nas prateleiras. Na História das Mulheres, o estudo biográfico esteve bem presente e foi defendido por uma célebre teórica do campo dos Estudos de Gênero. Neste caso, para Louise Tilly,⁴¹ a História das Mulheres deveria vincular a experiência dessas personagens a problemas gerais da História. A autora defende a História das Mulheres, cunhada na História que enfatiza o social e a análise, mas, para ela, essa modalidade historiográfica deveria estar igualmente conectada com “questões mais gerais” postas desde sempre à História, ou às demais Histórias. A autora define que “uma história social voltada para uma análise de problemas oferece uma possibilidade real de operar uma ligação entre o conhecimento de gênero, experiência das mulheres no passado e história em geral”.⁴² Tilly defende que a maior contribuição da abordagem descritiva dentro da História das Mulheres foi evidenciar as experiências. Buscar essas personagens é trazê-las à tona. A História das Mulheres possibilitou amenizar o silêncio histórico dessas vozes.

Elini Varikas ponderou as considerações teórico-metodológicas do debate entre Tilly e Scott, a História Social se tornou um “território acolhedor”⁴³ para as historiadoras feministas que almejavam conceber as mulheres como sujeitos históricos. A História Social se tornaria acolhedora por se preocupar com a relação entre as possibilidades de

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

⁴¹ Esse artigo ficou conhecido pela crítica ao renomado artigo de Joan Scott, “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”. Utilizo unicamente as considerações de Tilly pela sua aproximação com o uso de biografias dentro da História das Mulheres. No entanto, corroboro com muitas das considerações de Scott. Portanto, eventualmente, uso em meu trabalho algumas delas como embasamento teórico. SCOTT, Joan W. Prefácio a *Gender and Politics of history. Cadernos Pagu*. Desacordos, desamores e diferenças. Campinas, 1994 e TILLY, Louise. *Gênero, História das mulheres e história social Cadernos Pagu. Desacordos, desamores e diferenças*. Campinas: Unicamp, 1994.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu* 1994: pp. 63-84

ação de grupos marginalizados e a experiência de opressão. Varikas avalia ainda uma citação bem elucidativa e de identificação para essa pesquisa especificamente:

Com efeito, colocar as experiências femininas no centro da sua interrogação sobre a formação da classe trabalhadora ou das ideologias socialistas supõe uma hipótese preliminar sobre a existência de interesses e de necessidades diferenciadas das mulheres devido à sua posição estrutural num certo tipo de relações de poder.⁴⁴

Jaques Le Goff traz uma importante contribuição sobre a História Social e a utilização dessa vertente como forma de “confrontar” as outras análises históricas. Todos os novos setores da história representam um enriquecimento notável, desde que sejam evitadas duas limitações. Antes de mais nada, subordinar a História das representações a outras análises, as únicas às quais caberia um *status* de causas primeiras (realidade materiais, econômicas) – renunciar, portanto, à falsa problemática da infraestrutura e da superestrutura. Mas também não privilegiar as novas realidades e não lhes conferir, por sua vez, um papel exclusivo de motor da História.

Uma explicação histórica eficaz deveria reconhecer a existência do simbólico no interior de toda realidade histórica (incluída a econômica), mas também deveria confrontar as representações históricas com as realidades que elas idealizam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos – por exemplo, confrontar a ideologia política com a práxis e os eventos políticos. Daí toda história deve ser uma história social.⁴⁵

Para Andrea Gonçalves,⁴⁶ a reconstrução das biografias dentro da História das Mulheres foi um desdobramento do feminismo dos anos 1970 e 80. Para ela, trata-se da fase mais heroica do feminismo. A princípio, as biografias surgiram reconstituindo a participação de mulheres célebres na História, sublimando a participação dessas personagens em que a História referia apenas a participação masculina.

As biografias continuaram ganhando espaço e a História das Mulheres hoje busca reconstituir não apenas biografias de mulheres em posição de destaque na sociedade, como também as militantes e rebeldes, as opositoras, as feministas etc. Além da História do cotidiano, que vai investigar as mulheres “anônimas” na reconstituição da vida social de mulheres comuns, tão importantes quanto às outras para determinados fatores. Como objeto de pesquisa, na busca dessas mulheres, colocando suas experiências como desafio

⁴⁴ VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade... *Op.cit.*, p. 75

⁴⁵ LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 8

⁴⁶ GONÇALVES, Andréa Lisly. *Op. Cit.*

de análise, direcionaram novos e antigos estudos para outra perspectiva. Afinal, a História tem sido um emaranhado de rearranjos em que cada ângulo ou posição pode conferir um novo entendimento.

Tania Zimmermann e Márcia Medeiros, ao trabalharem a relação entre biografia e gênero, apontam posições teórico-metodológicas que considero de vital importância dentro da perspectiva de trabalho biográfico em que esse trabalho se encaixa. As autoras citam Francisca L. N. de Azevedo que ressalta que a biografia não se restringiria a uma história de vida ou reconstrução de uma trajetória, mas buscaria o meio entre a “individualidade do ser e o ser social”.⁴⁷ Elas também citam Benedito B. Schmidt, sobre o perigo de enxergar e colocar o personagem em um cenário pronto e acabado. Para o autor, o interessante seria o(a) historiador(a) deixar-se direcionar pelo personagem. Elas citam:

Acredita o autor que seria mais proveitoso deixar-se guiar pelo indivíduo estudado: “suas experiências, suas relações sociais, suas interpretações de mundo, os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem lhe ter influenciado, as leituras realizadas e sua reelaboração pessoal, os códigos de moralidade da época e suas interpretações/manipulações próprias, etc.”⁴⁸

Certamente, o que se apresenta como possibilidade de um consistente estudo biográfico das mulheres não é uma tarefa fácil. Reconstituir as histórias pessoais, abarcando as problematizações gerais é, no mínimo, sedutor e amplia metodologicamente as pesquisas biográficas. É também uma escolha ligada ao poder e às posições políticas, sem dúvida.

A História das Mulheres, para além de recuperar “silêncios e personagens”, insere-se em uma dinâmica de importância política, militante. Tanto contribui para mudanças metodológicas, quando no papel de reconstrução, ou melhor, desconstrução do conhecimento do passado de forma geral. Como apontam Zimmermann e Medeiros:

Portanto, recuperar a memória feminina possibilita compreender como ela foi construída, podendo, assim, suscitar novas pesquisas e novos olhares para desconstruir a lógica da dominação masculina. Estas discussões são também uma proposta para descortinar outras relações de poder presentes no cotidiano, pois a história é dinâmica e não podemos retirar das mulheres seu papel de agentes históricos.⁴⁹

⁴⁷ MEDEIROS, Márcia Maria e ZIMMERMANN, Tânia Regina. Biografia e Gênero: Repensando o feminino. *Revista de História Regional* 9 (1): 31-44, verão 2000.

⁴⁸ *Ibidem*. P. 34.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 42-43

Procurei ter em mente os aspectos a respeito da História do movimento feminista, assim como as questões teórico-metodológicas apresentadas durante toda a leitura e desenvolvimento do trabalho. Existem neles eixos norteadores do pensamento feminista e de sua História. Enquanto contextualização e base filosófica, eles são imprescindíveis para a compreensão das questões que irei desenvolver proximamente.

Como sinalizei desde o início, esse capítulo é uma parte introdutória do edifício dissertativo, porém ela não está desconectada, pois utilizo as teorias feministas, os estudos de gênero e a História das Mulheres como fundamento da minha pesquisa e da minha escrita. Elas estão presentes, portanto, em todo o trabalho. Os conhecimentos acerca da História do movimento são importantes para direcionar onde o discurso da autora estava situado. Como outras autoras, corroboro sobre o efeito que as contradições discursivas do sistema liberal causaram com as alterações inauguradas pelas questões norteadoras do feminismo.

As leituras teóricas sobre o gênero e os estudos femininos são imprescindíveis para este trabalho. As postulações deixadas principalmente por Scott, Tilly e Varikas formaram a minha base teórica de discussão e leitura, nortearam a meu olhar sobre as fontes e sobre o discurso de Tristan. Situar o trabalho em meio a História das Mulheres, os Estudos Feministas e as discussões de gênero foi o desejo e objetivo dessa pesquisa.

CAPÍTULO 2

A MULHER, A ESCRITORA: FLORA TRISTAN E O PROBLEMA DA AUTORIA

Para compreender a dimensão feminista e socialista do discurso de Flora Tristan são necessárias várias considerações que permearam a construção de sua escrita. A trajetória de vida, suas leituras e inspirações intelectuais, suas viagens, sua conduta sobre o ato de escrever, assim como algumas postulações e discussões se tornam importantes para a compreensão e análise dos discursos tristanianos.

Nessa etapa do trabalho, tento desenvolver uma breve biografia da autora. Do nascimento, seu casamento conturbado, suas viagens e o atentado contra sua vida. Não se trata de uma biografia exaustiva, mas pretendo apresentar alguns traços relevantes sobre Flora, visando abarcar mesmo que minimamente a trajetória da autora como elemento fundamental para entender as motivações e escolhas (e tragédias) de sua vida, que a levaram a escrever e publicar suas obras. A ideia é discutir como alguns desses fatores se inter-relacionaram.

Ao focar sua escolha pela escrita, dividi o capítulo em duas partes: a primeira discute Flora como leitora, focando-me nas suas inspirações e influências intelectuais e políticas, na sua aproximação com grupos socialistas e seu gosto por leituras feministas; na segunda, discuto a autora como escritora. Neste caso, traço uma conexão sobre o discurso dela e seu pensamento sobre o ato de escrever, sobre o ofício do autor.

Permeando as questões de autoria estão os olhares de estudiosos sobre os discursos feministas e políticos de Tristan. Levo em conta a maneira como eles foram interpretados e reinterpretados de formas diferentes, além de fazer algumas considerações sobre suas múltiplas identidades como viajante, mulher, separada, estrangeira, feminista, socialista e escritora. Antes, porém, farei algumas considerações sobre a escolha da História das Mulheres e do uso da biografia como documentos para os estudos históricos, especialmente sobre o seu papel relevante para a historiografia contemporânea, destacando sua ampliação em direção aos Estudos de Gênero.

2.1 A leitora

É algo complexo entender o caminho da autoria, ou melhor, aquilo que a desafiou e a fez iniciar sua jornada com as palavras. Flora Tristan é uma escritora do século XIX, mais precisamente da primeira metade. É considerada uma precursora do feminismo e se

aventurou pelas ideias do socialismo utópico. Antes de tudo isso, ela é múltipla e contraditoriamente mulher, jovem, filha, esposa e mãe, mas também enfrentou a posição de estrangeira, de viajante, de Pária. Os percalços da vida da autora não são o objetivo principal desse trabalho, porém não é possível analisar os diversos aspectos da sua obra sem se deter um pouco sobre eles. Por isso, é necessário fazer breves considerações alterando ligeiramente o olhar sobre sua história. De certa forma, é um trabalho também biográfico à medida que tenta captar a vida de uma mulher ao longo de sua história.

Como a história de qualquer personagem, a de Tristan é única e singular. Ela representa contraditoriamente um testemunho de uma época, um exemplo da vivência feminina, um olhar sobre seu tempo. Nessa perspectiva, esse trabalho pretende direcionar sua análise sobre a vida de Flora Tristan. O objetivo é tentar entender os processos que a levaram a formular seu discurso feminista e socialista ao longo de suas obras.

Seu nome completo era Flora-Célestine-Therèse-Henriette. Ela nasceu em uma cidadezinha próxima a Paris no dia 07 de abril de 1803, sendo filha de um peruano, oficial do exército espanhol, Mariano de Tristan Moscoso. Tratava-se de um período conturbado, pois a França de Napoleão Bonaparte era um momento marcado por guerras sucessivas do Estado francês com outros países, incluindo a Espanha. O dito oficial conheceu a francesa Anne-Pierre Laisnay na Espanha e os dois se casaram em Bilbao em 1802.⁵⁰ O casamento não foi formalizado da maneira adequada e, por essa razão, o casamento nunca foi formalmente comprovado.⁵¹ Esse detalhe na história do casal marcou profundamente a vida e a obra de Flora, pois o reconhecimento da paternidade foi uma forte procura em sua vida e desencadeou sua primeira grande viagem ao Peru, resultando, mais tarde, na escrita e na publicação da obra *Peregrinações de uma Pária*.⁵²

Seus pais mudaram para Paris onde nasceria Flora. A família vivia em um confortável casarão, frequentado por um colega militar de Mariano, mais tarde um respeitado nome na América Latina, Simon Bolívar. Mariano morreu em batalha, deixando Anne-Pierre grávida do segundo filho e Flora, uma criança ainda pequena. Devido a essa situação, desde muito nova, Flora conheceu as dificuldades de uma mulher considerada sozinha e desamparada. Algo semelhante ao que passara sua mãe. Ambas

⁵⁰ KONDER, Leandro. Flora Tristan. *Uma Vida de Mulher, uma Paixão Socialista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

⁵¹ *Ibidem*, p. 21, 22.

⁵² TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Santa Cruz do Sul. Editora Mulheres e EDUNISC, 2000.

sem recursos financeiros suficientes para manterem o padrão de vida e sem o necessário para recorrer juridicamente pelos motivos explicitados.

Aos dezessete anos Flora começou a trabalhar em um ateliê (sabe-se que o atelier era de um ilustrador, especialista em litografias, mas Tristan não aborda sobre suas funções), juntamente com sua mãe que se tornara viúva e havia perdido seu segundo filho, irmão de Flora. O ateliê pertencia a André-Fronçois Chazal, o qual, mas tarde, por volta de 1819, viria a se tornar o marido de Flora Tristan e com quem a autora teria uma relação extremamente conturbada.

O casamento de Flora Tristán com Chazal durou apenas três anos e, como resultado do enlace, tiveram três filhos - dois meninos e uma menina. Seu marido teve problemas profissionais, sobretudo, porque era dado ao vício por álcool e jogos, acumulando dívidas. Com a relação conturbada, a autora usou alguns subterfúgios, como a fragilidade da saúde do filho mais velho, para voltar à casa da mãe, o que ocasionaria uma separação.

Foi possivelmente durante as complicadas gestações que Flora Tristan se dedicou, mais às leituras que a influenciaram politicamente. O contato com autoras mulheres e algumas leituras de teor socialista passaram a fazer parte de seus interesses e de suas leituras frequentes. De acordo com Leandro Konder, foi durante as dolorosas e demoradas recuperações de seus três sucessivos partos que Flora se tornou uma ávida e curiosa leitora, pois, nessa época, ela teria contato com leituras do socialismo utópico, principalmente textos da doutrina saint-simoniana. Para Konder, foi nesse contexto, e sob influência dessas leituras, que Flora se sentiu, cada vez mais, curiosa por viagens e por conhecimento. Nas palavras do autor:

Flora, aos vinte e cinco anos, via-se numa situação dramática: mãe de três crianças pequenas, aterrorizada por um marido violento (de quem não podia se divorciar), atormentada pelas vicissitudes da vida privada, e ao mesmo tempo fascinada pelo universo da política, pelas novas possibilidades da ação humana que se descortinavam na história (o movimento da transformação da sociedade).⁵³

Entre as obras que Flora teve contato, destaca-se a leitura da escritora e educadora inglesa Mary Wollstonecraft, autora que influenciou gerações de mulheres e certamente teve impacto na obra de Flora Tristan.⁵⁴ Mais tarde, ela foi aclamada como a primeira

⁵³ KONDER, Leandro. *Op. Cit.* P. 26

⁵⁴ Flora Tristan irá corroborar com as ideias de Mary sobre a necessidade de instrução a mulher, diretamente relacionada a sua condição de uma liberdade econômica.

pensadora “de real importância sobre a condição social e política da mulher na sociedade”.⁵⁵ A obra intitulada *A vindication of the rights of woman*, de 1792, é uma obra precursora ao apontar, como condição para a liberdade, a igualdade entre homens e mulheres. Ela apontaria também a educação como única solução para a mudança da posição de inferioridade da mulher e para o entendimento de que o modelo liberal absorve tanto homens quanto as mulheres em seu conceito de cidadania.⁵⁶ A leitura dessa obra influenciaria profundamente Flora Tristan, que também acreditava na igualdade entre os sexos e na emancipação da mulher pela instrução e pelo trabalho.

Tristan chegou a citar em sua obra *Passeios em Londres*, publicado em 1839, que ela teria sido a primeira que ousou dizer que os direitos civis e políticos pertenciam a ambos os sexos.

Por essa razão, ela voltou seus elogios à autora que a influenciou, Mary Wollstonecraft. Tristan vai argumentar que, apesar da existência de numerosas escritoras mulheres inglesas, nenhuma havia de verdade “abraçado à causa da liberdade da mulher”.

Para Tristan, a primeira que desenvolveu a ideia de se equiparar em condições os dois sexos seria a autora de *A vindication of the rights of woman*, obra que pode ser considerada um marco importante do discurso feminista. Seja para argumentar sobre o seu ponto de vista ou para elucidar o trabalho da autora inglesa, Flora utiliza várias passagens do livro de Wollstonecraft. Ao elogiar essa obra, ela vai elucidar as críticas direcionadas à obra de Mary, inclusive por mulheres, como um livro que “inspirava o horror”.

Embora Wollstonecraft tenha recebido reconhecimento ainda em seu tempo, suas ideias eram vistas como “perigosas”, daí a necessidade de defesa por parte da autora. Ao abordar esse assunto, é possível enxergar através do olhar de Flora as condições sociais e os parâmetros intelectuais em que esses discursos eram recebidos, tanto o discurso feminista, quanto as ideias de mudança, não acharam um terreno fácil no século XIX e o quanto precursora podem ser consideradas essas convicções. Sobre isso, Tristan assim expressa sua ótica sobre Mary:

Mary Wollstonecraft reclama a liberdade da mulher como um direito, em nome do princípio sobre o qual as sociedades fundam o justo e o injusto. Ela a reclama porque sem a liberdade não pode existir obrigação moral de nenhuma espécie, como demonstra igualmente que

⁵⁵ MOTTA, Ivania p. *Em defesa dos direitos da mulher, de Mary Wollstonecraft, um estudo*. São Paulo, 2004, p. 2.

⁵⁶ *Ibidem*. p. 2.

sem a igualdade dessas obrigações, para um e outro sexo, a moral carece de base, se anula de ser verdadeira. (Tradução minha).⁵⁷

Como aponta o trecho, Flora via Mary como uma defensora do direito social da “mulher” à liberdade e à igualdade, bem aos moldes de um Iluminismo feminista. A autora vê o sexo feminino como um sujeito universal e moral que deveria possuir garantias e obrigações paritárias junto ao “homem”, “para um e outro sexo”. Tristan demonstrava profunda admiração pela obra de Wollstonecraft, comparando-a com os escritos de Sant Simon, aos quais ela também teve acesso.

Tais leituras a influenciaram significativamente em seu pensamento político. Para ela, a autora “denunciava atrevidamente” os males da sociedade, reivindicando igualdade de direitos civis e políticos, o divórcio e a educação profissional para todos. Flora vai nomear a obra de Wollstonecraft como imperecível, pois, segundo ela, a “felicidade do gênero humano” dependeria do que está reivindicado em *A vindication of the rights of woman*.

Diferente do que ocorre com a autora inglesa, Flora criticou sua conterrânea mais famosa, George Sand, porque, assim como outras autoras, esta procurava usar pseudônimos masculinos para divulgar suas ideias. George Sand é o pseudônimo de Aurore Dupin, escritora francesa que alcançou sucesso como romancista. Entre outras obras, é autora de *A Indiana* e frequentava círculos da intelectualidade artística parisiense. Entre seus amigos famosos estavam personalidades como o compositor Chopin e o pintor Eugene Delacroix.

Flora Tristan tinha profunda admiração pelo trabalho do escritor e acreditava que este deveria se colocar explicitamente aos leitores e enfrentar as consequências advindas das suas ideias e percepções. Para além disso, a autora criticava o uso de pseudônimos masculinos que, de certa forma, “escondem” as mulheres escritoras e as condicionam a imposição social para se tornarem mais aceitáveis. Ao longo da história os usos de pseudônimos por parte de escritores tiveram outras motivações, como disfarce ou motivações de segurança. Mas algumas escritoras mulheres recorreram a esse recurso para que seus livros fossem publicados, ou melhor, aceitos pelo público ou em função de determinado gênero literário.

⁵⁷ TRISTAN, Flora. *Passeios em Londres*. 1839 Disponível em biblioteca virtual. <http://www.cervantesvirtual.com/>. Acesso em junho de 2016.

Além de George Sand, exemplos famosos, como George Eliot (Mary Anne Evans) e as irmãs Brontë (Anne, Charlotte e Emily), utilizaram desse recurso. Ainda hoje, a utilização de um nome “neutro”, algo que não defina de imediato o gênero, é muito comum e incentivado por editoras. Vide o contemporâneo caso de J.K. Rowling, autora da série mundialmente famosa Harry Potter, que aderiu a um nome aparentemente “neutro” incentivada por seu agente. Seja como for, para Tristan, o anonimato literário é um véu politicamente ineficaz, pois esconde o sujeito feminino e interrompe ou limita o potencial de mudanças embutidos nas escritas femininas:

(...) um escritor que se distinguiu, desde o começo, pela elevação de seu pensamento, a dignidade e a pureza do estilo, tomando a forma do romance para fazer ressaltar a infelicidade da posição da mulher, colocou tanta verdade em sua pintura que seus próprios infortúnios foram pressentidos pelo leitor. Mas esse escritor que é uma mulher, não satisfeita com o véu com que escondera seus escritos, assinou-os com um nome de homem. Que repercussões podem ter as queixas que ficções envolvem?⁵⁸

A crítica de Tristan é gritante ao mencionar que, além do caráter ficcional das obras de Sand, esta autora ainda se escondia por um nome masculino. O “véu” para Tristan é o estilo literário escolhido pela autora, que, embora denunciasse os percalços da mulher de sua época, o fazia como uma obra de ficção. Flora Tristan questiona então: “Que repercussões podem ter as queixas que ficções envolvem?” É como se a ficção não fosse tão capaz de sensibilizar as causas da realidade das mulheres, tal como faria um texto engajado que abordasse de forma direta a experiência autoral. Para ela, era necessário que as mulheres não apenas escrevessem, mas pontuassem o caráter “real” de sua narração. Além, é claro, de assinar seu nome verdadeiro e demarcar seu gênero como forma de reafirmação da escrita feminina enquanto denúncia e busca incessante por credibilidade.

Como forma de escolha pelos autores, suas críticas à obra ficcional fazem parte do seu caminho trilhado como autora que busca a elaboração de um discurso mais “politizado”. Talvez, a notoriedade da autora em questão trouxera questionamentos não só sobre a abordagem literária e como fonte de inspiração, como também a atitude de denúncia e resistência da posição das mulheres no século XIX. Para Tristan, isso não teria o mesmo apelo que uma narrativa “não ficcional”.

⁵⁸ TRISTÁN, Flora. *Op. Cit.*, p. 40-41.

Flora Tristan teve acesso primeiramente às teorias de Saint Simon através dos seus discípulos que formaram um movimento social e político na França. Em parte, esse movimento atraía as mulheres que encontrariam ali um lugar de expressão e até admiração. Inclusive, havia uma lenda creditada aos saint-simonianos de que uma mulher seria uma espécie de “salvadora”: a intitulada mulher-messias.⁵⁹ Mais tarde, Tristan teria contato com outros dois grandes nomes do socialismo: Charles Fourier e Robert Owen. A autora teria com ambos uma relação pessoal, visto que chegou a trocar correspondências com Fourier e dedicou um capítulo de sua narrativa de viagem à Inglaterra a Owen. Com isso, a influência e a admiração de Tristan pelas teorias socialistas estariam presentes em sua obra. Isso é detectável especialmente no seu discurso político em prol do feminismo. Embora houvesse um entusiasmo pelos autores contemporâneos, Tristan não se considerava uma discípula de nenhuma doutrina. Em sua narrativa, ela anunciou sua posição da seguinte maneira:

A fim de evitar toda falsa interpretação, declaro que não sou nem saint-simoniana, nem fourierista, nem oweniana. Se tivesse que me pronunciar acerca do respectivo valor dessas três doutrinas, faria a partir do meu ponto de vista, depois de ter me entregado a um exame aprofundado de cada uma, e de ter comparado entre elas suas diversas aplicações. (Tradução minha)⁶⁰

Talvez, essa postura pluralista seja uma maneira de se isentar de certas formas de pensamento rígido, sendo uma forma de marcar as diferenças intelectuais de diversas doutrinas socialistas, assegurando sua originalidade e sua própria forma de pensamento político. Embora identificasse nesses autores uma inspiração e um reconhecimento digno de suas obras, Tristan parece fazer questão de demarcar sua posição e sua forma de pensamento. Ao longo de suas obras, pelo menos em alguns aspectos, a autora destaca o quanto era importante o seu próprio posicionamento, suas conclusões baseadas na comparação e na aplicação teórico-prática dos seus pensamentos, de suas palavras.

De fato, são ainda insipientes as pesquisas sobre o pensamento feminista durante o século XIX. Apesar de ter aumentado consideravelmente o número de investigações sobre o feminismo no século XX e na atualidade, graças em parte aos movimentos sociais, pouco se sabe sobre as autoras oitocentistas. Sobre as autoras socialistas, a situação é mais

⁵⁹ Tanto Konder como Vergara escrevem a respeito dessa lenda e da identificação com a história de Flora Tristan.

⁶⁰ TRISTAN, Flora. *Passeios em Londres*. Op. Cit.

lacunar, pois, a despeito dos casos isolados, há menos trabalhos ainda. É interessante notar que alguns dos escritos tristanianos demarquem-se como originais, fazendo questão de enfatizar a si próprio um papel de “destaque”.

Diante disso, um dos principais objetivos é entender o quanto o socialismo de Tristan influenciou o seu feminismo e vice-versa, o que a tornaria dona de uma nova “doutrina”, uma nova ideologia. Como todas as partes constituintes de sua múltipla identidade seriam experimentadas em sua escrita? Ater-me-ei a partir da próxima seção ao questionamento da escassez de pesquisas dessas autoras e a busca por analisar essas mulheres. A História está condicionada por seleções, sejam essas feitas pelo interesse (político) do que era considerado relevante, da forma abordada pelos seus autores, ou pela metodologia determinada pela “academia” do que é uma fonte confiável ao(à) historiador(a). Dentro desses três grandes processos cabe uma imensidade de outras pequenas seleções.

2.2. Escrever

É a partir do século XVIII em que se assistiu a presença massiva de autoras mulheres, tanto na literatura ficcional como em textos não-fictícios. A escrita feminina ganha dimensão com pesquisadoras, viajantes, literatas, periodistas. Tornando possível ao historiador encontrar a mulher pelas suas próprias palavras. Utilizo o termo de “escrita feminina” a fim de abarcar como a dimensão sobre o ato de escrever pelas mulheres se deu em um espaço de transição entre as esferas públicas e privadas. O escritor masculino já dominava há muitos séculos o caráter privado de sua profissão. O ato de escrever (e de publicar) tanto na política quanto na literatura já era uma forma consolidada pelo gênero masculino.

As mulheres tinham acesso normalmente a formas de escritas íntimas e pessoais, como diários, cadernos familiares, cartas e escritos familiares de forma geral. A transição da mulher para um ambiente público de escrita, em maior número, se deu nos fins do século XVIII e século XIX. Por isso, acredito que seja importante demarcar as condições e meandros de uma literatura feminina, ressaltar as singularidades de uma literatura que enfrentava em si condições atenuantes em sua execução, tais como a aceitação da posição das mulheres escritoras, enquanto intelectuais, por um público leitor.

Embora a literatura pessoal seja tão importante quanto qualquer outra e de valor insubstituível para a História Social, é necessário ter em mente a diferença do estilo de literatura, levando em conta sua posição e seu objetivo. Ambas “encontram” as mulheres

do passado, mas de formas distintas. A introdução de mulheres escritoras em um ambiente mais público configurou um novo estilo de literatura feminina e possibilitou às mulheres a chance de escreverem sobre o mundo e não mais apenas sobre sua própria família.

Assistiu-se no século XIX a um aumento de mulheres periodistas, romancistas e pesquisadoras. Essa literatura abarcou novas dimensões do pensamento feminino não expresso antes, através de outras formas de escrita ou não captadas pelo historiador, sobretudo, em função da sua indelével invisibilidade a certas modalidades de fontes.

Flora Tristan iniciou sua fase como escritora após sua separação. O processo doloroso narrado pela autora foi permeado de brigas, acusações, agressões verbais e numerosos conflitos pela guarda dos filhos. Tristan deixou um legado importante como escritora do século XIX, pois encontra-se diversas petições, narrativas de viagem, um livro político, uma obra ficcional, e outras cartas e escritos mais íntimos. Sua obra esteve atrelada aos percursos de sua vida. Tanto as motivações de suas viagens, quanto sua abordagem de escrita, a demarcaram como uma autora não-ficcional, situando-a entre as escritoras feministas presentes entre os escritos socialistas.

A influência de suas leituras discutida anteriormente, a forte presença política de sua bagagem intelectual, a sua história de mulher “separada”, tudo isso nos leva a considerar que a sua vontade de escrever se baseou em um engajamento, em uma contestação da sociedade em que vivia. Havia um senso de justiça em Flora. Muito provavelmente muitos outros fatores influenciaram na sua decisão de escrever. Deixar uma marca de sua própria história, se tornar uma figura conhecida: eis o que não se pode deixar de reconhecer como determinada vaidade daquela que se coloca como autora. Quais outros fatores históricos determinariam suas escolhas? Seria isso fundamental para respaldar seu discurso?

Após a Revolução Francesa, com a volta da monarquia na França, o divórcio legal foi revogado. Portanto, a situação na qual Flora e tantas outras mulheres se colocaram ao sair de casa era de abandono, sem direitos legais e com um peso pejorativo enorme aos olhos da sociedade. Flora relata em suas obras a dificuldade de uma mulher “abandonada” conseguir emprego, casa e mesmo respeito social.

Tristán utilizava admitidamente e quase sempre a estratégia da mentira para conseguir algo (como obter um emprego, por exemplo). Como tinha filhos e não podia se passar por solteira quase sempre se dizia viúva. Esse dilema é relatado em *Peregrinações de uma Pária*:

Ao me separar de meu marido, havia abandonado seu nome e adotado o de meu pai. Bem acolhida em todo lugar como viúva ou solteira, sempre era escorraçada quando a verdade era descoberta. O fato de ser jovem, bonita, e de gozar aparentemente de um pouco de independência eram motivos suficientes para envenenar as conversas e para que a sociedade me repudiasse, pois ela não perdoa a nenhum de seus membros a tentativa de se libertar do peso das cadeias por ela forjadas (Tradução minha).⁶¹

Tristan coloca a liberdade como o ponto central da discussão. Ela relata o preconceito, a indiferença, os olhares maldosos sobre uma mulher que ousa se comportar como uma pessoa livre. Como aponta o trecho, ficava o incômodo ante à identidade nominal masculina que ela usava efetiva ou estrategicamente, abandonando sobrenome do seu marido para adotar o de seu pai.

Da mesma forma, a idade (sua juventude), sua condição estética (sua beleza), quando combinadas em ambiente público de relativa liberdade, gerava críticas sociais que incomodavam Tristan. Como viúva e solteira ela tinha possibilidades de circulação, já que sua persona estava associada a uma figura masculina. No entanto, quando divorciada, isto é, desassociada de uma figura masculina, Flora sentiu o peso das exigências e prescrições sociais. Sem dúvida, o fato de ter que se impor com uma mentira a deixava desconfortável, embora ela utilizasse como forma de proteção e de conquista de novos espaços. Para ela, a sociedade não apenas é contrária à sua condição e status social, mas também a de qualquer pessoa que pense e se porte de forma diferente do que as “cadeias” sociais, leis e condutas morais nas quais os cidadãos e cidadãs estão submetidos (as).

De cunho liberal, a lei de 1792 legalizou o divórcio e determinou sete motivos que justificavam o pedido de divórcio, são eles: “a insanidade, a condenação de um dos cônjuges a penas aflitivas ou infamantes; os crimes, sevícias ou injúrias graves de um contra o outro; o notório desregramento dos costumes; o abandono por dois anos no mínimo; a ausência sem motivos durante cinco anos no mínimo; a emigração”.⁶² Entre eles, ao menos formalmente, previa-se o divórcio se a separação ocorresse consensualmente, isto é, em comum acordo quando havia a incompatibilidade de gênio e personalidade.

⁶¹ TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Op Cit.p. 45.

⁶² HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo. Companhia das Letras. 2009, p.33.

De acordo com Lynn Hunt, essa lei era para a época a “lei mais liberal do mundo”,⁶³ já que as despesas não eram altas e até as mulheres poderiam recorrer ao pedido de divórcio. Ainda de acordo com Hunt, foram registrados na França quase 30 mil divórcios entre os anos de 1792 e 1803. O divórcio foi abolido novamente no ano de 1816.⁶⁴ Provavelmente, se a lei ainda estivesse em vigor, Tristan poderia alegar injúrias contra a sua pessoa, já que dificilmente Chazal aceitaria a incompatibilidade de gênios, esse só sendo aceito por consenso entre as partes. Por mais que a lei não pudesse abarcar todos os aspectos de âmbitos socioculturais de uma separação, ela poderia potencialmente garantir determinados direitos que estivessem de acordo com a lei dentro da situação das mulheres divorciadas.

Para complementar o seu argumento, a própria Flora Tristan utilizou em *Peregrinações de uma Pária*, um número estatístico para auxiliar seu argumento sobre a existência de inúmeros casais que viviam separados mesmo sem a legalidade jurídica. No fundo, ela procurava legitimar a própria condição. Segundo ela, em grande parte, a não aceitação social era devido ao repúdio da Igreja ao divórcio, pois haveria um número alarmante de trezentos mil casais que viviam separados na França. Embora ela não explique como conseguiu este dado, a autora utiliza a estatística como forma de auxiliar seu argumento e de reivindicar a importância do retorno à lei ou ao menos a abertura de discussões sobre essa situação sócio-jurídica. Como é possível ver em sua narrativa, Tristan já expõe a ordem de suas intenções:

(...) Não foi sobre mim, pessoalmente, que quis atrair a atenção mas sobre todas as mulheres que se acham na mesma posição e cujo número aumenta dia após dia. Elas experimentam tribulações, sofrimentos da mesma natureza que os meus, estão preocupadas com a mesma ordem de ideias e sentem as mesmas afeições.⁶⁵

Flora Tristan amplia o seu discurso para uma possível identificação de gênero feminino mais universal que ultrapassaria os desejos e interesses meramente pessoais. Para ela, o seu relato seria uma denúncia não apenas da sua experiência pessoal, mas representaria a experiência de milhares de mulheres, sintetizaria o sentimento delas para com a vida, assim como suas preocupações.

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ *Ibidem*, p. 32 e 33.

⁶⁵ TRISTAN, Flora. *Op Cit.* p. 41 e 42.

Através de seus relatos, ela idealizou a necessidade de se tentar modificar o seu meio de modo que fosse possível alterar igualmente a vida de muitas outras mulheres em condições semelhantes às dela. Ao narrar sua experiência de vida, Flora compreende que esse escrito teria a dimensão política que catalisaria a vivência das mulheres em sociedade, mesmo que nem todas pudessem fazê-lo.

Em um só tempo, seu discurso individual também representava um vislumbre universalista feminino, cujo escopo era abarcar a totalidade das mulheres. Seu objetivo era dar uma dimensão maior a sua narrativa e, enquanto denúncia ou relato, ratificar a aflição de milhares de mulheres pelo mundo.

A preocupação com a posição das mulheres separadas foi um assunto recorrente nas obras de Flora Tristan. Ela motivou o esboço de idealizações de transformações sociais. Ainda que esteja apenas como um desabafo, Flora entendia que a lei do divórcio só favoreceria a liberdade do sexo feminino: uma possibilidade de liberdade ao menos jurídica. O exercício da lei, em si, já amenizaria o problema da mulher separada, pois não amparadas pela ordem jurídica, as mulheres estavam condicionadas a uma vida de desamparo. Fora da lei, dependente financeiramente dos maridos, condicionada a dureza do julgamento social, na qual na melhor das hipóteses ela estaria apenas ligada pelo nome.

A sorte de Tristan era pior, separada e perseguida pelo marido, era incapaz de passar despercebida como mãe de três crianças. Não podendo se passar por solteira, Tristan, se disfarçava muitas vezes de viúva, tanto para trabalhar como para convencer as pessoas durante sua viagem ao Peru. Experiência relatada por ela em *Peregrinações*:

A presença de meus filhos me impedia de passar por solteira, e eu quase sempre me apresentava como viúva. Entretanto, permanecendo na mesma cidade onde residiam meu marido e minhas antigas relações era muito difícil desempenhar um papel que uma infinidade de circunstâncias podia estragar. Esse papel me colocava frequentemente em situações falsas, deixando sobre minha pessoa um traço de ambiguidade e atraindo sem cessar sobre mim os mais graves dissabores. Minha vida era um suplício de todos os instantes.⁶⁶

Se passar por viúva era um subterfúgio, uma identidade em que a autora forjava para escapar do julgo popular e conviver como uma mulher “sem um passado marcado” perante a lei. A separação de ordem jurídica, se não retirasse totalmente o peso social sobre a ação de uma separação, ao menos daria a mulher a chance de viver de acordo como uma cidadã qualquer.

⁶⁶ TRISTAN. PP. 45

A mulher desamparada pela incapacidade do divórcio, “pertencia” a alguém, não era livre para exercer suas próprias escolhas. Tristan discorreu sobre o “traço de ambiguidade” em que ela era marcada, alguém que teve que esconder sua própria história e criar uma alternativa, uma personagem.

A autora continua a lastimar sua incapacidade de viver como uma mulher livre e sobre o amor aos filhos. Na sua viagem ao Peru, apenas Aline, sua filha, estava sobre seus cuidados. O mais velho já havia falecido, e o outro filho estava sobre os cuidados do pai. Tristan teve a guarda de Aline por um infortúnio familiar. A filha fugiu para a casa da mãe e acusou o pai de a ter molestado, que se defendeu acusando Tristan de armar contra ele. Após esse incidente Flora conseguiu a guarda da filha, na qual a autora sempre acentuou sua preocupação e zelo.

Sensível e orgulhosa em excesso, sentia-me continuamente ofendida em meus sentimentos, ferida e irritada na dignidade de meu ser. Se não fosse pelo amor que sentia pelos meus filhos, sobretudo por minha filha, cuja sorte no futuro, como mulher, aumentava vivamente meus cuidados, induzindo-me a ficar a seu lado para protegê-la e socorrê-la; sem esse dever sagrado que penetrava profundamente em meu coração, que Deus me perdoe, e que os que governam nosso país também! Eu teria buscado a morte...!⁶⁷

O reconhecimento ao destino incerto da mulher, e o amor de mãe, conduz a autora a uma compaixão direta pela sorte de sua filha em maior proporção. Seus filhos, embora sua preocupação e amor não diminuíssem, estavam sobre a proteção de seu sexo, a eles seriam permitidos a escolha e alguma chance de recorrer às leis e à sociedade. Tristan viajou ao Peru deixando sua filha aos cuidados de uma senhora, dona de uma pensão, que ela conheceu durante uma viagem a cidade francesa de Angoulême.

O casamento trágico da autora e sua vida difícil nos anos que seguiram sua separação provavelmente marcou não apenas sua conduta com o sexo oposto, mas modificou a sua idealização sobre o amor. Ao contar sobre suas experiências de amor do passando, enquanto menina, e sobre as investidas do comandante do navio que a levava ao Peru,⁶⁸ Tristan discorre sobre o amor e sobre a impossibilidade de um envolvimento amoroso. A autora narrou com desilusão e amargura sobre suas perspectivas e sobre seu passado de temperamento romântico. Ela disse: “Em 1833, o amor era para mim uma religião”, Tristan compartilha sua solidão e sua desesperança a uma vida com um amor

⁶⁷ TRISTAN, p. 47.

⁶⁸ Chabrié, comandante do navio, não tinha conhecimento sobre a separação de Tristan, tampouco de sua situação ou de seus filhos. A autora descreve os elogios galanteadores do homem a ela e sua recusa em aceitá-las.

masculino, com uma paixão. A autora praticamente descartou a possibilidade de viver uma experiência amorosa, seja por medo ou consequência de seu futuro, a autora não admitiu nenhuma outra relação em sua vida.

Esse primeiro relato de viagem escrito por Flora foi escrito em uma forma muito íntima e pessoal. Em virtude da motivação da viagem, considero que o relato seria mesmo mais particular, com considerações subjetivas e contendo muitas reflexões. É provável que a maneira com que Flora descreve suas relações pessoais possa ter chocado o público da época. Embora seja um relato de viagem, grande parte do livro é destinada às reflexões íntimas e descrições de seus pensamentos, o que a meu ver endossa ricamente como fonte para se entender a busca das mulheres enquanto personagens ativas de sua época e como agentes históricos.

Quase sempre narrada em primeira pessoa, a escrita de Tristan faz questão de acentuar a opinião da autora sobre tudo que a cerca. Desde vestimentas e costumes a sua volta, posicionamentos de personagens que ela conheceu ao longo da viagem, como também assuntos políticos e sociais. A autora relata diálogos e “afeições” de homens para com sua pessoa. Aborda detalhes de sua forma de entender o amor e seus sentimentos pelos seus filhos. Talvez, tudo isso faz dessa obra a mais pessoal, visto que se trata de uma narração focada em seus próprios pensamentos e visões de mundo.

Embora não tenha deixado de ter em mente que Flora Tristan sabia que seria lida, provavelmente a autora pesou suas palavras ao imaginar um público leitor. Sabia que poderia ser mal vista por expor, por exemplo, suas mentiras (como o fato de não ser viúva), de relatar seus relacionamentos, mesmo que apenas em nível de amizade com homens solteiros, sobre sua decisão de deixar sua filha para trás, etc. E claro, uma intencionalidade pela sua obra, a quem ela conseguiria tocar ou como se faria fazer ouvir.

Logo no início de *Peregrinações de uma Pária*, Flora dá indícios sobre o caráter pessoal do seu discurso em sua obra: “No curso da minha narração, falo com frequência de mim. Pinto-me em meus sofrimentos, meus pensamentos, minhas afeições: todas resultam da organização que Deus me deu, da educação que recebi e da posição que as leis e os preconceitos me fizeram ter”.⁶⁹ A autora demarca a posição em que fala, concebendo a sua narrativa algo pessoal e da ordem de sua formação. O caráter religioso, a educação de seus pais, principalmente a mãe, o seu estado de órfã e separada, as limitações de seu olhar a partir de modelos eurocêtricos, tudo isso determina seu olhar,

⁶⁹ TRISTAN, Flora. *Op Cit.* p. 41

mas não reduz suas possibilidades de análise, já que em grande parte ela as reconhece como uma característica sua.

A motivação pessoal da viagem empreendida por Tristan ao Peru e a recusa de sua família paterna ao reconhecimento de sua legitimidade, fazendo com que não tivesse direitos à herança paterna, a marca por essa condição de ilegítima, uma mulher sozinha e estrangeira, etc. foram fatores que a autora destacou e que ajudou a compor o seu olhar feminista sobre o que a sociedade impunha às mulheres. Durante várias páginas, ela marcou sua tristeza e decepção com a família e principalmente com seu tio.

No entanto, o primeiro livro escrito por Tristan, após seu regresso a Paris, foi um livreto intitulado *É necessário dar uma boa acolhida às mulheres estrangeiras*,⁷⁰ escrito em 1835. Após conhecer as dificuldades enfrentadas pelas mulheres fora de seu país, Tristan escreve esse texto pensando em melhorar as condições das mulheres estrangeiras que viviam em Paris.⁷¹

Quando faz a análise dessa obra, Roland Fougues percebeu que a autora elabora uma espécie de “manifesto político no qual se procura conciliar a teoria e práxis, espírito e matéria, razão e utopia”.⁷² Essa forma de conduzir seus pensamentos, elaborando sempre essa conciliação entre discurso e prática, é um ponto importante a ser considerado em relação à análise das obras de Flora Tristán. Tal questão me parece presente em todas as obras da autora. Para Fougues, o que Tristan propõe é o que um século depois o escritor latino americano Mariátegui vai denominar de “uma utopia realizável”.⁷³

Para Fougues e Konder, as obras posteriores às suas primeiras viagens (Peru e Inglaterra) assumem um discurso mais amplo, extrapolando as suas experiências individuais e construindo uma fala mais elaborada no sentido de identificação com as mulheres, uma consciência socialista de gênero. *A União Obreira* é de fato uma das obras mais politizadas e uma das menos voltadas para as próprias experiências individuais de Flora Tristan. É o livro em que ela tentou sistematizar suas ideias em prol da coletividade, dos trabalhadores e das mulheres, de forma mais teorizada.

⁷⁰ FORGUES, Roland. “O discurso ‘feminista’, social e político de Flora Tristan”. In: TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma Pária*. Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e EDUNISC, 2000.

⁷¹ FOUGUES. Flora coloca três categorias de mulheres viajantes: a primeira, que empreende uma viagem a fim de instrução ou diversão, que são as mais ricas e distintas; a segunda, a fim de resolver negócios pessoais, e a terceira, mulheres que viajam para fugir de uma desgraça, as mais pobres e ingênuas.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ José Carlos Mariátegui foi um jornalista peruano, nascido em 1894. O intelectual escreveu sobre temas diversos tais como indianismo, literatura, a questão agrária e educação. Cf. PERICÁS, Luiz Bernardo. Mariátegui e a questão da Educação no Peru. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n68/a07n68.pdf>. Acesso em junho de 2016.

Conforme aponta Fougues, “ali o discurso de Flora transcende a experiência individual vivida nos lugares mencionados, principalmente o Peru, para abarcar uma experiência coletiva de gênero, teorizada em escala mundial a partir da França”,⁷⁴ embora ela já apresente algumas interessantes conclusões nesse sentido em *Peregrinações de uma Pária*. As suas viagens são, dessa forma, fatores de influência e de (re)construção do seu pensamento feminista e socialista, a ser analisado mais à frente, uma forma de alcançar o amadurecimento de suas ideias e uma maneira de explicitar como ela enxergava o mundo.

Esse direcionamento político pode ser verificado em outra obra sua, *Passeos en Londres*, escrita em decorrência da viagem de Flora Tristan à Inglaterra do ano de 1839. Segundo Konder, a autora já havia estado em outras três ocasiões no país, embora não haja informações sobre essas viagens. Nesse relato, Tristan assume uma posição enquanto observadora/escritora de uma forma bem mais exteriorizada. Trata-se agora de uma narrativa menos íntima do que a sua primeira narrativa. Seu relato e sua viagem têm características mais investigativas. A autora visita prisões, fábricas, hospícios, tabernas, o parlamento, assumindo uma postura de uma viajante investigativa, sendo, como Perrot vai defini-la, a mais conhecida “primeira grande repórter feminina”.⁷⁵

Tristan não expõem em seu relato como viabilizou sua viagem e nem sua motivação primária de ir a Londres e não a outra cidade europeia. Em termos gerais, a Inglaterra era o centro das transformações econômicas da época, pois a efervescência industrial inglesa modificava os padrões das relações de trabalho. Dessa forma, era o foco das discussões socialistas. Tristan queria explorar pessoalmente sobre aquilo de que tanto leu, queria observar e relatar a sua visão sobre o que acontecia em território londrino e, claro, como esse contexto afetava a posição das mulheres e dos operários. Ela iria escrever mais tarde: “O papel importante que a Inglaterra desempenha nos faz desejar conhece-la”.⁷⁶

Em *Passeos en Londres*, a autora relata também os seus encontros com os socialistas Charles Fourier e Robert Owen, nomes já conhecidos no meio socialista e pelos quais Flora nutria admiração e respeito. São autores que influenciaram significativamente seu pensamento sobre a política e o socialismo. De certo, muito

⁷⁴ FOUQUES. *Op. Cit.* p. 14

⁷⁵ PERROT, Michele. *Op. Cit.*

⁷⁶ TRISTAN, Flora. *Apud.* PERROT, Michelle. *Op. Cit.*, p. . 366

influenciada pela sua viagem a Londres e por seus contatos no meio intelectual socialista, Tristan desenvolveu bastante o seu pensamento socialista na sua escrita.⁷⁷

Em sua próxima obra, *União Obreira*, Flora Tristan se aproxima mais das questões do socialismo e de suas aspirações. O livro é um manifesto, um panfleto político, a partir do qual a autora direciona às mulheres e aos operários, invocando a união dessas duas minorias oprimidas. Com uma tiragem um tanto alta para a época (4.000 exemplares) que se esgotou, *União Obreira* se tornou um importante trabalho da autora, talvez o mais conhecido. Em *União Obreira*, Flora desenvolve a ideia de um projeto chamado “palácios operários” que seria a princípio uma espécie de sindicato, mas que era sobretudo uma preparação para uma ideia maior, que seria a construção da classe operária. Essa ideia lembra em muito os “falanstérios” de Charles Fourier e as comunas de Robert Owen. Para Konder, essa é a ideia mais “utópica” da autora, mas é certamente essa obra que a faz ter o nome citado como uma socialista da primeira metade de século XIX.

Apesar de ainda não se ter informações sobre as formas e meios utilizados pela autora para a elaboração, reprodução e publicação de suas obras, nem tampouco de como ela viabilizou as suas viagens, os números são importantes para contextualizar mesmo que minimamente o alcance potencial de Tristan como uma autora do século XIX. Ao que tudo indica, Tristan arrecadou dinheiro com “financiadores” interessados em suas ideias, em especial para a publicação e divulgação de *União Obreira*. Se, em seus livros anteriores, Flora ensaia um discurso mais amplo na busca de uma conscientização e de assimilação do sofrimento das mulheres em geral e da opressão do crescente operariado, certamente, em *União Obreira*, a autora faz um livro político em que realmente almejava algo maior no sentido de dar uma contribuição significativa na mudança da humanidade.

Anos antes, em 1838, a autora se dedicou a escrever um romance intitulado *Méphis* ou *Le Prolétaire*, um romance em que alguns autores vão encontrar como características da própria vida de Tristan e de suas idealizações políticas. Esse romance não será analisado nesse trabalho, mas o que indica outros autores, como Konder, o romance era uma “analogia” de sua vida. Um romance trazendo como outros nomes e cenários, o que ela passou em sua vida. Pela pouca informação sobre essa obra e por não ser meu ponto principal nesse trabalho, deixei como escolha qualitativa a parte.⁷⁸ É

⁷⁷ Certamente o olhar sobre a efervescência Industrial, a classe operária e todas as transformações sociais que observou na Inglaterra modificou a sua ótica crítica, produzindo efeitos em seus pensamentos.

⁷⁸ Como meu foco de trabalho e pesquisa é o discurso engajado de Flora Tristan, feminista e socialista, fiz uma escolha pelas obras ditas não ficcionais.

possível que Flora Tristan tenha tentado empreender pela área dos romances por se tratar de uma literatura de grande alcance na época, o estilo mais lido do século XIX. Porém, ela mesma teceu críticas à escolha da literatura ficcional como base para confrontar a sociedade e seu impacto como força de contestação.

Na vida prática, Flora conviveu frequentemente em um matrimônio repleto de problemas de convivência, sofrendo com as sucessivas atitudes agressivas assumidas por parte do marido. Mesmo depois da separação, havia diversas brigas por causa dos filhos. Em setembro de 1838, Chazal disparou dois tiros contra Flora Tristán que, ferida, conseguiu então acusar o marido pelos disparos. Ele foi preso e Flora se sentiu aliviada, dizendo-se finalmente livre em uma carta direcionada a uma amiga.⁷⁹

Ainda assim, apoiada em suas próprias convicções e nas certezas de suas ideologias, ao saber que Chazal poderia ser condenado a pena de morte, ela escreve uma carta direcionada a Câmara dos Deputados, pedindo a suspensão da pena de morte. Segundo a autora, sua motivação ao escrever a petição foi seu senso de moralidade ao ser elacontrária às punições sobre pena de morte. Embora o marido a tivesse feito sofrer, ir a favor de algo que feria sua ideologia não era aceitável.⁸⁰ Para Tristan, um ferimento não justificava outro.

As balas disparadas contra Flora Tristán permaneceram alojadas em seu corpo e ela sobreviveu com dores ligadas ao ferimento por toda a vida. Tristán empreendeu ainda uma última viagem em que padeceu muito desses ferimentos. Embora a força de sua vontade fosse digna de louvor para seus leitores, ela não conseguiu lançar seu último livro com os relatos dessa última viagem.

Flora Tristán se sentiu inconformada em não atingir o público que ela tanto almejava com a sua obra *União Operária* e decidiu divulgá-la para as pessoas, as quais estava direcionado o seu manifesto, as mulheres e os operários, pessoas essas que, muitas vezes, não teriam nenhuma condição ao acesso ao seu livro, nem de compreender as reivindicações a que ele se propunha. Tristan decidiu partir em uma viagem pela França com a intenção de divulgar seu livro e de conhecer a realidade do operariado e das mulheres operárias francesas. Essa viagem foi relatada em seu diário, publicado sob o

⁷⁹ KONDER, Leandro. *Op. Cit.*, p. 66 e 67.

⁸⁰ A petição não foi analisada nesse trabalho. As informações são do livro de Leandro Konder.

título de *Tours en France*,⁸¹ e lançado, postumamente, por sua amiga e discípula Éléonore Blanc.

Em todos os escritos, as mulheres estão no centro de sua visão de mundo e de preocupação. Não apenas um relato pessoal, mas a observação constante com um direcionamento de suas intenções. As mulheres são o centro de análise de Tristan e a significação de seu engajamento. Por isso, Flora Tristan enfatizou sempre sua admiração pela conduta das mulheres nos lugares visitados, em grande parte em função de seu olhar feminista e também, acredito, que em parte por causa do olhar deslumbrado de uma viajante. Isso ocorria seja para reforçar suas convicções como feminista, seja pelo olhar romântico. Flora faz questão de observar nas sociedades que encontra o comportamento, a inteligência nas mulheres. Não é casual que, na viagem ao Peru, ela se encantou com a pressuposta liberdade das mulheres peruanas, assim como se encantou com as escritoras inglesas.

O tema das mulheres e seus espaços na sociedade é um elemento característico fundamental para Flora Tristan, pois ela desejava ressaltar o quão eram injustos esses lugares reservados a elas na sociedade, sobretudo nas contraposições aos seus valores e aptidões.

Não há, absolutamente, lugar na terra onde as mulheres sejam mais livres, exerçam mais forte influência que em Lima. Ali elas reinam únicas; é delas, em tudo, que parte a iniciativa. (...). As limenhas têm, todas, belas cores, os lábios de um vermelho vivo, belos cabelos negros naturalmente cacheados, olhos pretos, de uma forma admirável, de um brilho e de uma expressão indefiníveis de inteligência, de orgulho e de langor; nessa expressão está tudo o seu encanto; falam com muita facilidade, e seus gestos não são menos expressivos do que as palavras que acompanham.⁸²

O referencial cultural e político de Flora eram as sociedades europeias, especialmente a francesa e inglesa, e isso fez com que ela reconhecesse as diferenças entre um conhecido e outro a ser desvendando. Seu interesse era demonstrar a positividade da vida cultural peruanas com uma maneira de criticar as condições femininas europeias.

Para Roland Fougues, o discurso de Flora se desenvolve em uma tripla perspectiva, a de “uma reivindicação ‘feminista’ sobre o estatuto e o papel da mulher nas

⁸¹ TRISTAN, Flora. *Le Tour de France*. Disponível: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k82507w.r>>. Acesso em junho de 2016.

⁸² TRISTAN, Flora. *Op. Cit.*, p. 480.

sociedades modernas, uma reivindicação social sobre a condição operária e uma reivindicação política sobre a construção de uma nova sociedade universal”.⁸³ Ele ainda acrescenta que a autora em sua obra “inverte as hierarquias dos valores da sociedade patriarcal tradicional outorgando à mulher a missão de recompor as sociedades divididas e violentadas pela exploração”.⁸⁴

Porém, Fougues critica o discurso de Flora ao dizer que ela se contentaria em inverter a dicotomia superioridade/inferioridade do discurso machista e masculino, deixando os “mecanismos discriminatórios de gênero” intactos. O autor utiliza esse argumento com base em trechos da obra de Flora Tristan, como este:

Apesar de tudo as mulheres de Lima governam os homens, porque lhes são muito superiores em inteligência e em força moral. A fase de civilização na qual se encontra este povo está ainda muito afastada daquela a qual chegamos na Europa. Não existe no Peru uma instituição para a educação de um ou outro sexo; a inteligência não se desenvolve ali senão por suas forças nativas: assim, a preeminência das mulheres de Lima sobre o outro sexo, por inferiores que elas sejam do ponto de vista moral em relação às europeias, deve atribuir-se à superioridade de inteligência que Deus lhes concedeu.⁸⁵

Embora discorde relativamente de Fougues, pois não acredito que Flora se contente com a inversão das dicotomias, já que em nenhum momento, a autora apresenta esse tipo de inversão como uma idealização de uma sociedade. Tristan estava comprometida com uma mudança de mundo, não apenas pelo feminismo, que não se resume ao reverter um oprimido em opressor. Embora reconheça o perigo de uma inversão de valores, em que se julgam determinados fatores em detrimento de outros, causando uma discriminação. O feminismo, assim como tantos outros discursos engajados, ou utilizam dessas ferramentas de linguagem ou correm o risco de manter uma fala discriminatória, o que não favorece os movimentos, ao contrário, danifica-os em seus princípios e ideais.

Ao elucidar esse tipo de relato, Flora o faz muito mais dentro de um discurso persuasivo e muito por um olhar “romantizado”, mas não por uma idealização de sociedade simplesmente invertida, embora reconheça que não é o melhor dos seus argumentos e o “perigo” desse tipo de discurso.

⁸³ FOUQUES, Roland. *Op. Cit.*, p. 15.

⁸⁴ *Idem.*

⁸⁵ *Ibidem.*, p. 335.

Para Moema de Rezende Vergara,⁸⁶ que procura identificar a geração de intelectuais de Flora Tristan, e os condicionamentos e ideias que geraram casos “excepcionais” como ela. A autora também não utiliza simplesmente de uma inversão da dicotomia de superioridade *versus* inferioridade. Discordando de Fougues, ela analisa como o discurso de Tristan remetia a um senso de igualdade maior, que abarcava a humanidade e, embora a mulher pudesse ocupar o centro de seus escritos, ela almejava uma igualdade e uma liberdade mais ampla para a sociedade. De acordo com Vergara:

Flora se inscreveria na corrente racionalista do Iluminismo, quando ela imputava à falta de educação intelectual das jovens sua condição de subordinação. Contrariamente ela utilizava recursos passionais para descrever a sujeição das mulheres na tradição filosófica e religiosa ocidental. Se Flora reclamava direitos para as mulheres, não era em nome da superioridade das mesmas, mas simplesmente uma questão elementar de justiça, visando um reequilíbrio das forças disponíveis no universo doméstico e no movimento social – projeto que teria um sentido de utilidade para toda a sociedade.⁸⁷

Vergara ainda acrescenta que, ao utilizar um discurso voltado à classe operária, Tristan não estava transferindo o poder de emancipação feminina para as mãos dos homens. Pelo contrário, para ela, a mudança de uma configuração social era necessária, visto que deveria haver uma mudança nos costumes de forma geral, na qual homens e mulheres deveriam exercer, juntos, uma mudança e uma reavaliação dos “papéis de gênero”.⁸⁸

Corroboro com a perspectiva de Vergara, ao entender que Tristan tem em seu ideal uma imagem mais ampla de igualdade e não de um papel “dominador” para as mulheres. Sua influência socialista a fez acreditar na união de duas classes subjugadas, a mulher e o operário, embora ela reconheça que, em grande parte, as mulheres ainda estavam em condições subalternas em termos legais. A forma com que ela constrói seus argumentos, ora romantizada, ora persuasiva, está entre as diversas características de sua trajetória. Como autora, ela oscilou entre o ideal romântico e o racionalismo intelectual, mas isso não a caracteriza como uma intelectual marcada por uma visão em que pese uma inversão de superioridade feminina frente à masculina.

⁸⁶ VERGARA, Moema de Rezende. O caso da geração de Flora Tristán. *Cadernos Pagu*. Abril de 1999. p. 223-251.

⁸⁷ *Ibidem*. P. 239

⁸⁸ VERGARA, Moema. *Op. Cit.*, p. 239

Ainda sobre as reflexões de Flora pelo condicionamento social em que ela observa em suas viagens, sobre a admiração da liberdade ou a ausência dela, Konder argumenta que a autora se apropria de ideias do socialista Charles Fourier que observa que o grau de civilização está diretamente ligado ao grau de independência vivido pelas mulheres. Para Konder, a diferença é apenas a palavra “civilização”, que Fourier vai utilizar ‘cultura’. Ainda de acordo com Konder é sobre esse mesmo texto em que Marx irá refletir em seus *Manuscritos de 1844*:

As diferenças entre a “leitura” de Fourier por Flora e por Marx são, afinal, irrelevantes. Flora, como mulher, sente necessidade de sublinhar o “grau de independência” específico das mulheres, o que em Marx está necessariamente presente na relação igualitária entre homens e mulheres. Por trás de ambos – atuando como fermento da reflexão crítica – estava a instituição revolucionária de Fourier, que os dois souberam reconhecer. Flora antes que Marx.⁸⁹

A influência do feminismo e das ideias socialistas exerce no discurso de Flora interessantes postulações, fazendo com que ela utilize de argumentos ora mais ligados às escritas femininas, ora busque maior apoio nos escritos socialistas. Porém, é preciso considerar o que Scott argumenta sobre o gênero como uma categoria de análise, “a sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado.”⁹⁰ E nesse meio que o discurso de Flora vai ganhar críticas como as de Fourgues anteriormente citadas. O trecho lido isoladamente pode realmente remeter a uma sugestão de inversão de superioridade, mas pela leitura das obras de Tristan (de uma forma geral), a sua argumentação vai muito além de uma mudança pautada por argumentos naturalizantes e excludentes. A autora trabalha com um ideal de mudança de mundo, de transformação das relações de gênero, de liberdade econômica e “social” das mulheres e uma sociedade mais justa e igualitária, representada pela transformação na vida da classe operária.

O discurso de Flora frequentemente estava localizado entre as reivindicações da igualdade dos sexos e as reivindicações do movimento operário, ela demonstrou buscar certas similaridades entre os movimentos feminista e socialista. Por isso, é difícil aceitar a perspectiva de Simone de Beauvoir que cita sobre os anseios de Flora, quando ela teria

⁸⁹ KONDER, Leandro. *Op. Cit.*, p. 55.

⁹⁰ SCOTT. Joan. *Op. Cit.* p. 9

escolhido e enfatizado um dos movimentos. De acordo com ela, Tristan se interessava “mais pela emancipação da classe operária do que pela de seu sexo”.⁹¹

Na análise das obras de Flora Tristan, a causa da condição da mulher prioritariamente esteve no centro de toda a sua análise e de suas concepções idealistas, assim como foi o que a direcionou a viajar e a escrever. O cerne de seu engajamento é o feminismo, que ela aliou ao pensamento socialista e trouxe argumentos e ideais, e que exerceu sobre seu feminismo uma imensa diferença.

Flora Tristan dedicou um capítulo de seu livro *Passeos en Londres* às mulheres inglesas e ela se mostrou encantada pela quantidade de mulheres escritoras da Inglaterra e, de acordo com Flora, muito mais do que na França. Sempre com uma proposta argumentativa, a autora nunca deixa de rebater a desigualdade de condições e os males sociais da cidade Inglesa.

Que indignante contraste há na Inglaterra entre a extrema servidão das mulheres e a superioridade intelectual das mulheres autoras! Não existem males, dores, desordem, injustiça, miséria resultante das desordens da sociedade, de suas organizações, de suas leis, que escaparam da observação das mulheres autoras. Esse é um fenômeno brilhante dessas escritoras inglesas que iluminam o mundo moral com tão vivo esplendor. E a todo canto se considera a educação que elas sofreram y a influência embrutecedora no meio que elas viveram. (Tradução minha).⁹²

Flora admira e enfatiza a contraposição da inteligência feminina à educação que ela recebe, pois, por vezes, limitadas à esfera privada, as mulheres no século XIX não participavam dos mesmos círculos culturais que os homens. Tristan tem profunda admiração pelo trabalho de autoria e para ela as autoras mulheres, sobretudo as inglesas, eram dotadas de uma sensibilidade com o mundo. O ato de escrever é para Tristan superestimado e de grande valor social: era algo capaz de impactar o tecido social se feito com coragem. Ela diz:

Todo escritor deve ser verdadeiro: se não se sente com coragem para fazê-lo, deve renunciar ao sacerdócio que assume de instruir seus semelhantes. A utilidade de seus escritos resultará das verdades que eles conterão e, deixando às medições da filosofia a descoberta das verdades gerais, não pretendo falar aqui senão a verdade no relato das ações humanas.⁹³

⁹¹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 147.

⁹² TRISTAN, Flora. *Op. Cit.*

⁹³ TRISTAN, Flora. *Op. Cit.*, p. 42.

Flora Tristan enfatiza a sua visão sobre a importância de um registro “verdadeiro”, já que sua escrita está muito voltada para uma reivindicação e apelo, uma vontade de sensibilizar os leitores para as condições das mulheres diante das injustiças sociais. As mazelas das classes proletárias eram igualmente o seu foco e a escrita tinha um papel de primeira ordem nas mudanças sociais. Para ela, escrever seria e deveria ser sempre um ato corajoso, em que não se pode ocultar o que fosse necessário se dizer. Para Tristan, escrever é um ato de transformador, é uma atitude política podemos assim dizer.

A escolha de Flora Tristan como autora de se tratar individualmente não foi aleatória. É nessa posição que encontrei todas as “outras” Floras. A mulher separada e mãe, a estrangeira e viajante, a feminista engajada, a idealista utópica, a socialista, a investigadora, a rebelde, e tantas outras vertentes e interpretações possam ter a personalidade e os escritos de Tristan.

Diversos autores e autoras a destacaram por diferentes características de sua trajetória e de suas obras. Perrot destaca Tristan em seu caráter investigativo e sua vocação jornalística.⁹⁴ Winock concedeu a ela o reconhecimento de vislumbrar uma necessidade da consciência de classe por parte dos proletários anteriormente de Marx e Engels.⁹⁵ Túpac a coloca como uma das grandes personalidades do século XIX por ser uma viajante precursora do feminismo.⁹⁶ Rama a coloca como a única mulher a estar em igualdade com os escritores socialistas utópicos.⁹⁷ Vários outros escritores a destacaram por essas características que Tristan se fez mostrar através de seus escritos.

Em todas as suas supostas ou efetivas identidades sociais, Flora Tristan tornou-se uma escritora complexa, mas ela não deixou de seguir em suas obras marcadamente de denúncia e de engajamento social. Ela se posicionou politicamente e se tornou uma escritora engajada por uma causa própria. Todas essas postulações estão presentes na sua obra, que é um misto entre as experiências pessoais, as inspirações intelectuais e o momento sócio-político europeu.

Despertada por leituras feministas e movimentos que reivindicavam dar vozes às mulheres, ela foi leitora de autores socialistas, viveu uma intensa e conturbada trajetória de vida, tornou-se uma viajante curiosa e uma escritora orgulhosa de seu ofício. Por isso,

⁹⁴ PERROT, Michele. *Op. Cit.*

⁹⁵ WINOCK, Michel. *As vozes da Liberdade. Os escritores engajados do século XIX*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2006.

⁹⁶ TÚPAC, Diana Miloslavich. *Flora Tristan, una viajera histórica del siglo XIX*. CMP Flora Tristan: Lima, Peru.

⁹⁷ RAMA, Carlos M. *Utopismo Socialista*. Venezuela, Biblioteca Ayacucho. 1977.

tornam-se possíveis tantas vertentes de interpretação sobre a autora, já que ela era uma figura complexa e inquietante.

Tendo em mente todas essas direções sobre o caminho de Flora Tristan é que tracei uma análise da construção do seu discurso político, em que ela mescla de forma única dois movimentos em efervescente crescimento e complexidade: o feminismo e o socialismo. Assim, lançando luz às suas obras, levando em conta a interseccionalidade entre ambos os movimentos, é possível enxergar parte importante da vida social e transformações do mundo contemporâneo. Isso interessou dialeticamente a Flora como autora e escritora socialista feminista e feminista socialista.

CAPÍTULO 3

EM OUTRO LUGAR: A VIAJANTE NARRADORA E AS QUESTÕES DE IDENTIDADE

Esse capítulo busca compreender a importância das viagens dentro da construção do discurso político de Flora Tristan. Como as viagens influenciaram seu olhar e mudaram (ou assumiram) sua forma de interpretar e ressignificar suas perspectivas teóricas e suas experiências vividas. Intenta-se saber como seu discurso se modificou, ou não, ao longo de suas viagens e de suas representações escritas. Para tanto, darei ênfase aos relatos de suas visitas ao Peru e a Londres, *Peregrinações de uma Pária* (1833) e *Passeios em Londres* (1839).

Por um tempo renegada pela História, pelo antigo apreço historiográfico aos grandes acontecimentos e a determinados sujeitos, as narrativas regressam com a História Cultural sobre novos interesses. Para Burke, “a narrativa retornou, junto com a preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido as suas experiências, suas vidas, seus mundos”.⁹⁸ Para esse trabalho, essa vertente encontra apreço junto a História das Mulheres, e a busca inconstante para encontrar as personagens femininas, a muito tempo invisíveis, pelas suas próprias palavras, em sua própria versão.

É premente ter acesso ao universo do ponto de vista feminino, sua visão sobre a sociedade, sua forma de reinterpretar a política, a cultura. Ainda de acordo com Burke, “o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura contam de si mesmas sobre si mesmas”.⁹⁹

Interessada na busca desses discursos e práticas, conduzi esse capítulo dividido em três partes, seguindo uma lógica própria da produção escrita da autora. Por isso, enfatizarei a observadora narradora, a estrangeira e o seu olhar sobre a sociedade e as questões das identidades de Flora Tristan. Na primeira parte, traço uma análise sobre as motivações e características das viagens e de seus relatos escritos. Utilizo trechos das fontes que relatam a identificação (ou não) da autora nesses lugares e as diferenças do uso discursivo para a sua narrativa entre as obras. Os trechos selecionados visam demonstrar o estilo escolhido pela autora para traduzir sua experiência em outro lugar.

⁹⁸ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução Sergio Goes de Paula. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 158.

⁹⁹ *Idem.*

Na segunda parte, trabalho com os relatos sobre sua interpretação acerca da política e das sociedades visitadas. Os trechos, embora não se remeta diretamente o problema central do trabalho, que é perscrutar as relações entre discurso feminista e socialista de Tristan (a questão das mulheres e do proletariado), eles muito dizem a respeito de suas considerações sobre temas como liberdade, democracia, despotismo, raça, classe, hierarquias sociais e escravidão, que, ao meu ver, moldaram o jeito como a autora entendia o mundo e sua ideologia posteriormente assumida. Na terceira parte, farei algumas considerações sobre identidade para pensar a respeito das múltiplas identidades que Flora Tristan trouxe em si e conseqüentemente em sua narrativa.

Os relatos de viagem são narrativas com particularidades interessantes, porque demonstram a assimilação do narrador a “outro mundo”, uma visão do outro e de si mesmo, seja de forma explícita ou implícita no texto. De certa forma, tratar-se-ia de uma autobiografia e o testemunho pessoal de uma época.

Para Miriam Moreira Leite, essa literatura apresenta semelhanças que podem ser incorporadas como um gênero literário. “São narrativas de um mundo novo, visto de passagem, com a percepção revista na recordação e na formulação do livro e perturbada por condições de experiência real e das expectativas do público do país de origem”.¹⁰⁰

Portanto, esse capítulo busca a construção do discurso político de Flora Tristan, como ela apreendeu o mundo, percebeu a si própria em seus relatos e como almejou apresentar suas experiências a um público leitor em diferentes situações, em diferentes lugares.

3.1- A observadora narradora

As narrativas de Flora Tristan têm como ponto de partida suas viagens e como, depois delas, Tristan sentiu a necessidade de desenvolver suas obras posteriormente publicadas. A mudança de sua perspectiva e de sua forma de narrar é muito visível no decorrer e discorrer das suas obras. Tanto quanto sua forma mais “política” de narrar e de observar, suas motivações e seu olhar também é visível na sua narrativa. Pode-se dizer, assim, que Tristan é sobretudo uma narradora do seu próprio ser viajante, pois suas obras iniciais são discursos acerca das suas viagens.

Seu olhar de autora em movimento foi sendo construído após essas empreitadas em terras estrangeiras. Como viajante, sua narrativa também caminhou por veredas

¹⁰⁰ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1830 – 1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 31.

diversas. Algumas viagens de Flora Tristan não foram citadas pela autora e pouco se tem conhecimento sobre elas. Por isso, neste texto, ater-me-ei mais estritamente às características identificáveis na tessitura de sua narrativa.

Acredito ser de extrema importância tentar desvendar o quanto as viagens influenciaram o discurso político da autora. É certo, e se torna palpável através da leitura de suas obras, como seu olhar foi modificado na medida que o mundo, no qual a autora passa a vivenciar e reconhecer, transforma e intensifica sua interpretação sobre suas leituras políticas, suas considerações sobre a sociedade e seus sonhos sobre a humanidade. As viagens dão a Flora a dimensão dos problemas coetâneos à época, sobretudo das condições sociais femininas, que já tinham sido problematizados por outras das suas leituras e pela sua vivência pessoal.

Para Roland Fougues, são as viagens que transformam a visão de Tristan, já que “(...) o discurso de Flora transcende a experiência individual vivida nos lugares mencionados, principalmente o Peru, para abarcar uma experiência coletiva de gênero, teorizada em escala mundial a partir da França”.¹⁰¹ Suas obras são impressionantes relatos sobre diferentes lugares que conheceu no século XIX, tais como o Peru do período pós-independência, narrado em *Peregrinações de uma Paria* (1838), e a capital inglesa em plena efervescência da Revolução Industrial, experiência narrada em *Passeios em Londres* (1839). Estas obras apresentam a construção do seu pensamento feminista e sua assimilação às teorias socialistas e, com isso, refletem a experiência da autora em seu próprio país, principalmente sua exclusão social como mulher, que desemboca no discurso utópico de *União Obreira* (1842), livro no qual ela desenvolve suas principais ideias políticas.

A primeira obra de Flora Tristan após seu retorno das terras americanas é um panfleto intitulado *Necessité de Faire un Bon Accueil aux Femmes Étrangères* (1835).¹⁰² É na condição de mulher estrangeira que a autora vai reconhecer a condição das mulheres de forma totalizante, a posição marginalizada em que as mulheres se encontram no mundo e transforma isso em sua metáfora.

Nesse panfleto, Flora volta seu discurso para as mulheres estrangeiras na França e para a idealização de uma fundação de uma “Sociedade para mulheres estrangeiras”,

¹⁰¹ FORGUES, Roland. O discurso ‘feminista’, social e político de Flora Tristan. In: TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma Paria*. Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e EDUNISC, 2000, p. 14.

¹⁰² Infelizmente, essa obra não foi analisada aqui por inviabilidade de acesso à fonte. A obra não se encontra disponível na biblioteca virtual francesa na qual as fontes foram consultadas, nem para compra via importação.

que acolheria essas mulheres, algo que seria proporcionado por uma pequena mensalidade de idealizadores.

Tristan compreendeu e assimilou o retrocesso da volta à monarquia na França pós-revolucionária; entendia que a sociedade poderia ganhar muito com uma mudança cultural, com a presença estrangeira na França. Para Konder, essa obra não passou de um panfleto romântico e foi a primeira tentativa da autora de chamar a atenção para a condição feminina, especialmente para as mulheres estrangeiras que experimentavam a condição de serem duplamente párias.¹⁰³

Logo no início de sua obra *Peregrinações de uma pária*, Flora Tristan desenvolve sua “tese”, a qual intitula seu livro, em que as mulheres são tratadas como párias sociais. Ampliando, assim, a sua experiência individual em uma perspectiva de gênero, pois é uma importante constatação da autora para sua vida e para a construção de um discurso feminista, ela expõe o quanto são fundamentais as experiências de viagem para as suas concepções políticas e para um deslocamento crítico de suas próprias condições sociais e as das outras mulheres.

Flora Tristan utiliza em suas obras o termo pária como metáfora da exclusão das mulheres. Para ela, era algo imperativo o uso desse termo, porque era ele que ajudava a construir uma identidade sócio-política da própria autora. Assim, segundo ela mesma:

Vivi durante seis anos de isolamento tudo o que uma mulher está condenada a sofrer **quando se separa do marido em meio a uma sociedade que, pela mais absurda das contradições, conservou velhos preconceitos contra as mulheres depois de haver abolido o divórcio e tornado quase impossível a separação dos esposos**; mas a perversidade, sem admitir na mulher motivos que ela possa declarar, **persegue-a com infames calúnias. Ninguém acreditou no que eu disse, exceto um pequeno número de amigos**. Excluída de tudo pela malevolência, eu não era nesta sociedade, **que se orgulha de sua civilização**, senão uma **desgraçada pária**, a quem se acredita prestar um favor quando não se a está injuriando (Grifos meus).¹⁰⁴

No discurso de Flora, a denúncia pessoal mistura-se às denúncias aos preconceitos, injustiças e desigualdades sociais mais amplas que recaíam sobre as mulheres e ao feminino. Sua narração é íntima, mas almeja captar uma totalidade social. Ou melhor, a totalidade das injustiças que recaíam sobre as mulheres parece afetar o

¹⁰³ KONDER, Leandro. *Flora Tristán. Uma Vida de Mulher, uma Paixão Socialista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

¹⁰⁴ TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Santa Cruz do Sul. Editora Mulheres e EDUNISC, 2000, p. 45

peçoal, as mulheres em geral são exemplificadas e sintetizadas em Flora. Tristan expõe sua condição enquanto mulher separada e o uso do termo *pária* funciona como forma de expressar as contradições entre o desejo de transformação e as imposições e coações da sociedade. Entre conservadorismo dos “velhos preconceitos” e a perseguição das “infames calúnias”, a autora admite que contou com a solidariedade de poucos amigos, mas, pelo contrário, foi tratada com uma “desgraçada pária” em uma sociedade que deveria ter alcançado o progresso neste item também. Para ela, a França, “que se orgulha de sua civilização”, parecia não fazer justiça a tal condição.

Diretamente falando, a autora se refere a perseguição sofrida por ela pelo marido e a forma como a sociedade pune as mulheres, mas não penalizam aqueles que as infamam e caluniam com vozes e olhares maldosos. Para as mulheres separadas, restava viver como “foras da lei” e isso pesava na forma de preconceitos e ações dos demais para com essas mulheres.

Segundo Eleni Varikas, desde a Revolução Francesa, a qualificação da opressão feminina passa pela metáfora da escravidão, utilizando os termos *ilota* e de *pária*.¹⁰⁵ Nas palavras de Flora: “(...) Mas se a escravidão existe na sociedade, se se encontram seres abjetos em seu seio, se as leis não são iguais para todos, se preconceitos religiosos ou outros reconhecem uma classe de PÁRIAS”.¹⁰⁶ Nesse trecho de *Peregrinações de uma pária*, a autora utiliza pela primeira vez o termo, designando o uso dele como uma forma de conotar os processos de exclusão de diversos grupos sociais no seio da sociedade. Embora não designe aqui os grupos sociais que estariam na condição de escravo-pária, é fácil identificar os critérios usados por Flora para designar esses sujeitos.

Influenciada pelos valores iluministas e liberais contidos na ideia de um sujeito universal, mas percebendo seus limites, fissuras e contradições, os párias seriam aqueles e aquelas considerados abjetos, os sujeitos desiguais em termos jurídicos e os de outra religião. Por isso, a autora ainda classifica esses *párias* sociais ao mencionar e equalizá-los com a abolição da escravidão pela Europa, utilizando a condição das mulheres em defesa do direito ao divórcio.

Para Varikas, Flora Tristan utilizou o termo *pária* de forma mais frequente e elaborada entre as autoras do século XIX. Segundo essa autora, as mulheres do século XIX conseguiram reelaborar essa noção para “pensar sua opressão em termos universais

¹⁰⁵ VARIKAS, Eleni. Pária uma metáfora da exclusão das mulheres. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Volume 9, n 18. 1989.

¹⁰⁶ TRISTAN, Flora. *Op Cit.*, p. 45

e para formular sua revolta em voz alta”.¹⁰⁷ É nessa perspectiva que a autora defende a análise dessas metáforas, que, segundo ela, nunca são simples e neutras. Ainda, o modo com que as mulheres expressaram a sua própria exclusão é fundamental para a percepção da maneira subjetiva com que expressavam e denunciavam a sua condição de oprimidas.

A metáfora escravo-pária é importante para entender o discurso feminista tristaniano, pois está no centro das discussões do idealismo de Flora Tristan, uma vez que representa algo que vai além da experiência meramente individualista e pessoal. Por ser a primeira viagem narrada de Tristan, ainda é possível colocar em questão o quanto foi a partir dela que a autora enxergou ou constatou a condição geral das mulheres na sociedade da época, bem como o quanto elas estavam submetidas mesmo em sociedades tão diversas. Ela constatava um mesmo condicionante social que recaía sobre as figuras femininas diante da marginalização social. Para Varikas:

Pode-se certamente dizer que tudo não passa de metáforas. Penso, contudo, que as metáforas jamais são simples ou neutras, e que se considerarmos o discurso como um dos lugares onde emerge e se exprime a consciência de gênero e a consciência feminista, deve-se levar a sério as formas escolhidas pelas mulheres para falarem de sua exclusão; quer dizer, tomá-las como formas significativas de percepção subjetiva que elas tinham de sua opressão.¹⁰⁸

Flora Tristan utiliza o termo também em sua obra *União Obreira*, remetendo ao concílio de Mâcon. Segundo versão dos séculos XVIII e XIX, foi debatido se a mulher tinha ou não uma alma. Na ocasião, ela expõe a condição universal de pária atribuída e assumida pela mulher na vida social, jurídica e religiosa: “A mulher foi colocada fora da lei, fora da Igreja, fora da sociedade. Para ela nenhuma função na igreja, nenhuma representação perante a lei, nenhuma função do Estado”.¹⁰⁹ Tratada de forma diferente nos tribunais, na Igreja e na sociedade, a “mulher” (e Flora usa no singular) parece acumular assimetrias e desigualdades.

Como mencionado anteriormente, utilizando as próprias palavras de Flora Tristan, o “sofrimento” tem grande peso sobre o seu olhar e considerações. Ele é colocado pela autora quase como um pré-requisito para as assimilações das suas ideias, seria aquilo que não apenas cria a compaixão pelo outro, mas igualmente seria um desejo de mudar as coisas a sua volta.

¹⁰⁷ VARIKAS, Eleni. *Op.cit.*

¹⁰⁸ VARIKAS, Eleni. *Op. cit.*, p. 27.

¹⁰⁹ TRISTAN, Flora. *Union Obrera*. Los libros de abrir. Serie Violeta. De Barris: Barcelona-Espanha. 1986.

A autora deu continuidade ao seu argumento em *União Obreira*, porém, dessa vez, em um tom menos intimista que a obra anteriormente citada (*Peregrinações de uma Pária*), ela argumenta seu ponto de vista dentro de sua experiência de vida. Por meio da sua história, Flora continua com a mesma linha de pensamento:

(...) O legislador disse: Mulher, por você mesma não é nada como membro ativo de um corpo humanitário; não pode esperar encontrar um lugar no banquete social. Se quer viver, deverá servir de anexo a seu senhor e dono, um homem. Portanto, solteira, obedecerá a seu pai; casada, obedecerá a seu marido; viúva e anciã, ninguém fará caso. Depois, o sábio filósofo disse: foi constatado pela ciência que, por sua constituição, é inferior ao homem. Não tem inteligência, nem compreensão para as questões importantes, nem lógica em seu pensamento, nenhuma capacidade para as ciências exatas, nem aptidão para os trabalhos sérios, enfim, é um ser débil de corpo e de espírito, covarde, supersticiosa; em uma palavra não é mais que uma criança caprichosa (...) Por isso, mulher, é necessário que o homem seja seu dono e tenha total autoridade sobre você.¹¹⁰ (Tradução minha)

Para Flora, o discurso metaforicamente associado aos pontos de vista do jurista e do sábio filósofo é enfático, pesado, quase irônico. Com ênfase nas condições jurídicas, etárias e intelectuais, Flora denuncia os estereótipos que viam as figuras femininas como anexos dos homens, como entes obedientes, sem autonomia e liberdade, que faziam serem vistas com indiferença social, mas também como intelectualmente débeis, ilógicas e inaptas para a produção de conhecimentos etc. Com isso, Tristan expõe em tom sério o uso do racionalismo pelo homem, nas vozes da lei, da moral, da ciência como um propulsor da dominação masculina.

As leis pouco serviam às mulheres apartadas de seus pais ou maridos, ou mesmo diante das indiferenças masculinas ligadas à viuvez. Também masculinas, a ciência do século XIX desconsiderava as mulheres como ser pensante, e se esforçava para mantê-las longe de seus círculos preciosos. O discurso de Tristan, embebido de suas convicções feministas, é lógico. Mas sua lógica era justamente contrária ao que apregoava os olhares jurídicos e científicos da época. Ela percebe que o saber-poder do Direito e da Ciência, ambos suturados pelas posturas morais e masculinas conservadoras, ainda não reservava espaços às mulheres e à ótica feminina nas esferas da lei e da produção de conhecimento. A identificação disso funcionava para Flora como uma denúncia aos estereótipos associados às capacidades das mulheres. Longe de aceitá-las, Flora os identificava como

¹¹⁰ TRISTAN, Flora. UO, p. 119-120.

(des)legitimações infundadas que inviabilizava a idealização de mudanças. Casadas, solteira, viúvas ou mulheres de saber, cada qual de forma singular, todas gozariam de limitações e assujeitamentos impostos pela dominação social e masculina.

Embora na mesma linha de pensamento em que a autora utiliza o termo pária pela primeira vez, a explicação é bem mais exteriorizada e ampla. A autora sai de sua experiência individual e parte para uma forma racionalizada de explicação, ainda utilizando a metáfora como seu recurso. Ainda de acordo com Varikas:

O uso feminista da metáfora do pária tira sua força do dispositivo semântico do protesto contra a injustiça, a desigualdade e a exclusão; tira-a também do dispositivo racionalista de protesto contra os preconceitos religiosos e culturais que privam uma parte da humanidade de seus direitos naturais.¹¹¹

É exatamente como forma de protesto que Tristan o usa ao se deparar com a condição de estrangeira na América Latina, reconhecendo-se explicitamente como uma pária. A autora utiliza e reutiliza o termo como forma de atentar para a condição das mulheres no mundo, explicando em termos metafóricos a exclusão feminina.

O primeiro relato de viagem escrito por Flora foi escrito de uma forma muito íntima e pessoal. Em virtude da motivação da viagem, considero que o relato assume efetivamente um tom mais particular, já que faz considerações subjetivas e muitas reflexões auto-referenciadas à condição das mulheres e a sua. É muito provável que a maneira com que Flora descrevia suas relações pessoais possa ter chocado o público da época.¹¹² Embora seja um relato de viagem, grande parte do livro é destinada às reflexões íntimas e descrições de seus pensamentos o que, a meu ver, endossa ricamente esse tipo de fonte para investigar as mulheres como personagens ativos de sua época, ou melhor, como agentes históricos.

No início de sua obra, Flora Tristan dedica um espaço, uma carta direcionada aos seus compatriotas peruanos. Em seu escrito, a autora diz ser solidária às questões enfrentadas pelo país e coloca como sua intenção o desejo de um futuro melhor para ele. Porém as duras críticas ao governo peruano, as descrições contundentes sobre a sociedade

¹¹¹ VARIKAS, Eleni. *Op. Cit.*

¹¹² Alguns autores, como Rama e Konder, trabalham com a hipótese sobre o choque da sociedade oitocentista ao ler relatos sobre as conversas de Tristan com homens solteiros e interessados em um envolvimento com a autora. Diálogos que ela relata em *Peregrinações*.

e o seu olhar analítico sobre traços da cultura peruana não agradaram em nada aos leitores latino-americanos. Segundo Carlos Rama, mesmo após quase um século depois, Flora figurou entre as poucas autoras que tiveram a “honra” de ter o livro queimado em praça pública.¹¹³

Logo no início de *Peregrinações de uma Pária*, Flora dá indícios sobre o caráter pessoal do seu discurso em sua obra: “No curso da minha narração, falo com frequência de mim. Pinto-me em meus sofrimentos, meus pensamentos, minhas afeições: todas resultam da organização que Deus me deu, da educação que recebi e da posição que as leis e os preconceitos me fizeram ter”.¹¹⁴ Flora Tristan demarcou a posição em que escreve sua narrativa, reconhecendo que sua criação e suas crenças influenciaram sua visão e sua escrita. Mesmo que o leitor anteviesse a ideia de uma narrativa subjetiva, é importante pois, é a parte em que ela reconheceu que naquele momento sua visão de mundo ainda não se configuraria na causa política de seu discurso de progresso.

Tristan reconheceu que foi ao longo dos anos que ela se identificaria verdadeiramente com posições políticas mais voltadas ao que hoje compreendemos como o socialismo utópico. Aqui ela demarcou também o caráter pessoal de sua narrativa, visto que está focada nos “meus sofrimentos, meus pensamentos, minhas afeições”. Na mesma obra ela completa essa orientação subjetiva, relativizando o próprio lugar da sua subjetividade política:

Não foi pois sobre mim, pessoalmente, que quis atrair a atenção, mas sobre todas as mulheres que se acham na mesma posição e cujo número aumenta dia após dia. Elas experimentam tribulações, sofrimentos da mesma natureza que os meus, estão preocupadas com a mesma ordem de ideias e sentem as mesmas afeições.¹¹⁵

Nesse trecho, Tristan escreve mais precisamente sobre as mulheres separadas e era importante que esse sofrimento fosse registrado. Colocando-se exemplarmente como síntese dos sofrimentos de todas as mulheres, Tristan chama atenção várias vezes para a importância do trabalho dos escritores, suas motivações e a forma de se escrever. Não apenas a escrita, mas os escritores também são importantes para ela.

Logo no início de *Passeios em Londres*, Tristan colocou suas intenções ao elaborar a obra. Ela o fez de uma maneira bem mais “fria” e distante do que em sua obra

¹¹³ RAMA, Carlos M. *Utopismo Socialista*. Venezuela, Biblioteca Ayacucho, 1977.

¹¹⁴ TRISTAN, Flora. PP., p. 41

¹¹⁵ TRISTAN, Flora. PP., p. 41

anterior. *Peregrinações* é uma obra ao estilo de um romance, uma narrativa mais prolixa, mais generosa em detalhes, emotividades e afeições.

Passeios é uma narrativa mais precisa e um tanto mais racional, que representa a perspectiva de alguém que não quer se perder nas próprias palavras.

Nessa obra em que ofereço ao público não tenho intenção de pintar todas as misérias do povo inglês. Para isso seria necessário escrever vários volumes e com a colaboração de diversas pessoas, ou a vida inteira de uma pessoa. Quero somente esboçar as poucas coisas que eu vi nesse país, e fazer conhecer as impressões que eu experimentei. Falando com franqueza, sem temor e também sem cautela, espero abrir o caminho por qual deverão entrar os que realmente queiram ajudar o povo inglês.¹¹⁶

A partir dessa obra, Tristan definiu mais precisamente seu interesse com a escrita seria o de torná-la um auxílio para a construção de um mundo melhor. Sua obra tinha como intenção o questionamento e a construção de um pensamento político capaz de modificar a sociedade. Ela escreveu algumas vezes sobre a importância de sua contribuição enquanto autora. Nesse ponto, Flora Tristan não se fazia modesta. Diferente da introdução de *Peregrinações*, em que ela confessa suas atribuições pessoais à escrita e ao seu olhar, em *Passeios* a autora colocou que: “(...) Meu livro é um livro de fatos, de observações coletadas e todas com toda a exatidão de que sou capaz; e que defendi até onde dependia de mim, por meio do entusiasmo e da indignação”.¹¹⁷ Nessa obra Flora se pretendeu mais distante dos objetos observados, mais objetiva, mais precisa em sua narrativa, pois desejava ser uma observadora mais atenta do que emotiva. Dessa forma, ela pretendia tornar seu discurso escrito plausível e potencialmente legítimo diante dos cânones da produção escrita da época. Foi o que a autora indicou em sua introdução.

Em *Peregrinações*, Tristan anunciou como seu pensamento foi modificado pelas teorias que ela teve contato após a sua viagem ao Peru. Assumiu que seus valores e sua nacionalidade moldaram seu olhar sobre a viagem. A autora admitiu sua visão eurocêntrica de mundo, mais precisamente francesa ou francófila, e o direcionamento de seu olhar perante a uma sociedade relativamente mais jovem. Mas, em uma narrativa retrospectiva, seu discurso funcionava como um revisão crítica e pessoal de seus próprios estereótipos étnicos e nacionais. Como se vê, a referência memorialística torna-se um caminho para rever desigualdades atribuídas a povos supostamente distintos.

¹¹⁶ TRISTAN, Flora. *Passeios em Londres*. 1839. Disponível em biblioteca virtual. <<http://www.cervantesvirtual.com>>. Acesso em abril de 2016.

¹¹⁷ TRISTAN, Flora. PL. Prefácio.

Em 1833, eu estava ainda bem longe de ter as ideias que a partir daí se desenvolveram em meu espírito. Nessa época eu era muito exclusivista: meu país ocupava mais espaço em meu pensamento do que todo o resto do mundo; era com as opiniões e os costumes de minha pátria que julgava opiniões e os costumes de outras regiões. O nome da França e tudo o que a ela se ligava produziam em mim efeitos quase mágicos. Nessa época, eu considerava um inglês, um alemão, um italiano como igualmente estrangeiros, não vendo que todos os homens são irmãos e que o mundo é a pátria comum a todos. (...) Mas retrato minhas impressões tais como as senti ao constatar nossa superioridade sobre os indivíduos das outras nações que se encontravam em La Praya.¹¹⁸

Apesar dessa revisão memorialística funcionar na comparação entre ingleses e franceses, algo distinto ocorre com outros povos. Mesmo ao nomear o mundo como uma pátria em comum, a autora elenca uma superioridade de sua “civildade” frente aos nativos e habitantes de Cabo Verde, parada feita pelo navio em que Flora Tristan atravessou o Atlântico com seu destino ao Peru. Ela admitiu que, pela altura de sua viagem, ainda não estava totalmente inteirada de sua posição política de pensar o mundo, incluindo o contato com a literatura socialista que incorporou ao pensamento. O amor à pátria, a França, é retratado mais vezes ao longo da obra. Tristan tinha adoração ao seu país.

Em seu prefácio da obra *Passeios em Londres*, a autora, ao nomear leituras feitas sobre a Inglaterra por autores de sua estima, se colocou a parte do que encarou como um padrão, o que ela denomina como anglomania: “Em um século em que a ANGLOMANÍA (grifo da autora) invade nossos hábitos e nossos costumes, não deixa de ser importante chamar a atenção dos autores que, escrevendo sobre a Inglaterra, se distinguem pela independência de suas opiniões”.¹¹⁹ Embora não se nomeie como pertencente a esse meio, acredita-se que a autora esperava pertencer a grupos de autores que expressavam suas opiniões de forma independente, provavelmente de autores da época. É muito provável que a autora considerasse a chamada por ela de anglomania como algo negativo ao novo século.

A divisão formal das obras nos demonstram de maneira considerável a construção da ideia de autoria, pois, tomando-a distintamente com o eixo narrativo, ela tece as relações com diferentes situações. *Peregrinações* é dividida em duas partes (chamados volumes). A primeira se refere à viagem, desde a formulação da ideia e do planejamento até a chegada do navio ao continente americano. A segunda parte é dedica não somente

¹¹⁸ TRISTAN, Flora, p. 70

¹¹⁹ TRISTAN, Flora. PL.

aos dias em que conviveu com sua família paterna até sua partida do país, como também há uma carta de introdução direcionada ao povo peruano.

Passeios em Londres apresenta uma configuração em capítulos, com uma intencionalidade mais “jornalística” na qual Flora Tristan visitou lugares em Londres, cuja observação seria interessante para a construção de seu discurso político.

Em *Peregrinações de uma Pária*, Tristan conseguiu reconhecer belezas naturais no continente americano, narrou de forma emocionada e com delicadeza os lugares e experiências que vivenciou na América, por outro lado, em *Passeios em Londres*, a autora é mais enfática em seu assombramento pela cidade, pela imensidão, pelas experiências vividas. Como ela mesma intitula em seu primeiro capítulo, Londres é uma cidade-monstro.¹²⁰

A título de comparação sua descrição das montanhas e vulcões de Arequipa e sua visão sobre a cidade inglesa:

Escalamos a última montanha; chegados ao pico, a imensidão do deserto, a cadeia das cordilheiras e os três gigantescos vulcões de Arequipa se revelam aos nossos olhos. À visão desse magnífico espetáculo, perdi a sensação de meus sofrimentos; vivi apenas para admirar, ou melhor, minha vida não bastava a minha admiração.¹²¹

À primeira vista o estrangeiro fica admirado pelo poder do homem; mais tarde fica abismado pelo peso dessa grandeza e se sente humilhado pela sua pequenez. (...) Mas, apresso-me em dizer, essa fascinação se desmancha como uma visão fantástica, como um sonho da noite; o estrangeiro retorna de seu encantamento; do mundo ideal e cai em todo o que o egoísmo tem de mais árido e a existência material.¹²²

É certo que tanto as experiências quanto as motivações de Tristan em suas viagens, foram muito diferentes. O poder narrativo de um continente desconhecido, em uma viagem de empreendimento pessoal e de busca familiar, torna a autora mais próxima a sua experiência e aos seus “conterrâneos” paternos.

Em Londres, Tristan já exerce um discurso de crítica ao modelo político e econômico vigente, sua força narrativa é a crítica e o distanciamento do pensamento que desencadeou esse modelo de civilização.

¹²⁰ *Idem.*

¹²¹ TRISTAN, Flora. PP, p. 188 e 189.

¹²² TRISTAN, Flora. PL.

3.2 – A estrangeira: o olhar sobre a sociedade peruana e inglesa.

As narrativas de viagem contêm seguimentos diferenciados de outras narrativas literárias, tanto pelas características linguísticas, como pela sua intencionalidade. O olhar externo apresentado por um discurso em que existe uma origem, um lugar. O olhar de estrangeira está no centro da análise da fonte de viagem e é nesse ponto de partida em que se insere o nosso olhar sobre o texto. Nas obras analisadas, Flora Tristan é, antes de tudo, uma estrangeira.

De acordo com Tania Quintaneiro a experiência de viajar foi se alterando ao longo do século XVIII, visto que foi se tornando uma experiência mais ampla do que a satisfação da curiosidade e adquirindo um caráter de conhecimento e complemento de educação. De acordo com a autora, “o mundo passou a ser visto como uma grande escola; percorrê-lo contribuía para o amadurecimento do espírito e do intelecto e para a aquisição de um horizonte cultural indispensável à época moderna”.¹²³

Marianne North argumenta que o estilo do gênero literário das narrativas de viagens vai se consolidando exatamente pela moda do chamado *Grand Tour*, para complementar a educação dos jovens homens.¹²⁴

No século XVIII ainda eram poucas as mulheres que se aventuravam sozinhas em viagens, sair desacompanhada era um ato de extrema ousadia para mulheres nessa época. Ainda hoje, mulheres desacompanhadas do sexo masculino causam estranheza a olhares diversos. Porém, os relatos de viagem se tornaram populares entre mulheres autoras, que viajavam acompanhadas ou não, e pelo público leitor.

De acordo com North esses textos apesar de se associarem “a uma atividade na esfera externa à casa, ele se situava na linha da literatura confessional, considerada mais feminina”.¹²⁵ E essa característica era um atrativo a mais, e uma literatura que ganhava popularidade, perdendo apenas para o romance.

O século XIX é o período que North vai chamar de o “século de ouro”¹²⁶ para a literatura de viagem escritas por mulheres. De acordo com ela, isso se devia à melhoria

¹²³ QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher*. O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajadores do século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995, p. 15

¹²⁴ NORTH, Marianne. *Lembranças de uma vida feliz*. Coleção Mineriana. Séries Clássicos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 2001, p. 18.

¹²⁵ *Idem*.

¹²⁶ *Idem*.

dos sistemas de transportes e de comunicações, por causa da entrada de mulheres em várias áreas profissionais e a crescente movimentação da esfera privada para a pública.¹²⁷

Dito isso, os relatos de viagem escritos por Flora Tristan apresentam uma fonte riquíssima do período, sendo um ótimo exemplo da expansão de viagens e da escrita feminina. Através de suas obras, é possível, então, traçar uma reflexão sobre a dialética das conexões e desconexões entre o particular e o geral, do singular e universal, desdobrando a relação indivíduo e sociedade, na qual o indivíduo modifica a sociedade e a sociedade modifica o indivíduo, e ambos são partes fundamentais para a compreensão da história.

Através de suas obras é possível enxergar condições típicas da sociedade do século XIX, em especial a exclusão feminina, mas é possível constatar as singularidades, a ousadia das mulheres que “saíam” de casa, assim como os casos daquelas que viajavam sozinhas¹²⁸ e transpunham a linha do privado para o público, tal como Flora Tristan o fez ao realizar suas viagens e publicar seus relatos. Essas fontes de cunho pessoal e subjetivo apresentam um caráter de responsabilidade e de “entrega” do autor, que Flora não apenas valorizava, como também fazia questão de transmitir a sua forma de comprometimento e sua valorização a esse tipo de escrita. Ela escreve:

A maior parte dos autores de memórias contendo revelações não quis que elas aparecessem senão quando o túmulo os tivesse encoberto da responsabilidade de seus atos e palavras, seja porque fossem retidos por susceptibilidade de amor-próprio ao falar de si mesmos ou pelo temor de fazer inimigos falando de outrem; seja porque temessem as recriminações ou os desmentidos. Agindo assim, eles enfraqueceram seu testemunho, a quem não se deu fé senão quando os autores da época o confirmaram.¹²⁹

A autora expressou sua forma de entender o escrito como um testemunho de um acontecimento ou uma época. A necessidade de o autor trazer a “verdade”, de nomear os personagens, de construir um discurso mais realista possível. De encarar com destemor o ato da escrita e da narração. As escritas biográficas têm a razão de ser, de conter sobre os depoimentos de pessoas e acontecimentos, construindo uma história-memória, relatando algo que merecia ser lido e passado adiante.

¹²⁷ *Idem*

¹²⁸ DUBY, Georges., PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XIX*. Edições Afrontamento. Vol. 4, 1991.

¹²⁹ TRISTAN, Flora. *Op, Cit.* p. 37

Para Quintaneiro, os livros de viagem constituem fontes produtivas para a História Social, porém é necessário ter os cuidados com os “olhares” do viajante. Isso poderia ocorrer tanto com a possível falta de conhecimento de uma outra cultura, o que poderia fazer “interpretar mal” o que o viajante observa, como também por diversos preconceitos carregados de sua cultura, de sua sociedade e sua história. Alguns autores, como Konder por exemplo, enxergam na francesa Flora Tristan um olhar demasiado carregado para Londres e seus cidadãos. Entretanto, de acordo com Quintaneiro, essa marca de registrar um impacto de uma realidade cultural pouco conhecida é um dos atrativos da literatura de viagem.

North recorre às conclusões de Pratt sobre o olhar imperial dos viajantes. “O olhar feminino faz parte do empreendimento colonial, pois os textos contribuem para a construção dos saberes e representações do império”. O olhar do viajante (seja ele feminino ou masculino) está sempre imbuído de sua própria cultura, de seus próprios valores ou de seus valores culturais.¹³⁰ As mulheres viajantes também estavam imersas em suas próprias culturas, dos lugares pré-estabelecidos de onde estavam. Por mais que Tristan apresente uma visão de pensamento ligada ao “socialismo” e sua radical insatisfação com as injúrias da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino, não se pode descartar o seu olhar europeu e a sua educação moral e cristã. Fougues destaca que o discurso de Flora, diretamente ou indiretamente condicionado aos seus valores judaico-cristãos, sempre oscila entre “o radicalismo feminista, o filantropismo social e o elitismo intelectual”.¹³¹

Em seu livro Mary Louise Pratt analisa diversos relatos de viagem. A autora definiu esses relatos através do que ela chamou de “zonas de contacto”.¹³² Para a autora, as zonas de contato seriam os espaços sociais onde culturas diferentes se “encontram, se chocam e se entrelaçam”, e que comportam frequentemente relações “assimétricas de dominação e subordinação”.¹³³

Logo no início de seu relato ao Peru, Tristan descreve a sua função enquanto narradora de uma experiência e revela o seu olhar “engajado”, no qual ela já demonstrava afinidades com o pensamento feminista.

¹³⁰ NORTH, Marianne. *Op. Cit.*, p. 24.

¹³¹ FORGUES, Roland. “O discurso ‘feminista’, social e político de Flora Tristan.” *In*: TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma Paria*. Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e EDUNISC, 2000, p. 16

¹³² PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 27.

¹³³ *Ibidem*, p. 27.

Se se tratasse unicamente de repostar os fatos, os olhos bastariam para vê-los; mas para apreciar a inteligência e as paixões do homem, a instrução não é a única necessária, **é preciso ainda haver sofrido, e sofrido muito;** pois não há senão o infortúnio que possa **nos ensinar a conhecer ao certo** o que valemos e o que valem os outros. É preciso, além disso, **haver visto muito**, a fim de que, **despojados de todo preconceito**, consideremos a humanidade de um outro **ponto de vista que não o de nossa paróquia**; é preciso, enfim, ter no coração a fé do mártir. Se a expressão do pensamento é detida por consideração pela opinião de outrem, se a voz da consciência é abafada pelo temor de se fazer inimigos ou por outras considerações individuais, falha-se em sua missão, renega-se Deus.¹³⁴

Flora Tristan valorizava o discurso pautado pela experiência, pelo olhar sensível sobre o outro, sobre a sociedade, sobre o sofrimento vivenciado, sentido. Em detrimento da visão puramente descritiva, pela narração parcial, pelo narrador impessoal, das observações puramente racionalistas. O lugar de onde ela “fala” é o olhar da mulher-estrangeira, a pária social, que observa e narra sua experiência viva, dolorosa, pessoal, emocionada.

Em um discurso sempre inflamado da importância de seu trabalho e do seu dever, Flora acredita nas mudanças que poderiam vir com a sua ação assim como a de outros “engajados”. Tristan quase nunca apresenta um discurso modesto em relação as suas intenções e ao alcance do seu trabalho. E nesse trecho em especial remete o valor dos seus infortúnios pessoais à sua forma de enxergar a humanidade e suas ideias enquanto escritora.

Para Stela Maris Scatena Franco, que analisa relatos de viajantes latinos coloca que a literatura de viagem é complexa e é preciso levar em considerações vários detalhes. De acordo com a autora:

A elaboração dos livros de viagem no século XIX era um empreendimento literário complexo, que ultrapassava as ações de simplesmente “ver” e narrar” o observado. Escrever um relato não era tarefa simples. Ao contrário, demandava um projeto, uma intenção e, além disso, um conhecimento mínimo das regras e padrões a serem seguidos, convenções já instituídas a serem respeitadas. Precisava-se ademais de tempo, não só para viajar e visitar, se possível mais de uma vez, o que ia ser descrito, como também para ler e conhecer o que outros viajantes já haviam apontado sobre um determinado objeto de descrição.¹³⁵

¹³⁴ TRISTÁN, Flora. PP., p. 38 e 39.

¹³⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena, *Peregrinas de Outrora. Viajantes Latino-Americanas no século XIX*. Editora Mulheres: Santa Cruz do Sul- RS., p. 100

Logo no início de *Passeios em Londres*, a autora esboça um impressionante e intenso relato demonstrando à grandiosidade física comparada às mazelas sociais da cidade de Londres, a que ela chama de cidade monstro. Tristan utiliza uma descrição exaltada e comovente e seu discurso toma características de denúncia e indignação.

Que imensa cidade é Londres! Como, esta grandeza, foi com toda proporção com a superfície e a população das Ilhas Britânicas, me recorda imediatamente o espírito e a opressão da Índia e a superioridade comercial da Inglaterra! Porque as riquezas, provenientes do êxito e da força e da astúcia, são de natureza efêmera. Elas não duraram sem destruir as leis universais que querem que, um dia, se rompa com a escravidão, os povos subjugados sacudam os jugos e as luzes úteis aos homens se expandem a fim de que a ignorância seja também vencida.¹³⁶
(Tradução minha)

Tristan narrou sobre a grandeza física da cidade inglesa e sua recordação direta a opressão colonizadora e seu caráter comercial. Analisou sobre a grandiosidade econômica estar relacionada com a escravidão, a exploração de outros povos. Ela induziu como algo certo, um futuro na qual essa situação, de dominação e monopólio acabariam, com introdução do conhecimento sobre homem. Para ela essa ordem político-social não é natural e vai contra o regimento do universo.

Em diferentes estágios políticos e econômicos, o Peru e a Inglaterra trazem diferenças gritantes, porém o olhar crítico sobre as políticas vigentes em ambos os países e sobre as hierarquias sociais vão ser elementos de profundo interesse da autora. Eles trazem para a sua narrativa um importante relato da época e como se configuravam as transformações daqueles dois países contrastados.

Os acontecimentos históricos que “unem” de forma mais direta os países de suas viagens. Por exemplo, o tema da independência é relatado por Flora Tristan como um acontecimento frustrante, pois, para ela, seguindo os pressupostos do pensamento liberal, as antigas colônias não teriam aplicado o liberalismo político e econômico ao processo:

O grande acontecimento da independência frustrou todas as previsões: a Inglaterra gastou somas enormes para provocá-la, e desde que a América espanhola se tornou independente, o comércio inglês faz operações ruins. O sentimento explorado para incitar esses povos a se livrarem do jugo da Espanha não foi o amor por uma liberdade política cuja necessidade eles estavam longe de sentir, nem por uma independência comercial, as massas sendo demasiado pobres para poder desfrutá-la.

¹³⁶ TRISTAN, Flora. PL.

Pôs-se em jogo contra os espanhóis o ódio alimentado pelas preferências de que estes eram objeto.¹³⁷

A autora expõe que, em sua interpretação, a elite peruana apenas trocou uma exploração por outra, na qual ninguém saiu lucrando. Nem a Inglaterra, nem a elite peruana, muito menos o povo daquele país. Para além do sentido de uma liberdade política e econômica, o jogo da independência seria movido por rixas e rivalidades entre os governos. Nada de gratificante teria ficado pelo projeto da independência.

Entre os relatos de Flora Tristan em *Peregrinações de uma pária*, ela tece comentários interessantes e contundentes sobre a política peruana. A autora viaja até o país pouco depois de ter se tornado independente, uma vez que o país ainda vivia conflitos e estava em meio a um processo de adaptação. Como afirma Leslie Bethel, “processo de independência foi o resultado das ações de uma minoria *criolla* e espanhola profundamente vulnerável e preocupada apenas em manter seus antigos privilégios sob uma nova roupagem liberal”.¹³⁸ De acordo com o autor, em nenhuma das decisões, nem política nem econômica, houve no Peru pós-independente uma representatividade popular.

Como vimos, além da falta de participação popular atribuída à pobreza e à falta de liberalismo, a jovem república do Peru foi vista por Flora Tristán por meio de uma ótica crítica e eurocêntrica:

Se eles tivessem realmente desejado organizar uma república, teriam provocado desenvolver, pela instrução, as virtudes cívicas, até mesmo nas classes baixas da sociedade; como, porém, a meta para eles é a preservação do poder e não a liberdade, esses intrigantes se sucedem na direção dos negócios, continuando a ação do despotismo; e para assegurar a obediência do povo, que exploram, eles se associam aos padres, para manter a população atrelada a todos os preconceitos da superstição.¹³⁹

Tristan rebateu a política latino-americana através do seu ponto de vista europeu. O apreço de Tristan pela Revolução Francesa, e a desilusão com o regresso da monarquia são sempre presentes em seus textos. Ela analisou a política peruana sobre a ótica de quem viveu concepções políticas baseadas no pensamento liberalista republicano. Ela remeteu

¹³⁷ TRISTAN, Flora. PP., p. 326.

¹³⁸ BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. Volume III. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999, p. 541.

¹³⁹ TRISTÁN, Flora. PP, p. 338

em sua explanação a continuidade da exploração do povo e da ausência de liberdade, uma troca de despotismo com apenas alternância do poder das mãos do império para as mãos das elites peruanas. Assentou a continuidade da falta de instrução do povo e uso da religiosidade dentro dos métodos de abuso e coerção aos povos latinos. Não se pode deixar de levar em consideração o olhar eurocêntrico da autora. Ao pensar em república, liberdade, entre outros aspectos, Flora tinha em mente seu conhecimento da política europeia. Suas considerações são interessantes a respeito de um sistema que se modificou, mas continuou oligárquico e excludente.

Segundo Bethel, a independência peruana ocorreu em 1821 e, nas duas primeiras décadas após a independência, a economia desse país estava organizada em torno das *haciendas* e das comunidades indígenas. De acordo com esse mesmo autor, a “estrutura social do Peru refletia a segmentação da economia peruana”,¹⁴⁰ visto que não se podia considerar uma unidade nacional e sim sociedades regionais em torno das *haciendas*. Apesar do poder local dos proprietários, Bethel afirma que estes não tiveram força suficiente para consolidar um sistema de hegemonia política de âmbito nacional.

Flora Tristán percebeu a dimensão heterogênea da República peruana:

Mas para se libertar da Espanha fora preciso colocar exércitos em pé, e como sempre acontece, o poder do sabre quis dominar. Se as populações dessas repúblicas estivessem juntas, encontrar-se-ia mais unidade de pontos de vista, e essas regiões não apresentariam, há vinte anos, o espetáculo desolador de guerras sempre renascentes.¹⁴¹

Para Flora, a sociedade peruana era, portanto, assim como todas as Américas de forma geral, constituídas por brancos, negros e índios. Uma sociedade hierarquizada pelas descendências e pela “raça”. Ela indicou a permanência da construção social colonial, a República não modificou as dicotomias e as hierarquias impostas no antigo sistema. Flora traçou uma análise sensível as visões da época a respeito das hierarquias classe-raça, percebendo a estratificação social baseada na ascendência europeia seguidos dos homens livres e escravos. Seu relato é direto sobre este ponto:

No Peru, como em toda a América, a origem européia é o grande título de nobreza; na linguagem aristocrática do país, dá-se o nome de brancos àqueles que não têm nenhum descendente índio ou negro. (...) A população livre forma, pois, três classes, proveniente de três raças bem

¹⁴⁰ BETHELL, Leslie. *Op. Cit.*, p. 551.

¹⁴¹ TRISTÁN, Flora. PP, p. 326.

distintas: européia, índia e negra; na última classe sob a denominação de pessoas de cor, confundem-se os negros e os mestiços das três raças. Quando os escravos, qualquer que seja a raça de que descendam, a privação da liberdade estabelece entre eles a igualdade na desgraça.¹⁴²

Acredito que a forma com que Flora Tristan observa e analisa os contornos sociais, sobre os aspectos de classe e raça estes tenham moldado sua visão para a perspectiva política na qual a autora seguiria e defenderia mais tarde, seu socialismo. Ela observou a hierarquia social latina, pela classificação pela cor de pele e pela origem europeia, baseadas como graus de civilidade e reconhecimento, mantendo e aumentando a desigualdade baseadas pelos aspectos socioculturais. A unidade triste e irreversível da condição de escravos, também párias sociais da humanidade, que formavam um grupo coeso em torno do destino cruel imposto pela ordem político-econômica da época.

Em sua passagem por uma vila chamada Chorrillos, Flora Tristán visita uma usina de açúcar do proprietário Sr. Lavalle, uma propriedade que utilizava, como era de se presumir, o trabalho escravo. A autora relata sua conversa com o Sr. Lavalle que tentou persuadi-la de que os negros eram pessoas que não se adaptavam ao trabalho, a não ser sobre as pressões da escravidão e o uso da violência dos açoites. Diante disso, Flora argumenta o seguinte: “Penso como o senhor, que o homem, branco, vermelho ou negro, dificilmente se decide pelo trabalho quando não foi educado para isso, mas a escravidão corrompe o homem, e tornando-lhe odioso o trabalho, não poderia prepará-lo para a civilização.”¹⁴³ Para ela, o argumento do homem é falho e nada justificaria a brutalidade em nome da coerção e resistência. Resistência essa que para ela, nada teria a ver com o tom de pele, mas com o caráter arbitrário do trabalho compulsório e injusto.

As concepções eurocêntricas apresentadas por Flora Tristan indicam e fortalecem uma dicotomia civilização/barbárie. Porém, apesar disso, a autora concebe a relação social da construção do trabalho, tendo como referência a uma idealização do trabalho à moda europeia e burguesa. Para ela, seria necessário que o indivíduo fosse educado na forma de vivência em uma “civilização” habituada ao trabalho e isso não seria uma aptidão biológica e determinada pela cor de sua pele. Para ela, somente a educação poderia transformar tal situação.

¹⁴² *Idem.*

¹⁴³ TRISTAN, Flora. PP., p. 503.

É sobre as mazelas sociais dadas pelas transformações políticas e econômicas que Flora se deteve ao longo de suas considerações. Assim como os escravos na América Latina, a representação de toda a miséria social da Inglaterra estava associada à figura do operariado. Sobre isso, a autora escreve em sua narrativa:

A escravidão se mostra em princípio em todas as sociedades. Os males que produzem se convertem em transitória e sua duração está em razão inversa ao seu rigor. (...) Quero somente provar, por esse eixo, que a lei inglesa é a mais dura com o proletário que a “vontade arbitrária” do amo francês frente ao negro. O escravo da propriedade inglesa tem, para ganhar seu pão e pagar os impostos que se impõem sobre ele, uma tarefa infinitamente mais pesada.¹⁴⁴ (Tradução minha).

Flora Tristan argumentou aqui sobre as “escravidões modernas”, onde ela o julgo na qual estava condenado o proletariado inglês seria tão ou mais pesado que a dos escravos feitos pelos países europeus, pois nenhuma garantia tinha de sobrevivência, digo de conseguir se alimentarem e viverem. Ao que parece, Tristan coloca a posição do trabalhador inglês abaixo de um escravo, pois estaria tão condenada a sua vida dura e seus encargos financeiros que se converteria em um escravo. Ela citou, como a escravidão está em as sociedades, sejam ela ditas como tais ou não.

Dessa forma, o que Flora coloca nessa argumentação é como a escravidão feita nas colônias foi colocada (em outros aspectos) em formas de duras leis pelas instituições modernas. A condição do proletário na Inglaterra equivalia a condição de um escravo. Em um belo trecho com seu discurso ainda bem inflamado, que oscila entre a persuasão e a comoção do leitor, Tristan traduz a condição do “ser” proletário e a submissão deles ao sistema capitalista industrial: “A divisão do trabalho levada a um limite extremo e que faz progressos tão imensos na fabricação que aniquilou a inteligência para reduzir o homem a não ser uma engrenagem de máquinas”.¹⁴⁵

A leitura de Flora sobre o que causou e mantinha as condições em que os trabalhadores eram colocados, a forma como ela enxerga a engrenagem desses enlances sociais, a sua visão sobre as desigualdades causadas pelos sistemas políticos e econômicos vigentes nos países visitados, tudo isso demonstra a sua adesão às ideias socialistas que nasceram no século XIX. Essa característica singular é que fazem dos seus relatos algo tão único e que unem ao seu feminismo um engajamento mais amplo, apoiado

¹⁴⁴ TRISTAN, Flora. PL.

¹⁴⁵ TRISTAN, Flora. PL.

não apenas nas condições impostas aos dois sexos, ou melhor, aos gêneros, mas em uma visão sobre questões de classe, etnia e hierarquias sociais.

Flora Tristan se aproximou, ainda mais, das concepções socialistas no seu livro elaborado após suas viagens narradas. Ela defende em *União Obreira*, em um livreto totalmente político, a união das classes desfavorecidas, as mulheres e os homens. Embora nas suas primeiras obras, principalmente em *Passeios em Londres*, Flora já afirmava com argumentos de cunho socialista, aproximando dos intelectuais utópicos do período. Esse início de seu despertar e desse caminho para o socialismo é que se apresentavam, aqui, na leitura de seus relatos de viagem.

Mary Louise Pratt denominou Flora Tristan como uma “*exploratrizes sociales*”, juntamente com outra autora da época, Maria Graham, aborda que essas autoras rejeitaram o sentimentalismo e o romantismo. De acordo com Pratt:

Para elas a zona de contato reside antes em seu sentido de independência pessoal, propriedade e autoridade social do que em erudição científica, sobrevivência ou aventureirismo. Não menos que os homens, estas mulheres viajantes ocupam um mundo de servos e servidão onde seus privilégios de classe e de raça são pressupostos, onde refeições, banhos, cobertores e luminárias surgem do nada.¹⁴⁶

Para Pratt, essas autoras têm a similaridade do pioneirismo e foram obras de grande difusão em seu tempo. Em sua interpretação, como na minha, Tristan está estaria mais preocupada em demonstrar o seu e o feminismo para o mundo. Porém, não concordo totalmente que, como narradora, ela tenha abandonado à visão romântica e ao apelo sentimental. Pelo contrário, Tristan utilizou e valorizou a escrita em tons subjetivos diversas vezes em suas obras. Por mais engrandecedor que seja a educação formal e uso do pensamento racional isso, para Tristan, não desmerece o apelo da emoção, a sensibilidade a comoção.

As viagens são, dentro da construção do discurso de Flora Tristan um condicionante de importância significativa. Elas foram, de certa forma, modificando, construindo e complementando o seu olhar e sua compreensão de mundo, a medida que teve contato com outros lugares, outras pessoas, outras histórias, e embutiou o seu significado de mundo para esses lugares e transformou o seu lugar a partir dessas (re)construções.

¹⁴⁶ PRATT, Mary Louise. *Op.cit.*, p. 273.

3.3 – Considerações acerca da identidade(s):

Flora Tristan é, dessa forma, uma narradora com múltiplas identidades dentro de si e de sua obra. A construção do seu discurso é complexa, tanto como sua própria história. Como todas essas personalidades e construções sociais trouxeram ao seu pensamento e sua escrita uma riqueza de condicionantes marcados pelo sexo, pelo destino, pelo nascimento, pelas leituras, pelas viagens.

Tristan é mulher, é filha, é mãe. Se tornou separada, estrangeira, escritora. Embutiu em suas obras sua visão europeia, francesa, além de suas leituras, o feminismo, o socialismo. Sua visão de mundo e sua forma de atuação de vida foi modificada por suas viagens, pelas suas escolhas, pelas suas buscas, pela sua fuga (diversas do marido), pelo seu destino (uma tentativa de assassinato).

A identidade tem sido um tema discutido pelos teóricos sociais há algum tempo. Tema complexo e de difíceis conclusões. Vários grandes autores já dedicaram obras completas a ele. Nesse trabalho, nos deteremos a algumas considerações de três autores: Bauman, Hall e Giddens.

Embora os autores não discutam uma identidade propriamente dita, as considerações sobre a mudança e as transformações a respeito das identidades, nosso objetivo é tentar alcançar uma formulação sobre uma possível identidade feminista. Seria possível um movimento tão diverso e complexo abarcar uma identidade? As autoras precursoras do século XIX poderiam ser chamadas de feministas?

O foco de meu interesse está em delinear as considerações a respeito das mulheres do século XIX, precursoras do movimento da luta de emancipação da mulher, essas mulheres já seriam feministas, apesar de ainda não se denominarem assim. Identificar uma identidade dentro de um grupo ainda não denominado parece ser uma tarefa complicada, mas importante para o entendimento desse movimento no século XIX.

No centro das discussões sobre identidade estão as mudanças político-sociais que transformaram ou questionaram as formas estabelecidas de sociedades e/ou indivíduos. Mudanças que provocaram alteração em concepções culturais, sociais, religiosas, políticas e alteraram o modo dos indivíduos se verem e serem vistos.

Embora os autores concentrem boa parte de suas argumentações ao que eles irão identificar como modernidade tardia, a origem da transição a respeito do questionamento em torno da identidade é mais antiga e abarca o período estudado para esse trabalho.

Para Stuart Hall, que discute a questão da identidade em sua obra, *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, parte da premissa que as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas e fragmentadas.¹⁴⁷ Para o desenvolvimento dessa questão, Hall divide seu texto em duas partes. Em um primeiro momento, o autor coloca as mudanças nos conceitos de identidade do sujeito, e na segunda parte trata das identidades culturais.

Hall identifica as mudanças que formam o que ele chama de sujeito pós-moderno, que em sua concepção é “definido historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”.¹⁴⁸ Esse novo sujeito não teria mais uma identidade unificada a partir do nascimento, para Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.¹⁴⁹

Hall elenca cinco vertentes dentro do pensamento das teorias sociais que ajudaram a deslocar o sujeito cartesiano, transformando no sujeito pós-moderno. Essas linhas de pensamento são: o marxismo, os estudos de Freud, o estruturalismo linguístico de Saussure, o trabalho de Foucault, e o que nos é mais caro para esse trabalho, o feminismo. É claro que Hall irá situar o feminismo dentro da chamada modernidade tardia, dentro do século XX, mas pretendo aqui fazer um esforço de assimilar e recuar nossas análises para o feminismo precursor do século XIX.

Para Hall, tanto o movimento feminista como a crítica teórica causaram um impacto no descentramento do sujeito cartesiano, segundo, as questões postas pelo feminismo tocam diretamente nesse ponto. Entre essas reflexões, estão o questionamento da dicotomia dos espaços público-privado, debatendo as formas de vivências dos espaços, tais como os trabalhos domésticos, a divisão do trabalho, “politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação”¹⁵⁰, colocou em pauta a questão da diferença sexual em oposição à configuração generalizante e incluiu a formação de identidades sexuais e a classificação gênero.

¹⁴⁷ HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2006. P. 8.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 13.

¹⁴⁹ *Idem*.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 45.

Apensar do autor se referir ao movimento feminista nos anos 1960, ou seja, na modernidade tardia, muitas dessas questões começaram a ser assimiladas e construídas já estava pelas feministas do século XIX. A dicotomia dos espaços público-privado já ultrapassada e questionada por autoras feministas, o próprio ato de escrever colocava a mulher autora em uma posição pública. Esses espaços, embora ainda timidamente ocupados, foram sendo alargados pela “ousadia” dessas mulheres escritoras.

A inserção de mulheres no trabalho fabril após a Revolução Industrial, também alterou os espaços de trabalho, deslocando as mulheres dos espaços domésticos. É nesse momento que muitas delas encontram um campo de atuação dentro dos movimentos socialistas, ainda que esses movimentos anulem as características de gênero em detrimento a classe.

Para Zygmunt Bauman, na obra *Identidade*, uma série de respostas concedidas pelo autor em uma entrevista de Benedetto Vecchi, também aborda a identidade a partir de uma perspectiva em que os sujeitos estariam caminhando para uma identidade cada vez mais fluída pela liquidez das relações, base da teoria de Bauman desenvolvida em todo o seu trabalho desde *Modernidade líquida*. Assim como Hall e Giddens, também concentra as suas observações no período denominado por modernidade tardia.

De acordo com Bauman:

(...) Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos pra toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidades’.¹⁵¹

De acordo com Zygmunt Bauman as comunidades nas quais as identidades de definição aparecem são, em linhas gerais, de dois tipos: as de vida e de destino, e as ligadas unicamente por ideias ou princípios. A mulher feminista se enquadraria tanto em uma identidade como na outra, embora nem toda mulher se identificasse nas duas. Por princípio geral, a mulher feminista deveria assumir uma identificação com todas as outras mulheres, ou seja, uma identidade de gênero. Porém, isso não está evidente em todos os escritos feministas no século XIX, e quando descritos podem de muitas formas ser questionado se havia uma identificação ou não de gênero.

¹⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar. 2005, p. 17

O autor fez considerações importantes de como a construção dessa identidade além de fluida é algo “negociável”, como podemos ressaltar ou diminuir em nossas características que serão transitórias de acordo com determinados interesses. Nas palavras do autor:

(...) as diferenças em serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras, mas outras infladas lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constantemente para defender as primeiras em relação as últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.¹⁵²

Embora essas constatações sobre uma identidade cambiante serem de interesse para se entender uma possível identidade feminista, por ora, por motivação do meu foco de análise ser nas escritoras do século XIX, iremos nos deter ao aspecto das diferenças ora atenuadas ora ressaltadas para um determinado interesse. Acreditamos que esse ponto esteja no centro da discussão para se chegar à construção da feminista enquanto indivíduo de identificação.

Bauman acrescenta a respeito da dupla face da identidade:

(...) a identidade é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. (...) Em ambos os casos, porém, a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque do grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora).¹⁵³

Esse ponto nos serve de partida para análise da formação de uma identidade feminista. O feminismo foi construído por uma dualidade, pertence a um grito de uma ‘classe’ subalterna, de uma minoria simbólica. Dentro das pesquisas, talvez, nem tão simbólica. Já que a força dos estudos de gênero é recente, porém, em números as mulheres nunca foram uma minoria numérica em relação à sociedade, embora ainda nos apresentemos como minoria social.

Um ponto muito importante deve ainda ser apontado para a construção de uma identidade dentro de uma “comunidade de ideias e princípios”. Nos casos dos movimentos sociais de emancipação, no caso o movimento de emancipação da mulher,

¹⁵² *Ibidem*, p. 19

¹⁵³ *Ibidem*, p. 82 e 83.

Joan Scott formulou como o paradoxo do feminismo.¹⁵⁴ A feminista é a cidadã paradoxal, pois as mesmas características são ora apagadas ora ressaltadas para a reivindicação de seus direitos. Isso torna em si a identidade ambígua.

Para Joan Scott, no seu livro *A cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem*, em que analisa as campanhas pelo direito político na França entre 1789 a 1944, a autora procura uma “alternativa ao enfoque consensual da história do feminismo”¹⁵⁵ Para ela, herdamos do século XIX uma história progressiva, teleológica, uma história na qual “as mulheres, inevitavelmente, encontraram dentro de si próprias os meios para lutar contra sua exclusão das políticas democráticas”¹⁵⁶, para a autora fazia falta um distanciamento analítico.

Segundo Scott, é necessário entender as contradições dentro do próprio movimento feminista e de seus discursos. Na “era das revoluções democráticas”¹⁵⁷ as mulheres eram excluídas do poder por um discurso baseado na diferenciação sexual, e o feminismo enquanto protesto da exclusão política procurava eliminar as diferenças sexuais, porém as reivindicações tinham de ser feitas em nome das mulheres, segundo Scott um produto do próprio discurso da diferença sexual, isso cria no centro do movimento feminista, um paradoxo.¹⁵⁸ De acordo com a autora: “Esse paradoxo – a necessidade de, a um só tempo, aceitar e recusar a “diferença sexual” – permeou o feminismo como movimento político por toda a sua longa história.”¹⁵⁹ A autora também considera a introdução do indivíduo formulada pelos teóricos da Revolução Francesa, como propulsor de uma paridade de direitos civis. Foi através da abstração do indivíduo universal que se tornou possível estabelecer uma identidade humana fundamental, que “abriu caminho para que se pensasse na igualdade política, social e até econômica”.¹⁶⁰

O movimento feminista não pode ser entendido apenas como fruto do discurso do individualismo liberal, apesar de não desconsiderá-lo. Para Scott:

O feminismo não é produto das operações benignas e progressistas do individualismo liberal, mas um sintoma de suas contradições. Reformas, como a do direito ao voto para as mulheres, podem ter transferido para

¹⁵⁴ SCOTT, Joan W. *Cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem*. Editora Mulheres. 2002.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 23.

¹⁵⁶ *Idem*.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 26

¹⁵⁸ Scott argumenta que o feminismo acaba ressaltando as características femininas e ao mesmo tempo nega a discriminação pelas diferenças, para autora o feminismo se apoia em um paradoxo.

¹⁵⁹ *Ibidem*. p. 27.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 48

outros domínios, as contradições. Estas, porém, não desapareceram, e é por isso que o feminismo ainda existe. ¹⁶¹

Anthony Giddens, em sua obra *Modernidade e Identidade*, também se concentrou nas transições de uma identidade durante a época moderna. Giddens apontou o contraste da sociedade moderna com as sociedades tradicionais. Como a modernidade impõe uma mudança rápida e contínua.

Giddens em sua análise formulou concepções a respeito da auto-identidade, de importante reflexão para esse trabalho. O autor apontou que a auto-identidade depende de uma narrativa, “a narrativa do eu explicado”, como as biografias e autobiografias, que, de acordo com Giddens, há um consenso historiográfico que só foi possível ou acessível na modernidade. Por isso a importância de estudos desse tipo de fonte para se entender o processo de identidade:

E no entanto a autobiografia – particularmente no sentido amplo de uma auto-história interpretada, produzida pelo indivíduo em questão, seja escrita ou não – está realmente no centro da auto-identidade na vida social moderna. Como qualquer outra narrativa formalizada, ela é algo que deve ser trabalhado, e certamente demanda esforço criativo. ¹⁶²

Essa perspectiva é interessante para um trabalho que almeja alcançar uma identidade feminista nos escritos de uma autora feminista do século XIX, que, através de seus relatos de viagem, pensou e escreveu a própria história. E, sim, podemos analisar dentro de um processo de autorreflexão de sua colocação enquanto mulher, estrangeira e sozinha, que relata e traduz suas formas de enxergar e de se apresentar ao mundo. É possível atingir a autora Flora Tristan em seu processo de auto-identidade.

Todas essas identidades são apresentadas por vontade da autora ou pela nossa leitura posterior, mas cada uma delas forma configurações e perspectivas diferentes. A narradora nos entrega suas dores e seus sonhos, suas lutas e seus desafios. Seu texto se torna um emaranhado dessas personalidades, ora conflitantes, ora complementares dentro da mesma pessoa, sendo uma narradora interessante e desafiante para a compreensão e leitura. São esses os pontos que permanecerão com o passar dos anos e das obras da autora que procurou construir seus discursos social e político marcados pelo seu Feminismo e seu Socialismo.

¹⁶¹ *Ibem.*

¹⁶² GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 2002, p. 75.

Essas “identidades” estão imersas em suas narrativas, molduram o seu olhar como viajante, como observadora e como escritora. Elas serão muitas vezes explicitadas, outras diluídas pela forma narrada e pelas escolhas de uso autoral. Fazem parte e modificam ao mesmo tempo o que foi observado e ressaltado e o que foi escolhido para ser transmitido aos leitores e às futuras gerações. As versões de Flora Tristan são constituintes e afirmam, induzem e sinalizam ao mesmo tempo, seus princípios, seus discursos.

CAPÍTULO 4 O DISCURSO POLÍTICO: FEMINISMO E SOCIALISMO

Nesse capítulo, pretendo direcionar a análise para o discurso mais propriamente político que a autora elaborou e conduziu ao longo de suas obras, aproximando suas ideias das ideias feministas e socialistas em que ela teve contato, se apropriou e ressignificou para a criação de sua própria teoria.

Suas vivências como mulher, estrangeira, “separada” e mãe, entre outras identidades, trouxeram desde do início de seu trabalho sua identificação com o Feminismo e com o que considerava as reivindicações da mulher. Aos poucos, com as viagens, observações e as leituras políticas, Flora Tristan incorporou ao seu discurso o Socialismo. Com este, ela permaneceu associada, sofisticando sua identidade.

Com o desenrolar de suas viagens e sucessivamente de suas obras, Tristan solidarizou-se e identificou-se com outras situações difíceis e dramáticas. O contexto pessoal de sua viagem e de sua relação de órfã e “bastarda”, juntamente com a situação da família paterna; a metáfora da pária social, que a associava às mulheres de toda parte do mundo em seu estado de dominação; a observação do mundo marginalizado das fábricas, asilos e prisões em sua viagem a Londres, tudo isso fez com que ela relacionasse seus personagens ao contexto político e econômico em que vivia os países visitados, aos países do mundo industrializado, destacando como este teria provocado diretamente diversos tipos de marginalizações. Assim, a autora unificou essas dores na sua obra propriamente política e marcadamente socialista: *A união obreira*.

Neste capítulo, utilizarei o termo Feminismo no singular, pois estou analisando as passagens das obras de Flora Tristan que dizem respeito ao discurso feminista do século XIX. Para ela, de certa forma, tratava-se de um discurso unificado. Digo, unificado no sentido de um conjunto de ideias em que se resumia mais ou menos a luta de direitos políticos e a conectava de forma genérica ao empoderamento feminino. São duas ideias complexas, bem sei, mas diferencio do o que hoje se entende por feminismos, no plural, de acordo com as dissidências e assimilações contemporâneas do movimento feminista, marcado por movimentos múltiplos e diversos. No século XIX, muitos desses “ismos” não seriam pensados e muitas questões não estariam em pauta por vários motivos temporais e filosóficos. Interesse-me em identificar as convergências do discurso feminista em Flora.

Da mesma forma, vou trabalhar com a palavra Socialismo no singular em razão do meu interesse de identificar os discursos convergentes. Embora haja vários autores socialistas do início do século XIX, o termo, comumente utilizado no singular, é uma estratégia metodológica para pensar nos elementos comuns. Apesar de usar o indicativo do adjetivo temporal “utópico”, durante o capítulo não será necessário, porque estarei tratando na maior parte das vezes do discurso anterior ao dito Socialismo Científico. Ainda que o termo tenha ganhado um peso quase pejorativo para socialistas do começo do século XIX, sobretudo por serem denominados como utópicos, utilizo-o com o objetivo de aplicar a desconstrução e não por acreditar em uma desvalorização sobre a teoria socialista posterior.

O termo Socialismo Utópico foi cunhado por Engels em sua obra *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Para Engels, os socialistas do começo do século não tinham a dimensão da concepção materialista da História. Dessa forma, eles não poderiam confrontar totalmente seu “inimigo”. Para esse autor, foi apenas com a concepção do materialismo histórico e “a descoberta do segredo da produção capitalista através da mais-valia”¹⁶³ de Karl Marx que o Socialismo pode converter-se em ciência. Em suas palavras: “Com efeito, o socialismo anterior, criticava o modo de produção capitalista existente e suas consequências, mas não conseguia explicá-lo nem o podia, portanto, destruí-lo, pura e simplesmente, como mau”.¹⁶⁴

Nesse capítulo, dividi a análise do discurso feminista e socialista em duas partes. A primeira dedicar-me-ei em examinar o que é o centro do direcionamento de Flora Tristan sobre as mulheres e a classe operária, enxergando essa vertente nas três obras analisadas. O centro do olhar de Flora Tristan voltado para a mulher está presente nas três obras. No entanto, ela dimensiona mais precisamente a opressão feminina à classe operária. Isso ocorre principalmente na sua última obra em que seu foco passou a ser a classe de proletários de uma forma geral (homens e mulheres proletários). Na segunda seção do capítulo, reservarei espaço para discutir o plano de ações estabelecidos por Flora Tristan, ou seja, seu socialismo feminista ou seu feminismo socialista. A ideia é examinar melhor a consideração das utopias desejáveis dentro de sua obra.

Em grande medida, considero que é neste ponto que Flora Tristan se torna distinta dos demais socialistas utópicos (homens). Para isso, ela direciona as palavras às mulheres

¹⁶³ ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Tradução Rubens Eduardo Frias. 2ª Edição. São Paulo: Centauro, 2005. P. 67.

¹⁶⁴ *Idem*.

e considera a emancipação feminina como algo indissociável da libertação das classes oprimidas, já que o socialismo tradicional generalizaria a opressão em forma de classe, mesmo o socialismo científico. Tristan compreendia que a opressão feminina estava em todos os lugares, mesmo naqueles lugares em que outras opressões já existiam. Seja ela de qual classe for, a mulher estaria sob parâmetros sociais e culturais que as aproximavam na condição de submissão e na ausência de direitos políticos.

Além disso, ao enxergar de uma forma distinta a classe operária, Tristan se distancia em parte da maioria de suas colegas feministas que se inspiravam em suas observações e demandas mais burguesas, que, muitas vezes, nem sequer chegavam aos ouvidos dessas mulheres do povo. Algumas autoras, nem sequer consideravam as demandas da emancipação financeira ou as discussões da libertação dos laços matrimoniais indesejáveis como questões postas em seus discursos. Flora Tristan trouxe uma dupla contribuição ligando os discursos e suas concepções ideológicas.

4.1. As mulheres e a classe operária

Conforme já dito anteriormente, utilizando as palavras de Flora Tristan, o “sofrimento” tem grande peso sobre o seu olhar e concepções. De acordo com Perrot, as mulheres têm uma maior disposição, pois são “habituais visitantes do pobre”,¹⁶⁵ pelos deveres de caridade. Para ela, entre as “mulheres e os locais de sofrimento, existe um vínculo íntimo que passa pelo sentimento do pecado”. Ainda de acordo com a autora, a Igreja e, mais adiante, o Estado percebem essa “aptidão” feminina e transformaram a mulher em um “instrumento de trabalho social”,¹⁶⁶ mas que ficará restrito aos pequenos deslocamentos que não significarão uma inserção da mulher na vida pública e política.

Para Stella Franco, que também analisa essa perspectiva dentro de narrativas de viagens femininas no século XIX, essas características estão diretamente associadas à posição locada às mulheres socialmente. A autora afirma que:

Delicadeza, altruísmo, caridade, cuidados familiares e domésticos, zelo pela família, pelos doentes e pelos pobres são valores e papéis idealizados em relação a um protótipo ideal da mulher no século XIX. Este ideal, que marcou a concepção burguesa de mundo, encontra-se diretamente vinculado a duas questões intrinsecamente associadas. Prepondera, primeiramente, a percepção de que tais papéis e valores correspondiam a uma essência natural determinada pelas qualidades biológicas do sexo feminino, cuja marca era sua fragilidade em relação

¹⁶⁵ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da História*. Edusc: Bauru SP, 2005. P. 366 e 367.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

ao sexo oposto. Na base do discurso da diferença natural entre os sexos encontra-se, por sua vez, o pressuposto da existência de uma hierarquia entre os sexos, na qual as mulheres eram consideradas “naturalmente” inferiores e subordinadas aos homens, hierarquia esta que fundamentou as históricas relações de dominação masculina, buscando limitar os âmbitos de atuação da mulher.¹⁶⁷

Michelle Perrot argumenta que esse sentimento de pecado vinculado a ligação das mulheres pelo sofrimento fez com que mulheres como Flora Tristan se sintam culpadas pela exploração operária (que Tristan se dedicou) e, com isso, apresentem certo remorso diante do luxo e sintam ódio da burguesia. Esse é justamente o lado do discurso de Flora Tristan em que ela vai se aproximar da forma romântica de enxergar o mundo.

O romantismo que nasce no século XIX enquanto movimento artístico travou esse paralelo conflituoso entre ser fruto de uma sociedade burguesa e, mesmo assim, desiludir-se com essa sociedade.¹⁶⁸ A meu ver, essa desilusão romântica encontra adesão em alguns olhares de Flora, apesar dela procurar apresentar-se mais como uma realista do que uma “utopista romântica”.¹⁶⁹ Para Stéphane Michaud a condição feminina tornar-se-á um tema que perpassou por essa crise romântica, vivenciando-se em detalhes. Segundo a autora:

Vida política, industrial, social, científica: não há sector que não seja atingido pelo choque da vaga provocada pelo individualismo das Luzes. A questão feminina levanta-se, inevitável, na intersecção dessas crises. A tal ponto que a expressão “mulher romântica” se torna quase um pleonasmo e redobra o ponto de interrogação que domina a época. (...) Partilha as contradições do tempo, suscetível de avaliar a velha ordem ou, pelo contrário, de lançar sobre os acontecimentos um olhar novo, ao mesmo tempo pragmático e utópico. A política, a religião, a literatura, a moral – palavra-chave que se carrega de conotações desconhecidas – são investidas pela mulher.¹⁷⁰

Com esse “apreço” pelo sofrimento, como mulher e com a percepção já ligada às teorias feministas, Flora expôs enorme compaixão pelas mulheres que foram levadas à prostituição que ela mesma chamou de *mujeres públicas* em sua obra *Passeios em Londres*. A prostituição tem sido um assunto recorrente entre pesquisadores das relações

¹⁶⁷ FRANCO, Stella Maris Scatena, Peregrinas de Outrora. Viajantes Latino-Americanas no século XIX. Editora Mulheres: Santa Cruz do Sul- RS. P. 141.

¹⁶⁸ Utilizo para essa reflexão o livro de Michel Lowy, em que o autor vai caracterizar o movimento romântico como anti-burguês e anti-capitalista. In: LOWY, Michael. *Revolta e melancolia: O romantismo na contramão da modernidade*. Vozes: Petrópolis-RJ. 1995.

¹⁶⁹ Termos utilizado por Elias Thomé Saliba em SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

¹⁷⁰ MICHAUD, Stéphane. A Mulher. In: FURET, François. *O Homem Romântico*. Lisboa: Editorial Presença, 1998. P. 94.

de gênero, mas, hoje em dia, as feministas, de forma mais geral, se voltam para uma legalização da profissão, Flora, em uma perspectiva do século XIX marcada pela religiosidade cristã, não enxergaria dessa forma. Para ela, tratava-se de uma condição que desperta apenas compaixão e assombro. Não casual que a autora dedica o capítulo VIII de seu livro às *Mulheres públicas*, justamente onde ela expõe sua compaixão cristã:

Jamais pude ver uma mulher pública sem ser comovida por um sentimento de compaixão por nossa sociedade, sem sentir o desprezo por sua organização e o desprezo por seus dominadores que repudiam a todo pudor, a todo respeito pela humanidade, a todo amor por seus semelhantes, reduzem a criatura de Deus a seu último grau de obediência, o rebaixam abaixo do chão!¹⁷¹ (Tradução minha)

Quem seriam os “dominadores” que desprezam as *mulheres públicas*, deslocando a universalidade de todo sentimento, respeito e amor divino pelos semelhantes? Trata-se de homens (figuras masculinas) ou se trataria da sociedade como um todo? Flora Tristan definiu a prostituta como um “mistério impenetrável”¹⁷² e a prostituição como uma “loucura horrenda”. A sua moralidade recairia não estritamente sobre a pessoa moral da prostituta, mas sobre a forma de vida e as circunstâncias que levam determinadas mulheres a submeterem-se a tal condição. Por isso, longe de culpabilizar as mulheres e o feminino pela sua própria condição social e moral, Tristan reconhece como culpado a sociedade como um todo. Segundo ela, as mulheres prostituídas estariam condenadas a todo tipo de sofrimento: “Sofre torturas físicas incessantemente repetidas, morte moral a todos os instantes e depreciação de si mesma”¹⁷³.

Para Tristan, a prostituição é a mais horrorosa das pragas produzidas pela desigualdade do mundo, pois seriam uma espécie de atentado contra a organização social, um crime, uma vez que os “preconceitos, a miséria e a escravidão combinam seus nefastos efeitos para produzir essa sublevante degradação”¹⁷⁴.

É nessa perspectiva que Flora abarcou sua forma ampla de enxergar a sociedade e introduzir sua visão feminista, apresentando as desigualdades socioculturais, educacionais, profissionais e econômicas a serem superadas e que explicariam esse problema social. Para a autora, “(...) se fosse a elas admitido receber a mesma educação,

¹⁷¹ TRISTAN, Flora.PL

¹⁷² *Ibidem.*

¹⁷³ *Ibidem.*

¹⁷⁴ *Ibidem.*

a exercer os mesmos empregos e profissões que o homem. Ela não seria tão frequentemente propensa a miséria”.

Continuando o raciocínio sobre as condições nas quais as figuras femininas são subjugadas tanto no campo quanto na cidade, Tristan enfaticamente diz que as “mulheres nascidas na classe pobre são empurradas à prostituição pela fome. As mulheres são excluídas dos trabalhos do campo e quando não são empregadas em uma manufatura não tem outro recurso a não ser servir a prostituição”.¹⁷⁵

Assim como fez em quase toda a obra, Flora Tristan elucida ainda mais esse tópico, enfatizando o peso da desigualdade e o apego ao dinheiro, principalmente quando trata da sociedade inglesa. Ela não poupa críticas duras à sociedade inglesa e a “cidade monstro”. Para fazer seu relato sobre a prostituição, a autora visitou os chamados *finishes*, que eram espécies de cafés ou bares, muito associados a lugares voltados para bebidas e prostituição. Características do pensamento anti-burguês desenvolvido dentro do pensamento do século XIX. O sentimento de exageros criados pelos excessos do sistema econômico, denominado capitalismo.

Tristan corroborou com a lição de Mary Wollstonecraft em que a emancipação da mulher se faria através da educação. Como já dito no segundo capítulo, Tristan era grande apreciadora da obra dessa autora, sobretudo porque a considerou a única escritora inglesa a tratar da libertação feminina e a primeira a dizer que os direitos sociais pertenceriam igualmente aos dois sexos. Tristan também compartilhou com a autora a desilusão da desigualdade dos direitos civis.

Tal como Wollstonecraft em 1792, Tristan dirige sua indignação ao episódio revolucionário de 1830, problematizando as promessas de mudanças que não se realizaram na prática. Aliás, diga-se de passagem, tanto para uma quanto para a outra, tratar-se-ia de um descontentamento romântico.

Ao se referir à autora inglesa, Tristan assim expressa suas desilusões iluministas e socialistas acerca das promessas de transformações civis e políticas, em especial as que recaiam sobre os temas do trabalho, educação e divórcio:

Ela denuncia atrevidamente a quantidade de preconceitos que nós estamos rodeadas; quer para os dois sexos a igualdade de direitos civis e políticos, sua igual admissão nos empregos, na educação profissional para todos, e o divórcio, e o divórcio pela vontade das partes. Fora dessas

¹⁷⁵ *Ibidem.*

bases, disse ela, toda organização social que prometia a felicidade pública, mentiu as suas promessas.¹⁷⁶

Como se vê, Tristan defendeu a posição da autora inglesa que era contrária aos autores que reproduziam o discurso que naturalizava a condição subordinada da mulher e a considerava inferior ao homem. A autora definiu a obra *Defesa dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, como imprescindível, pois, “a felicidade do gênero humano está ligada ao triunfo da causa que defende a reivindicação dos direitos da mulher”.¹⁷⁷ É precisamente esta posição política que Tristan defendeu em todas as suas obras, inclusive a terceira obra, uma vez que expande sua reivindicação à classe operária. Portanto, para Tristan, a emancipação feminina seria algo importante não apenas para o benefício das mulheres, mas, pelo contrário, sem deixá-las de lado, isso abarcaria toda a humanidade.

Em *Passeios em Londres*, ela condenou a vida da mulher inglesa, criticou o sistema educacional, as pequenas ocupações prazerosas, em que a mulher estaria reduzida, até as leis que não permitem nenhuma condição de liberdade as mulheres, sejam elas solteiras ou casadas, sejam condenadas à dependência de um ser do sexo oposto. Para Tristan, a forma mais brutal em que o materialismo da sociedade inglesa se manifestaria era o modo em que os homens anulavam a vida de suas mulheres, suas companheiras. Tristan utilizou esse termo, materialismo, para definir e localizar o que considerava a essência da condição econômico-social que se exercia e estabelecia o domínio desigual das relações entre os sexos.

Em razão das suas percepções críticas e suas leituras socialistas, é provável que Flora Tristan tenha encontrado um caminho ideal para trabalhar pela união do que considerava a classe operária, em suas próprias palavras, “a classe mais útil e numerosa do mundo”. Suas observações sobre as transformações sociais, acarretadas pelo avanço econômico e a acentuada industrialização, somada ao repúdio à desvalorização do ser humano pelo materialismo econômico, e à brutal mentalidade burguesa, permissiva e construtora desse legado de desigualdades, tudo isso parecer trazer à tona a perspectiva de maior dimensão da autora. Para ela, haveria dois grandes grupos sociais excluídos e explorados pela condução social e econômica da nova ordem política: as mulheres e a classe operária seriam igualmente exploradas pela burguesia e pela exploração industrial.

¹⁷⁶ TRISTAN, Flora. PL

¹⁷⁷ *Ibidem*.

Diferente de suas outras obras, *A União Obreira* tem seus leitores definidos, visto que Tristan se dirigiu diretamente à classe operária. Com exceção de alguns trechos direcionados a outros grupos sociais, em que a autora apela ao auxílio do seu propósito, a obra é direcionada para esse grupo e possui o objetivo de conduzir a classe operária a uma união, seguindo suas ideias, seu projeto de ações e reivindicações aos obreiros.

Nesse direcionamento político-social, Tristan intitula um capítulo da seguinte forma, demonstrando clara e sintomaticamente seus interesses socialistas feministas: *Por que menciono as mulheres*. Nesse capítulo, ela argumenta de forma persuasiva aos trabalhadores, porque eles deveriam aderir à luta da emancipação feminina, e porque a união dos operários seria indissociável da luta das mulheres.

De forma argumentativa, Tristan constrói primeiro a imagem feita sobre a mulher, pela Igreja, pela ciência, pelo Estado e pela família. Por várias páginas, explora as nuances dessa condição que teria para ela um histórico de mais de seis mil anos. O trecho enfático e forte, já descrito no terceiro capítulo desse trabalho, faz parte dessa argumentação. Ela lembrou aos trabalhadores da posição de total invisibilidade que eles próprios se encontrariam antes da Revolução de 1789, mas não deixou de destacar que os princípios nos quais a sociedade estabelece sua hierarquia seria mutável e condicionada pelas transformações de ordens diversas. Sobre isso, ela diz em tom vocativo sobre os trabalhadores pós-revolução: “(...). Oh! Se viram muito surpreendidos a compreender que iriam gozar de direitos civis, políticos e sociais, e que, finalmente se convertiam em igual de seu antigo senhor e dono”.¹⁷⁸ Acrescenta: “Sua surpresa foi maior quando se inteirou de que possuía um cérebro absolutamente com a mesma capacidade que um príncipe real por herança”.¹⁷⁹

Dessa forma, a autora constrói seu argumento na transformação dos paradigmas vigentes através da mudança de leis e de uma maior compreensão do homem com os estudos e a ciência. A autora utiliza essa linha de raciocínio para se referir a “possibilidade” para que essa mesma mudança fosse direcionada às mulheres. Depois de expor a condição colocada às mulheres pelos meios citados, Tristan conclui: “E aqui como, desde seis mil anos que o mundo existe, os sábios entre os sábios têm julgado a

¹⁷⁸ Tristan, UO., p. 121

¹⁷⁹ *Idem*.

raça mulher”.¹⁸⁰ Em seguida, há mais informações: “(...) Olhem bem e percebam que espantosa perturbação pode resultar tão só por haver aceitado um falso princípio”.¹⁸¹

Tristan utilizou essa técnica argumentativa para protestar pela não instrução adequada da mulher, pautada pela desqualificação de suas habilidades e pelas limitações de suas ações baseadas pela sociedade. Para Tristan a liberdade da mulher está ligada à sua melhor instrução, ao direito de se educar e competir em espaços de trabalho com os homens. Nessa obra ela amplia e direciona sua explanação à família operária, dizendo que a melhor instrução das mulheres está diretamente ligada a melhor instrução dos homens, através dos filhos e protegidos.

A inferioridade da mulher, uma vez proclamada e dada como princípio, vejam que consequências desastrosas ocasiona para o bem-estar universal de todos e todas dentro da humanidade.

Da crença que a mulher, por sua constituição, carece de força, de inteligência, de capacidade, e que é pouco apta para os trabalhos sérios e úteis, se conduziu muito logicamente que seria perder tempo dar a ela uma educação racional, sólida, severa, capaz de fazer dela um membro útil da sociedade. Por tanto, ela é educada para ser uma graciosa boneca e escrava destinada a distrair a seu dono e o servir.¹⁸² (Tradução minha)

Flora apresenta um discurso contra a discriminação das mulheres de classe média, demonstrando que elas não poderiam ser associadas aos estereótipos sobre a falta de força física, intelectual ou outra capacidade em geral. Para Flora, tal como os homens, seguindo uma perspectiva socialmente holística da época, as mulheres deveriam ser úteis à sociedade.

Contra uma educação demasiadamente feminina, voltada para a graciosidade e passividade, ela reivindica uma educação formal mais compatível com a masculina ou pelo menos uma instrução mais universal. Ao associar as mulheres não instruídas formalmente a bonecas e escravas, negando-as com contundência, Flora demonstrou que elas deveriam ser educadas de forma semelhante às figuras masculinas, já que elas seriam mais úteis se tivessem uma educação mais racional, sólida e severa.

À educação meramente informal, ela reivindica uma educação formal estendida às mulheres. Flora Tristan trabalha muito esse tema antes de convocar ou conclamar os operários para compartilharem das suas ideias. Se, para uma feminista atual, essas

¹⁸⁰ TRISTAN, Flora. UO, p. 120.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 124.

¹⁸² *Idem*.

assimilações do papel invisível da mulher estariam pautadas em falsos princípios científicos e ideológicos, tidos como uma verdade incontestável, para a sociedade do século XIX, isso era uma estranha novidade. As posições sociais da mulher eram dadas como inferiores em tantos aspectos, que tal colocação se tratava de uma estratégia discursiva para tentar introduzir uma nova ideia para os trabalhadores.

A autora reforça essa ideia ao considerar que a mulher influenciava de forma geral a vida dos trabalhadores. Ela pautou sua linha de pensamento da seguinte maneira: “Na vida dos trabalhadores, a mulher é tudo. É a sua única providência. Se falta a ela, falta a todos”.¹⁸³ Assim, apesar de asseverar uma instrução mais “racional, sólida, severa, capaz de fazer dela um membro útil da sociedade”, a falta de instrução, de atividades prazerosas, de conhecimento sobre as coisas e pessoas, tudo isso construía nas mulheres, sobretudo nas mais humildes, um embrutecimento da mente e da alma. Como suas mães, essas mulheres eram infelizes e ríspidas e se tornavam mulheres e mães na mesma proporção de sua educação. Para autora, trava-se de um ciclo infeliz na qual homens e mulheres estariam condicionados. Nesse tom vocativo, Tristan assim se dirige diretamente às mulheres:

Mulheres da classe operária, observem bem, eu peço, que, ao fazer aqui referências a vossa ignorância e incapacidade para educar vossos filhos, não tenho nenhuma intenção de fazer a minha acusação contra o vosso temperamento. Não, eu acuso a sociedade de deixá-las assim incultas, a vocês, mulheres; a vocês, mães, que pelo contrário, tem tanta necessidade de serem instruídas e desenvolvidas, para na sua vez poder instruir e desenvolver aos homens, e crianças confiados aos seus cuidados. As mulheres do povo, em geral, são brutas, malvadas, as vezes duras. É verdade, porém de que provém este estado de coisas como provém o temperamento doce, bom, sensível e generoso, da mulher?¹⁸⁴

Direta e indiretamente, na instrução das mulheres estava o futuro da instrução dos homens e das crianças. Sem problematizar o exclusivismo da educação infantil direcionada às mulheres, reproduzindo até certo ponto os estereótipos dos papéis femininos na família oitocentista, Flora não deixa de asseverar criticamente a necessidade de instrução das “mulheres do povo”, já que tanto a brutalidade, maldade e dureza, quanto a docilidade, bondade, sensibilidade e generosidade das mulheres não seriam um estado de coisas naturais. Elas deveriam ser cultivadas pela educação formal. Como mães, criadoras, amantes e esposas, em todas as fases da vida do homem, uma mulher bem-

¹⁸³ TRISTAN, Flora. PL

¹⁸⁴ TRISTAN, Flora. UO., p. 126.

educada traria benefícios aos homens e à sua comunidade. Tristan utilizou desses pressupostos sociais para convocar a classe obreira à luta feminina, já que o intuito era conchamar os trabalhadores para a bandeira da libertação da mulher. Conforme o seguinte trecho:

Reclamo os direitos para a mulher porque estou convencida de que todas as desgraças do mundo provém deste esquecimento e desprezo que se faz hoje dos direitos naturais e imprescritíveis de ser mulher. Reclamo direito para a mulher porque é o único meio de que se preste atenção na sua educação e da educação da mulher depende a educação do geral, e particularmente, a educação do homem do povo. Reclamo os direitos para a mulher porque é o único meio para obter sua reabilitação frente à igreja, frente a lei e frente a sociedade e porque faz falta essa reabilitação prévia para os mesmos obreiros sejam reabilitados. Todos os males da classe obreira se resumem com duas palavras: miséria e ignorância, ignorância e miséria. Agora, para sair desse labirinto não vejo mais que este meio: começar por instruir as mulheres, porque as mulheres são encarregadas de educar suas crianças machos e fêmeas.¹⁸⁵ (Tradução minha, grifos meus)

Tristan é enfática: ela resume toda sua argumentação em torno dos benefícios e dos direitos da educação das mulheres. Essa é, talvez, a fala mais famosa de Tristan, uma vez que foi o discurso que a colocou entre as autoras feministas e socialistas da primeira metade do século XIX. O trecho acima, é uma síntese da construção da sua perspectiva construída ao longo de suas experiências narrativas e de suas observações em outros países e de suas conversas com as mulheres do povo.

Flora construiu seu ponto de vista, que era o centro nevrálgico do seu discurso, para uni-lo à luta de uma classe tão numerosa quanto a porção feminina da humanidade e tão ávida de instrução. Aqui, está o núcleo duro ou resistente do seu feminismo socialista. Seja por falta de empatia ou por invisibilidade, seja pela construção dos argumentos baseados apenas em critérios de classe ou na luta trabalhadora, outros escritores homens não foram capazes de enxergar ou não atribuíram o valor aos que a autora percebeu tão criticamente.

Ao explorar o alcance de seus livros entre a classe trabalhadora, Tristan teve acesso à dimensão da dificuldade de instruir uma parcela da sociedade que não tinha tempo, dinheiro e nem sensibilidade para tais questões. Para ela, tanto homens e mulheres operários se viam muito distantes de todas as assimilações teóricas em que os intelectuais faziam parte. Essa suposta “essência bruta” da classe operária inspiraria em Tristan a

¹⁸⁵ TRISTAN, Flora. UO., p. 131.

urgência da educação e do direcionamento desse grupo social, na mesma proporção que a força quantitativa e a utilidade social a fascinaria pela magistral união trabalhadora.

É comumente atribuída a Flora Tristan uma frase famosa que parece sintomática na associação intrínseca entre seu feminismo socialista: “A mulher é o proletário do proletário”. Identificando e, até certo ponto, denunciando a dupla assimetria e exploração, Flora demonstra a sobreposição de desigualdades, pois, por mais explorado que seja um homem, ele ainda é capaz de explorar outro ser humano, a sua mulher.

4.2. Para além do utópico

O termo utópico foi inventado pelo escritor Thomas More em sua obra homônima escrita em 1516. A palavra vem do grego: *outopos*, que significa um não-lugar ou lugar que não existe. O termo ganhou o significado de um lugar, uma civilização ideal ou a idealização de um lugar, ganhando a conotação de idealismo, pensamento idealista, fantasioso, algo quase impossível de ser realizado.

De certo modo, os idealistas utópicos não foram muitos e não apenas os socialistas se enquadrariam nessa palavra. Após a divisão proposta por Engels, os escritores do começo do século XIX ganharam esse termo e permaneceram com eles o adjetivo de utópico. Vários desses autores influenciaram Flora Tristan. De maneira geral, ela se encaixaria entre eles. Com o passar dos anos, o termo foi ganhando uma conotação que sugeriria o fantasioso de forma mais enfática, já que o termo foi associado cada vez mais a devaneios, loucuras e sonhos, o que, em certa medida, afastava esses autores da racionalidade pretendida e tão quista no meio intelectual.

Por essas e outras razões, estudamos tão pouco os Socialistas do começo do século XIX, assim como a História, enquanto ciência, deixou à margem durante tanto tempo qualquer estudo que remetesse aparentemente ao subjetivo ou não-empírico, o “esquecimento” científico em geral tem várias histórias e meandros, visto que não se pode esquecer ainda a popularidade acadêmica dos seus sucessores, Marx e Engels, e o seu Socialismo Científico. No entanto, as primeiras feministas, são pouco lembradas em detrimento daquilo que, em sua época, dificilmente, elas poderiam reivindicar.

Seria desnecessário não só atribuir a esses autores o cientificismo proposto pela teoria materialista da História, como também admitir graus do quanto eram realizáveis sobre o que era proposto pelas suas teorias. O mais coerente e analiticamente preciso seria nos questionarmos sobre o que devemos aos autores utopistas e não simplesmente pensar as condições históricas para a realização das ideias. Para os limites desse trabalho, vale

discutir-se quais as concepções e pensamentos idealizados e alinhados à “esquerda” das convenções sociais.

Foram, sem dúvida, as leituras socialistas que deram a Flora Tristan uma maior dimensão da exploração humana, uma crítica à opressão econômica e uma vontade de realizar uma transformação do mundo. Segundo Konder, a autora logo cedo teve contato com o movimento saint-simoniano e com leituras socialistas, como Charles Fourier e Robert Owen, os quais construíram, junto com seu feminismo, uma visão de mundo crítica às diferenças sociais de classe e de gênero e às desigualdades impostas a homens e mulheres no mundo pós-revolução.

Para Elias Thomé Saliba, é essa quebra na continuidade histórica causada pelas Revoluções (Francesa e Industrial) que alimentou o imaginário romântico.¹⁸⁶ De acordo com o autor:

A ansiedade e a expectativa geradas pela combinação dessas mudanças foram tais que excederam, não raro, as dimensões objetivas das transformações, projetando sobre elas uma força simbólica capaz também de alterar a realidade, delimitando-lhe contornos e procedendo, dialeticamente, a uma nova tomada de consciência dos homens. Fica difícil, se não impossível, definir o que foi mais significativo, se a realidade concreta ou a simbólica.¹⁸⁷

Para Saliba é exatamente essa mudança de mundo que inspirou intelectuais a buscar uma idealização de mundo romântica, uma Utopia. Friedrich Engels creditou a nova teoria denominada “Socialismo” tanto às raízes materiais e econômicas quanto à ideias e teorias formuladas na época. Ele credita aos socialistas utópicos os primeiros intelectuais a “colocarem em relevo” os desenganos das instituições políticas e a desilusão com o “triunfo da razão”.

Para Engels, a transformação do socialismo dos pensadores do começo do século XIX em um socialismo científico foi “situá-lo no terreno da realidade”.¹⁸⁸ Dessa forma, Flora Tristan estaria historicamente situada entre os socialistas utópicos denominados por Engels, embora ele cite apenas alguns homens socialistas da época.

Para Michel Winock, que denominou o socialismo de Tristan como um socialismo humanitário, a autora não separa a causa feminina da causa dos proletários; para ele, as

¹⁸⁶ SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 20

¹⁸⁷ *Idem*.

¹⁸⁸ ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Tradução Rubens Eduardo Frias. 2ª Edição. São Paulo: Centauro, 2005.

razões prováveis pelas quais os autores do manifesto comunista não citaram a autora francesa foram seu discurso religioso, sua aversão a ideia de revolução, e seu apego ao princípio de liberdade. O autor analisa:

Não é de espantar que Karl Marx e Friedrich Engels, tão prontos a honrar a memória de Saint-Simon e de Fourier, não digam uma palavra sobre Flora Tristan. Por um lado, o socialismo humanitário dela é alheio à luta de classes que, no Manifesto, eles irão transformar em chave da história; por outro lado, está marcado por um espírito religioso e místico incompatível com o materialismo dos dois. (...). Contudo, e quanto a esse ponto, Marx e Engels esquecem uma dívida para com ela. Antes deles e antes do Manifesto, Flora Tristan preconizou a constituição dos operários como classe distinta, pregando sua união em um partido proletário.¹⁸⁹

Por seu misticismo e religiosidade cristã não ser refratária ao feminismo, Flora tenha sido esquecida como discurso fundador e autoridade legitimadora do socialismo. É sintomático, a política de esquecimento que não contextualiza as perspectivas da autora sobre o tema. Mesmo que o próprio Engels suavize a não utilização dos termos da luta de classes pelos socialistas do começo do século, pois eram alheios a essa teoria histórica, o discurso religioso e a tendência não revolucionária de Tristan a afastaria desses autores. No final de *União Obreira*, a quem Winock denomina como uma utopia, Tristan se diz uma não-revolucionária, associando essa postura política aos comportamentos violentos e radicais: “Quero que entendam bem que não sou uma revolucionária, uma anarquista, uma sanguinária”.

A moral religiosa e o apreço a certos aspectos da ordem social, ao que parece, fazia com que Flora Tristan se identificasse com o “espírito” revolucionário no mundo das ideias, muito mais do que no terreno dos atos hostis. Ela acreditava na transformação de mundo através do alcance de leis mais justas e da união das classes exploradas, mas isso seria alcançado por meio de outros caminhos não radicais. De qualquer forma, não me parece que essa postura moderada fosse necessariamente incompatível com uma visão socialista e feminista do seu próprio tempo.

Marx e Engels, por um lado, não citaram Flora Tristan em seu aclamado Manifesto, nem tão pouco creditaram à autora francesa a original ideia da união da classe trabalhadora, especialmente em função da construção de uma nova ordem e representação políticas, mas certamente os autores alemães a conheciam. Flora Tristan foi citada pelo

¹⁸⁹ WINOCK, Michel. *As vozes da Liberdade. Os escritores engajados do século XIX*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2006, p. 303.

hegeliano Edgar Bauer pela sua colocação a respeito de sua análise sobre a classe trabalhadora em *União Obreira*. A autora defendia a ideia de que, apesar de ser o trabalhador quem mais faz e produz pela sociedade, não é dado a ele nem um direito e nenhuma propriedade.

Bauer criticou Tristan com o argumento que a “limitação” do trabalho do operário não era suficiente para ser creditado a ele o ato de criação, na qual o trabalhador não teria consciência. Essa crítica aparece na obra *A Sagrada Família* escrito pelos socialistas científicos, onde Engels defende a posição de Tristan, e embute sua crítica a Bauer. *A Sagrada Família* tinha um tom sarcástico e inquietante em torno das críticas dos irmãos Bauer. Engels creditou a Tristan “um dogmatismo feminino que pretende possuir uma fórmula em que modela para si a partir das categorias do existente”.¹⁹⁰ O autor finaliza dizendo que o trabalhador cria tudo e é a Crítica crítica¹⁹¹ que nada cria.

O movimento inspirado nas considerações de Conde de Saint Simon inicialmente atraiu Flora Tristan pela capacidade de reunir e dar liberdade de expressão às mulheres, justamente em uma época em que elas careciam de locais onde poderiam ter esse “privilégio” público. Flora se encantou a princípio com ideias do movimento saint-simoniano, que teve uma grande aceitação entre as mulheres e os trabalhadores, pois forneciam um espaço efetivo e simbólico para críticas e debates de questões sociais e políticas. As feministas deste movimento baseavam as suas ações no universalismo dos direitos humanos.¹⁹²

Embora continuasse a ter uma influência saint-simoniana, Flora Tristán teve uma relação pessoal com dois outros socialistas utópicos, Charles Fourier e Robert Owen, que viriam a influenciar profundamente o seu trabalho. Flora Tristán conheceu Fourier em 1835, quando ela teve acesso a sua doutrina, visto que o visitou e trocou correspondências com ele.

Durante sua visita a Inglaterra, Flora teve contato com os representantes do operariado inglês e o movimento “cartista”. A autora reencontrou Robert Owen, que já havia conhecido em Paris, e se tornou uma admiradora de suas ideias. Embora discordasse de algumas concepções de Owen, ela o admirava pelos seus esforços de promover uma

¹⁹⁰ ENGELS, Friedrich. KARL, Marx. *A Sagrada Família*. São Paulo- SP: Editora Boitempo. 2003. P. 30

¹⁹¹ *A Sagrada Família* é uma obra escrita em resposta a chamada “Crítica crítica” de um grupo de intelectuais liderados por Bruno Bauer, em que se denominavam como críticos dos críticos. O título é uma ironia a família Bauer.

¹⁹² VERGARA, Moema de Rezende. O caso da geração de Flora Tristán. *Cadernos Pagu*. Abril de 1999, p. 231.

“união fraternal” dos trabalhadores.¹⁹³ Apesar de sua ligação pessoal como Robert Owen e Charles Fourier, Flora Tristan se apressou a não se definir de forma estanque, como já citado anteriormente, uma vez que ela não se considerava, “nem saint-simoniana, nem fourieista, nem oweniana”.¹⁹⁴ Segundo ela, embora admirasse as ideias dos socialistas, seria necessária uma leitura mais aprofundada das teorias para se classificar como uma “seguidora” desses intelectuais.

Em *União Obreira*, Flora reflete sobre o sentido classista-trabalhista, que, para Carlos Rama, a colocaria em posição de uma socialista de *transición*, pois, segundo o autor, Flora Tristan estaria mais próxima de um socialismo militante e engajado do que uma “utopista”; ela estaria na transição entre o socialismo utópico e o socialismo científico.¹⁹⁵ Discutir a interpretação de Rama sobre a posição de Flora como uma socialista de transição não cabe a esse trabalho, visto que seria necessária uma leitura mais aprofundada de outros autores socialistas, porém é um argumento realmente instigante saber como ele concebe a Flora Tristan, como uma socialista e como intelectual. Não se trata aqui de evitar o problema dicotômico do socialismo utópico ou científico em Flora, mas, a necessidade de encarar a autora como uma socialista feminista ou feminista socialista com múltiplos pertencimentos identitários, mas que reproduz uma perspectiva compatível com uma postura crítica e reformadora da sociedade. O engajamento político e militante, somado às suas ideias socialistas, permite a Flora Tristan, segundo Carlos Rama, ser a “única autora a estar na linha de Owen, Fourier, Saint Simon, Considérant, Leroux, Cabel e Lamennais”¹⁹⁶, outros socialistas utópicos do século XIX.

Em *Passeios em Londres*, Tristan dedica um capítulo à teoria socialista do inglês Robert Owen. A escritora admira o socialista com profundidade, pois ela discorre a respeito de seu caráter bom, de suas grandes intenções para com a humanidade, seu temor a Deus e, sobre suas ideias sobre a organização social. Ela enaltece a constatação de Owen a respeito dos benefícios da educação, da instrução do ser humano, na qual ele mesmo creditava o estudo e as práticas à contribuição para a sociedade. Parafraseando o autor, Tristan assim se refere ao estudo das leis da natureza, a produção de riquezas e de

¹⁹³ KONDER, Leandro. *Flora Tristán. Uma Vida de Mulher, uma Paixão Socialista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

¹⁹⁴ TRISTÁN, Flora. *Passeios em Londres*. Apud. KONDER, Leandro. *Ibidem*. p. 80.

¹⁹⁵ RAMA, Carlos. *Utopismo Socialista*. Venezuela, Biblioteca Ayacucho. 1977.

p. XXI.

¹⁹⁶ RAMA, Carlos. *Op. Cit.*

melhores condições de trabalho: “Estudar as leis da natureza, a produção das riquezas e seu melhor emprego, é ali, disse ele, os meios de ser úteis aos nossos semelhantes e é esse o objetivo de nossa vida”.¹⁹⁷

Tristan reconheceu a respeito das teorias de Owen o caráter mais prático e utilitário das mudanças sociais. É marcante o seu apreço pelo desenvolvimento da inteligência, seu esforço em demonstrar a classe trabalhadora a possibilidade de mudança e melhoria através do amor e da união fraternal. A influência desse autor na sua obra *União Obreira*, é admitidamente clara no discurso de Flora Tristan. Comparando Saint Simon e Fourier com Owen, são os atributos subjetivos, a justiça e a capacidade de observar o imperceptível que gera admiração de Flora sobre este último:

Owen não estudou filosofia, não observou todas as classes das sociedades europeias, na época das convulsões da revolução francesa, e seu espírito não está disposto, como o de Saint-Simon, a formular uma organização social. Não se eleva, tão pouco, como Fourier, o uso da lei do universo para descobrir a lei de harmonia que deve reger as sociedades humanas; nada disso. Owen é um homem de coração amante, de espírito justo e observador. Foi instruído nas manufaturas, onde durante trinta anos teve um número considerável de operários sobre as suas ordens, e onde estudou todas as misérias do pobre.¹⁹⁸(Tradução minha)

A admiração que Tristan demonstrou sobre Owen recaía também em seu caráter prático, sobretudo o apressado por sua experiência de vida, seus estudos e observações empíricas sobre as misérias dos pobres nos setores manufatureiros. Para ela, isso teria elevado seu espírito altruísta e levado ela a considerá-lo uma referência importante para a construção de suas ideias. Como ele mesmo teria sugerido, esse altruísmo serviria como imensas “janelas” para se entender as classes pobres no sistema de organização social proposto por ele

Flora Tristan lançou sua obra inspirada sobre a ótica socialista e envolta de um sentido de mudança social. A *União Obreira* foi lançada em 1843 e se tornou a obra mais conhecida da autora francesa. Embora em seus escritos anteriores Tristan já tivesse construído e ensaiado um discurso de cunho social, demonstrando sua assimilação das ideias feministas e socialistas, foi essa obra em específico que reproduziria uma escrita e intenções diferentes marcadamente feministas e socialista ao mesmo tempo. Considerada

¹⁹⁷ TRISTAN, Flora PL.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

por autores como um panfleto, uma cartilha socialista, um livro de mera intencionalidade e cunho voltado para uma prática da ação social.

Diferente dos outros livros de Tristan, nos quais não há muito conhecimento sobre a origem e a forma como ela financiou a publicação e distribuição dessas obras, no caso da *União Obreira* isso não ocorre, pois sabe-se que ele foi editado e publicado com dinheiro de doações de pessoas que apoiavam às ideias de Flora. Foi com um recurso arrecado por ela própria, uma vez que, inclusive, a autora agradece e credita aos donatários de sua obra. Por essa razão, ela expõe os motivos que a fizeram recorrer à ajuda de terceiros e tomar sua obra como sua contribuição a humanidade. Neste caso, Tristan não é modesta em suas obras ao expor a importância das intenções de seus escritos.

No início de *União*, a escritora lista todos seus contribuintes e suas respectivas contribuições em francos. Entre eles, aparecem nomes famosos, tais como de Louis Blanc e George Sand, sua conterrânea literata; aparecem ainda as senhoritas Pauline Roland e Eugene Sue, admiradoras e seguidoras de Flora Tristan; e sua filha Aline Tristan. Na lista, são ainda nomeados alguns trabalhadores, vários artistas, proprietários, entre outros profissionais tais como arquitetos e professores, além de alguns indivíduos anônimos, segundo a autora, a pedido dos próprios contribuintes. Ela nomeia a quantidade arrecadada e tudo o que fora gasto com a edição, a publicação e a distribuição. Tristan publicou inicialmente quatro mil exemplares de *A União Obreira*, o que, de acordo com Konder, pode ser considerado um número bastante considerável para a época, especialmente se se comparar com o *Manifesto Comunista* e seus iniciais dois mil exemplares.

Como era de se esperar, a forma narrativa dessa obra é outra. Tristan teve em mente o seu público alvo, embora este fosse pensado como algo que ia para além dos trabalhadores. A autora escreve abertamente aos interessados na união proletária e boa parte do livro é de forma direta a eles. Em alguns capítulos, ela se dirige a outras classes sociais, tais como os proprietários e a nobreza francesa.

Ela solicitou auxílio para a construção e divulgação das suas ideias e, por meio delas, procurou instigar outras classes a aderirem a causa operária. Tristan se dirigiu aos seus leitores primários como a classe mais numerosa e útil da sociedade. Na introdução de sua obra, Tristan se dirigiu aos obreiros e obreiras, mas também assentiu a importância dos intelectuais que se propuseram a escrever pela causa operária. No fundo, tratava-se,

ao menos implícita e simbolicamente, um empenho que também era o seu, ressaltando a urgência de ação de classe:

Escuta-me: há vinte e cinco anos, os homens mais inteligentes e mais abnegados têm consagrado suas vidas em defesa de vossa sagrada causa; eles, com os seus escritos, discursos, informes, memórias, pesquisas, estatísticas, tem sinalando, tem constatado, tem demonstrado ao Governo e aos ricos que a classe operária, em atual estado das coisas, se encontra material e moralmente em situação intolerável de miséria e de dor; tem demonstrado que, a consequência desse estado de abandono e sofrimento, resulta necessariamente que a maioria dos obreiros, amargurados pela desgraça, embrutecidos pela ignorância e por um trabalho que excede suas fraquezas, se convertam em seres perigosos para a sociedade.¹⁹⁹

Como em diversos outros trechos, Tristan se empenhou em construir seu discurso com uma narrativa de teor argumentativo, criticando a sociedade que se configurou com descaso para com a classe operária, exatamente naquilo que afetaria a todos os meandros da sociedade: desigualdade social. A escritora trabalha sempre em tom imperativo, visando convencer seus interlocutores potenciais: “Escutem-me”; “Vejam”; “Observem”... Por isso, para ela, seria necessário trazer os leitores para o seu raciocínio, convencê-los das conclusões das quais suas observações chegavam.

A autora escreveu em um tom persuasivo, tocando em pontos importantes que eram ou deveriam ser de interesses de diversos grupos para que aderissem a seus propósitos. Certamente, para Tristan, se a classe mais abastada da sociedade não queria sua cidade cheia de perigosos agentes sociais, acometidos pela desgraça e pobreza, ela deveria trabalhar em favor da classe trabalhadora, uma vez que diversas camadas da sociedade saíam ganhando com a causa trabalhadora.

Seguindo essa lógica, um dos pontos fundamentais de discussão de Tristan é culpabilizar o governo pelo abandono da causa operária. Ela parece indicar essa estratégia para que houvesse uma mudança nesse estado de coisas. Primeiro, a união das classes para fazer frente e força; segundo, exercer a pressão para a discussão e criação de leis que protestassem e reconhecessem a causa trabalhadora; terceiro, que a luta operária estaria dentro da construção de uma organização feita pelos próprios operários, já que era necessário que eles mesmos se conscientizassem e representassem as próprias necessidades derivadas da junção de forças.

Já se sabe que, vez por outra, Tristan tomou em seus discursos um adendo do amor fraternal e valeu-se da forma cristã de ver a humanidade, sobretudo como um argumento

¹⁹⁹ TRISTAN, Flora. UO, p. 67.

para a sensibilização da população em geral e dos operários. Não é à toa que ela tenha usado em suas obras metáforas baseadas em citações e epístolas bíblicas. No entanto, seu poder de retórica era racional e pautava nos escritos de intelectuais, observações e no seu próprio esforço de interpretar a sociedade. O apoio do discurso religioso é quase simbólico, mas trouxe à sua narrativa características da religiosidade católica francesa, bem demarcadas, principalmente se comparada à racionalidade cientificista que se impôs mais tarde nos oitocentos.

Do começo ao fim, a autora trabalhou dessa forma cada argumento de sua obra, combinando racionalidades religioso-teológicas com outras de quilates distintos e aparentemente opostos, sem abrir mão no núcleo resistente de combinar socialismo e feminismo.

A ideia central de *União Obreira* é a união fraternal e total da classe trabalhadora francesa como um todo, sem exclusão baseada em ofícios, idade e sexo, e sustentada pelo auxílio mútuo dentro da união. Ela propunha a construção de lugares destinados à educação dos filhos e filhas dos trabalhadores, além de uma morada para os idosos (solitários) e aos inválidos: os chamados Palácios Operários. Esse é o centro idealizado de sua tese, embora tenha desenvolvido outros detalhes importantes a essa idealização. Para ela, era imprescindível a construção de uma sociedade baseada na força da união da numerosa classe trabalhadora.

A proposta de construção de um abrigo comunal já era uma ideia antiga no trabalho de Tristan. Em sua primeira obra, *Necessidade de dar uma boa acolhida a mulheres estrangeiras*, a autora já havia concebido a construção de um lugar que pudesse servir às mulheres solitárias ou com filhos ao desembarcar na França. Também tinha a intenção da utilização comunal que deveria ser mantida com o dinheiro de pessoas sensíveis a causa dessas mulheres.²⁰⁰

A ideia inicial de Tristan estava pautada na força numérica da classe trabalhadora, visto que uma pequena quantia doada pelos próprios trabalhadores poderia contribuir, viabilizando a arrecadação de uma quantidade significativa de renda para a melhoria da vida dos companheiros de classe e das famílias, em prol da construção solidária e coletiva de uma sociedade mais justa.

A autora construiu sua idealização de forma categórica, elaborando um plano de ação, com motivações, meios e finalidades bem marcadas, todas muito definidas e

²⁰⁰ Konder.

explicadas. Sua narrativa é didática, já que exemplifica, organiza as prioridades e resume quando necessário as ideias trabalhadas ao longo das páginas do livreto. Por isso, quase sempre finaliza seus textos justificando os benefícios de uma adoção imediata a causa de uma união geral dos trabalhadores, optando por um discurso direto no lugar dos subterfúgios poéticos e belos, mas não persuasivos. Como ela mesma aponta,

(...). Desejando convencer, devia utilizar a lógica; embora, a lógica é inimiga jurada das formas poéticas. Por isso evitei com sumo cuidado de me servir dessa forma que gosto, porém que em definitivo não demonstra nada, e que deixa o leitor encantado, mas não convencido.²⁰¹ (Tradução minha).

Em outras ocasiões, a autora já havia demonstrado seu apressado pelas narrativas mais diretas e verdadeiras (entendidas como não-ficcionais) tal como o esforço de escritores mais engajados. Para ela, era notadamente importante que o autor estivesse comprometido com a causa e com a veracidade de sua narrativa. Essa obra, muito diferente de seu primeiro livro, por exemplo, é realmente organizado para fins de compreensão e esclarecimento daquilo que fora dito em suas páginas.

Assim, Tristan divide em capítulos indicando suas ideias para a construção de seu ideário de organização social. Dividido em nove itens está: 1. Como devem proceder os obreiros para a construção da União Obreira; 2. Como devem proceder do ponto de vista material a União; 3. Do ponto de vista intelectual; 4. O emprego dos fundos. 5. Construção dos palácios operários; 6. Condições para as admissões nos palácios; 7. Organização do trabalho nos palácios; 8. Educação moral, intelectual e profissional a dar as crianças; 8. Resultados que devem ter esta educação.

A autora esquematizou os passos a serem seguidos pelos operários a fim de manter suas ideias, em alguns pontos, como na educação das crianças. Ela reconhecia a necessidade de desenvolver melhor as discussões em torno desses assuntos e ainda considerava a importância do aprimoramento das fases citadas para a construção da União. Ela ainda resume no final do livro os nove pontos-chave da União Obreira, que funcionaria claramente como um roteiro de atuação e reivindicação operárias, sem deixar de incluir as mulheres no programa de transformação social:

1.A CONTRUÇÃO DA CLASSE OBREIRA por meio de uma UNION compacta, sólida e indissolúvel; 2 Fazer representar a classe obreira frente à nação por um defensor eleito pela união, pago por ela. 3. Reclamar em nome do direito contra as usurpações e

²⁰¹ TRISTAN. UO. 146

privilégios. 4. Fazer reconhecer a legitimidade de propriedade seus braços. Ela acrescenta: “Na França 25 milhões de trabalhadores tem por toda propriedade seus braços. ” 5. Fazer reconhecer a legitimidade de trabalho de todos e todas; 6. Examinar a possibilidade de organizar o trabalho no estado social atual; 7. Levantar em cada lugar PALACIOS DA UNIÃO OBRERA; 8. Reconhecer a necessidade urgente de dar as mulheres do povo uma educação moral, intelectual e profissional para que se convertam em agentes moralizadores dos homens do povo; 9. Reconhecer, em princípio, a igualdade de direitos do homem e da mulher como único meio de construir a UNIDADE HUMANA²⁰². (Tradução minha, grifos da autora).

Esse é o resumo feito por Tristan dos pontos principais de sua obra. A autora grifa o que considerava a sua tese central. A união, os palácios, os direitos iguais entre os sexos. Todos os outros pontos acabam por ser uma demanda ou consequência desse núcleo resistente de suas ideias. Por isso, Tristan emoldura a importância de reescrever a fim de que a compreensão sejam claras e fixadas as ideias centrais do livro.

Alguns pontos, logo saltam aos olhos, pela ação não declarada da autora em outras vias. O terceiro ponto reclama, em nome do direito, usurpações e privilégios, é um assunto típico da visão anti-burguesa de ver o mundo. Embora Tristan tenha escrito várias críticas a sociedade burguesa e sua sociabilidade excludente, ela não explanou muito sobre esse assunto específico, de uma justiça em torno de privilegiados sociais, o tema claramente da intelectualidade socialista.

O ponto quatro é particularmente interessante, fazer reconhecer a legitimidade da propriedade dos braços. Em uma sociedade em que o centro da organização são as propriedades adquiridas, ou a propriedade privada, seria a bem do trabalhador além de seus próprios braços. E os direitos sobre aquilo que é naturalmente deles e as condições de exercícios de seu trabalho.

O esforço de narrar de maneira mais racional e didática pode ter sido satisfatória, mas não foi suficiente para Tristan conquistar e persuadir seus eleitores facilmente. Tristan compreendeu que, embora os maiores interessados da causa, os operários e operárias, sozinhos, não tinham tempo, dinheiro, conhecimento e sensibilidade para que suas ideias os sensibilizasse. Era necessário um trabalho permanente de divulgação e instrução de seus escritos. A união obreira era para ela um ideal, uma meta de organização social, que valeria o esforço de sua autopromoção.

²⁰² Tristan. UO. P. 193 e 194.

Após ter a “honra” de ouvir em voz alta que seu livro era muito bem feito para ter sido escrito por uma mulher e de sua decepção primária ao não ver os louros de sua obra tão rapidamente, Tristan empreendeu a última viagem de sua vida a fim de divulgar a ideia da *União obreira* entre os trabalhadores da França, experiência especialmente relatada em seus diários.

Durante a viagem, com complicação dos seus ferimentos, com as balas ainda alojadas em seu corpo, a autora faleceu com seus quarenta e um anos de idade. Flora Tristan viveu e morreu pela sua causa política, na esperança que suas obras se tornassem um divulgador da causa das mulheres e dos operários. Ela tinha imenso orgulho e estima pela sua própria força. Morreu na expectativa que seus livros fossem um legado, como de tantos outros escritores anteriores a ela, e que fossem uma herança para a constituição de uma nova sociedade, mais igualitária e fraterna, para aquelas pessoas como ela, que se indignassem e que a construção de um mundo novo não fosse puramente uma utopia.

Nesse capítulo procurei trabalhar com o discurso de Flora Tristan em suas assimilações mais políticas em sua obra idealista, em que ela uniu diretamente as duas vertentes incorporadas por ela: o socialismo e o feminismo. Acredito que a autora se destaca dos seus contemporâneos ao clamar por duas classes numerosas e exploradas, em um objetivo único. Flora extrapola a idealização do feminismo ao incorporar a luta operária e amplia o sentido da exploração política à divisão desigual dos direitos entre os sexos, de forma que um discurso interfere e complementa o outro.

Em vários momentos Tristan alcança uma análise das caracterizações sociais da divisão sexual e como a cultura renega e posiciona os papéis destinados as mulheres. A autora interrogou através de observação e assimilação dos discursos da época, e invocou o questionamento dos paradigmas postos pela religião, pelas leis, pela ciência e pela moral do século XIX. Suas posições são passadas através de uma narrativa de cunho persuasivo, que visa o convencimento do leitor e da sociedade, que almeja conquistar seguidores a sua causa. Seu objetivo era a união combinada da classe operária e das mulheres para uma união fraternal e de ajuda mútua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como principal objetivo a análise do discurso engajado feminista da autora Flora Tristan, além das suas influências socialistas, nos relatos de suas viagens ao Peru e a Inglaterra e de seu livro político. Ela também busca nesse discurso suas escolhas e percepções dentro desses dois movimentos político sociais, que são movimentos de importância crucial para compreender a História contemporânea. Flora Tristan foi uma importante intelectual que uniu excepcionalmente o feminismo e o socialismo em suas obras. Dois movimentos com configurações próximas e ideologias de transformação de uma sociedade, mas que, por muitas vezes, estiveram muito separadas devido a suas próprias particularidades, concepções e dinâmicas. Para este trabalho, considero que é isso que torna as obras de Flora Tristan fontes tão únicas e particulares.

Tracei um olhar acerca do pensamento feminista, pensando sua constituição enquanto eixo fundador e revelador das contradições políticas dos discursos liberais e das transformações econômicas, políticas e sociais das Revoluções do século XIX, que marcaram a chamada História Contemporânea. Com um breve balanço historiográfico de autoras referentes desses tópicos, tracei também algumas necessárias considerações sobre a História dos movimentos feministas, suas limitações e suas bases filosóficas e ideológicas. Inseri minha pesquisa dentro das pesquisas da escrita feminina, dos Estudos Feministas e da História das Mulheres. Para isso, trabalhei os conceitos das teóricas afinadas com os Estudos de Gênero, além de ter dedicado algumas linhas à caracterização dessa vertente historiográfica.

Considero que a biografia de Flora Tristan se faz necessária para entender suas escolhas e suas trajetórias. Os percalços da vida da autora influenciaram de forma significativa sua maneira de analisar o mundo a sua volta, suas preocupações e sua narrativa. Flora Tristan denunciou amargamente a vida da mulher separada, localizada à margem da vida política, por vezes, considerada sem defesa e garantias sociais pelas leis, e hostilizada pela sociedade. Ela configurou a sua metáfora como a Pária. Para Flora, seja qual for a posição social em que ela esteja, a mulher é uma pária da sociedade.

O olhar crítico e a perspectiva denunciante da autora sobre as sociedades que visita também fazem, da fonte, um relato subjetivo sobre os países e sobre as sociedades desses lugares. Isso ocorre sem que nunca deixe de fora dessa percepção o quanto de seus próprios valores (eurocêntricos, franceses, cristãos) estão presentes em seu olhar e em seu

relato. Ela deixa entrever suas influências intelectuais que também foram catalizadoras de sua percepção, o que a faz buscar, selecionar e traduzir em sua narrativa as mesmas.

Flora Tristan também oscilou sua narrativa de diferentes maneiras, contornando as passagens de tempo e espaço de suas obras. A autora demarcou sempre a importância da escrita não-ficcional, como arma de denúncia e de intervenção social. Para ela, a autoria deveria se comprometer com uma causa, ter uma conduta. Demarquei as influências intelectuais da autora, os escritos e escritores feministas e socialistas que fizeram parte e fundamentaram suas inspirações, além de identificar como as concepções literárias estiveram presentes em sua prática discursiva.

Foi necessária uma breve análise a respeito da identidade da autora, ou melhor, as múltiplas identidades contidas e referenciadas em seu discurso. A mulher, a mãe, a mulher separada, a estrangeira, a viajantes, a escritora, a cristã, a feminista, a socialista, a pária. Todas as identidades apontadas em sua explanação, ao lado de outras que a autora deixa um pouco à margem, e aquelas em que ela se automeioou, trouxeram à baila um pouco de como percebia ou representava a si mesma e o mundo. Diante dos questionamentos por trás dessa apreciação, podemos considerar a existência de uma identidade feminista?

Em muitos aspectos e dimensões, Flora Tristan foi uma precursora da união de duas concepções políticas fundamentais para o mundo contemporâneo, isto é, o feminismo e o socialismo. Elas foram colocadas de uma maneira singular, tornando Flora uma escritora do século XIX. Ela traçou um paralelo original ao convocar a uma união da classe operária, introduzindo a luta feminista; enxergou a possibilidade de uma mudança social baseada pela união da classe operária; estabeleceu parâmetros para a inserção dos trabalhadores na ordem política, reivindicando em leis suas ansiedades e expectativas; questionou a divisão dos trabalhadores; enxergou as mulheres do povo e suas necessidades perante a sua classe; denunciou o desprezo dos governos para com a classe mais útil e numerosa da sociedade; elegeu a bandeira da emancipação feminina através da instrução e da mudança das leis; se posicionou diante do que considerou a exploração mais antiga da humanidade: a divisão desigual entre sexos.

Dentro dessas conjecturas, Flora Tristan é uma autora importante e desafiadora, porque construiu sua própria idealização de mundo, seu próprio manifesto socialista, sua própria utopia. Ela emerge em meio a tantos nomes de mulheres importantes do seu século e tantos autores na ordem das teorias sociais. Ela uniu duas ideologias, duas classes exploradas, duas categorias marginalizadas política e socialmente; queria unir dois sujeitos sociais dependentes economicamente; personagens que não determinavam suas

vidas, que não alcançaram a liberdade. Flora Tristan é uma feminista socialista ou uma socialista feminista? A ordem é, por si só, irrelevante. A autora consolida em *União Obreira* uma ideologia constituinte das duas concepções, de dois novos movimentos em expansão.

Buscar compreender o pensamento de intelectuais como Flora Tristan, precursoras do pensamento feminista, é de uma importância fundamental para o entendimento do movimento feminista como um todo e da sociedade e suas hierarquizações baseadas em definições sexuais e de gênero. Compreender o movimento feminista é tentar abarcar parte de como e por que a sociedade ainda legitima ou se opõe a hierarquias histórica e culturalmente estabelecidas há muitos séculos.

Nessa mesma linha de pensamento, os socialistas utópicos também são fontes importantes para a compreensão do pensamento do movimento socialista em geral, de suas conexões com a Revolução Industrial e de todas as consequências e transformações político-sociais, marcando de forma definitiva a contemporaneidade. Esses intelectuais, assim como Engels reconheceu, foram os primeiros a destacar essas “deformações” em que a sociedade estava condenada, embora ele não nomeie esse reconhecimento a Flora Tristan.

As perspectivas históricas que buscam “dar voz” a agentes sociais, por tanto tempo negligenciados da História positivista e tradicional, trazem em si uma importância social marcante. Ao se colocar em primeiro plano, esses personagens e as formas em que eles foram silenciados, é possível analisar também a profundidade e as fissuras das desigualdades presentes inclusive nas pesquisas científicas.

Ao trazer personagens antes esquecidos de forma mais plural, este trabalho procurou construir uma representação historiográfica mais heterogênea da sociedade. O objetivo também é construir uma sociedade que compreende que as desigualdades são frutos de construções e imposições históricas, e mantém vinculações com dimensões política e sociais.

Espero ter contribuído de alguma forma para levar a cabo essas discussões que são imprescindíveis à sociedade e à História Contemporânea. Discussões que auxiliam e prolongam a atenção crítica sobre o passado e, também, sobre nossa sociedade, pois merecem lugar de destaque. Espero ter demonstrado o quanto Flora Tristan contribuiu criticamente com seu olhar engajado, em um só tempo socialista e feminista, para se pensar numerosas questões tão profundas da sociedade do século XIX e que, guardando as devidas proporções, ainda persistem vivamente em nossa sociedade atual.

FONTES:

TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Santa Cruz do Sul. Editora Mulheres e EDUNISC, 2000.

_____. *Passeios em Londres*. 1839. Disponível em biblioteca virtual via <<http://www.cervantesvirtual.com/>> Acesso em abril de 2016

_____. *Union Obrera*. Los libros de abrir. Serie Violeta. De Barris: Barcelona-Espanha. 1986

_____. *Pérégrinations d'une paria (1833-1834)*. Biblioteca virtual Gallica. Disponível na Internet via <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k817343>>. Acesso em abril de 2016.

_____. *Promenades dans Londres*. Biblioteca virtual Gallica. Disponível na Internet via <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1050526h>

>. Acesso em abril de 2016.

_____. *Union ouvrière.Édition populaire*. Biblioteca Gallica. Disponível na Internet via <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626625v>>. Acesso em abril de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALGRANTI, Leila Mezan. *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/UNICAMP, nº 48, nov. 2002.

AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. Volume III. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

BOIRDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUTLER, Judith. Trajetórias do gênero, masculinidades... *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp. 1998.

CHARTIER, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)". *Cadernos Pagu*, n. 4 (Fazendo história das mulheres), p. 37-47, 1995

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos feministas*. UFRJ. Rio de Janeiro. Vol. 2 n. 2. 1994.

DUBY, Georges., PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XIX*. Edições Afrontamento.

ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. 2ª Edição. São Paulo: Centauro, 2005.

- FORGUES, Roland. “O discurso ‘feminista’, social e político de Flora Tristan.” In: TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma Paria*. Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e EDUNISC, 2000.
- FRANCO, Stella Maris Scatena, *Peregrinações de Outrora: viajantes latino-americanas no Século XIX*. Doutorado: História/ Universidade de São Paulo. 2005.
- FURET, François. *O Homem Romântico*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era das Revoluções*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1982.
- _____. *História do Marxismo I: O Marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HOLANDA, Heloísa Buarque de e CAPELATO, Maria Helena Rolim (Coord.). *Relações de gênero e diversidades culturais na América*. São Paulo: Edusp, s/d.
- KONDER, Leandro Socialismo: Idéias que rompenram fronteiras. In: *Historia da cidadania*. Org. Jaime Pinsky e Carla B. Pinsky. São Paulo, Contexto. 2003.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- OPRO, Anna. “Socialismo”. In: BOBRIO, Noberto., MATTEUCCI, Nicola., GIANFRANCO, Pasquino. *Dicionário de Política*. Volume 2. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1992.
- PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, nº 18, 1989.
- _____. “Em que ponto está a história das mulheres na França?” In: *Revista Brasileira de História. Espaço Plural*. São Paulo: ANPUH, v. 14, nº 28, 1994.
- _____. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- _____. *Os Excluídos da História*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2006. p. 186.
- _____. *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PINSKY, Carla Bassanezi e Joana Maria Pedro. Mulheres: Igualdade e especificidade. In: *Historia da cidadania*. Org. Jaime Pinsky e Carla B. Pinsky. São Paulo, Contexto. 2003.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e textos*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- RAGO, Margareth. “Descobrimo historicamente o gênero.” In: *Cadernos Pagu: trajetórias do gênero, masculinidades...* Campinas: UNICAMP, 1998.
- RAMA, Carlos M. *Utopismo Socialista*. Venezuela, Biblioteca Ayacucho. 1977.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SCOTT, Joan W. “Prefácio a Gender and Politics of history” *Cadernos Pagu*. Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: Unicamp, 1994.

_____. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

_____. *cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem*. Editora Mulheres. 2002.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: *Gênero e ciências humanas*. Universidade Federal Fluminense.

TILLY, Louise. Gênero, História das mulheres e história social *Cadernos Pagu*. Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: Unicamp, 1994.

VARIKAS, Eleni. Pária uma metáfora da exclusão das mulheres. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Volume 9, n 18. 1989.

VERGARA, Moema de Rezende. O caso da geração de Flora Tristán. *Cadernos Pagu*. Abril de 1999. p. 223-251.

WINOCK, Michel. *As vozes da Liberdade. Os escritores engajados do século XIX.*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2006.